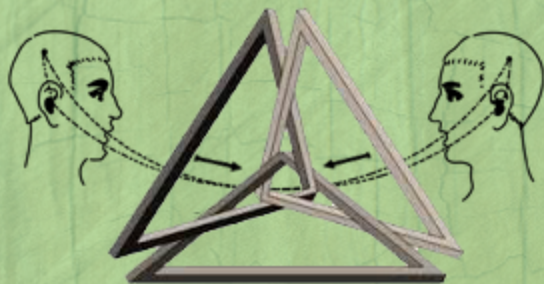


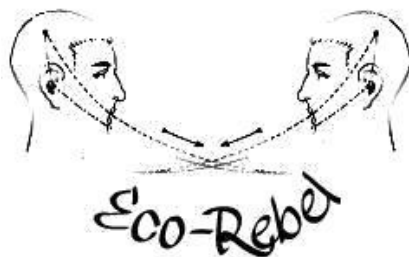
Ecolingüística

**Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem
(ECO-REBEL)**

Volume 5, número 1, 2019



**Programa de Pós-Graduação em Linguística
Departamento de Linguística
Instituto de Letras
Universidade de Brasília**



Editorial

Os Organizadores

Prezadas leitoras, prezados leitores!

É com muita honra e com muita satisfação que abrimos o volume 5, número 1, 2019, de *ECO-REBEL* com o texto "A nova linguística do sistema: por uma linguística ecossistêmica", de Hans Strohner, infelizmente já falecido (em 2006). Como se vê já no título, ele foi o primeiro a usar a expressão "linguística ecossistêmica" por escrito (em 1996). Foi um dos primeiros, se não o primeiro, a falar em metodologia em ecolinguística. Trata-se, como se vê, de um texto clássico na curta história da ecolinguística. O artigo saíra originalmente em alemão em *Sprachökologie und Ökolinquistik* (Tübingen: Stauffenburg, 1996, org. por Alwin Fill). Ele está publicado aqui com autorização do organizador da coletânea.

Em seguida vem o artigo "Promoting Critical Literacy: The Case of Promotional Materials for Burgers", de George M Jacobs & Denise Dillon. Os autores explicam o conceito de letramento crítico, que deve ser incluído no ensino de línguas e como fazê-lo, mediante um projeto piloto de análise crítica de material de propaganda de sanduíches de carne de animais assassinados comparados aos oriundos de plantas. Tudo isso visando a fazer do mundo um lugar melhor.

O terceiro artigo é "Ideas like deer: An ecolinguistic analysis of similes in four nature books", de Zahra Kordjazi. O objetibo principal é mostrar a importância dos símiles no uso linguístico, sobretudo em textos sobre a natureza, como um modo de pensar sobre entidades vivas. O texto fala também do papel dos símiles no ensino/aprendizagem de língua estrangeira. Eles podem ajudar na conscientização sobre a depredação da natureza e na melhoria da própria aprendizagem.

ECO-REBEL

Como prometido no Editorial do número anterior, a propósito do artigo de Konstantin Derzhavin, reproduzimos como quarto texto "A língua francesa antes e depois da Revolução", de Paul Lafargue (1842-1911), genro de Karl Marx. Apesar de ter sido publicado em 1894, ele é interessante por pelo menos quatro motivos. Primeiro, por falar de um movimento importante na história mundial, a Revolução Francesa (1789-1799). Segundo, por mostrar um pouco do que aconteceu com a língua francesa nesse processo. Terceiro por discutir as relações entre a língua e seus meios ambientes social e natural. Quarto, por mostrar que a língua é dinâmica, está sempre se adaptando às novas circunstâncias de seus falantes. O autor começa salientando a visão de língua como organismo que nasce, cresce e morre, e está sempre evoluindo (para se adaptar). Discute bastante pormenorizadamente as tentativas de monitorar a língua para atender os desejos do poder no momento, sobretudo no nível lexical. A maior parte das inovações se deu nesse nível, frequentemente mediante afixação, como *democratizar*, *moralizar*, *centralizar*, *republicanizar*, *desmoralizar*, *desgasconizar*, *destiarar* (de tiara) "desprontificar" (*déprêtiser*), "desassinatura" (*désabonnement*), *legiferar*, *domesticar*, *educar*, *fanfarrear*, *impressionar*, *gestar* etc. Entraram também substantivos e adjetivos, a exemplo de *deputação*, *civismo*, *incivismo*, *propaganda*, *flagelador*, *tiranicida*, *legicida*, *liberticida*, *jornalismo*, *ingovernável*, *burocracia*, *negricida*, *especulador*, *terrorismo*, *terrorista*, *vandalismo* etc. Como se viu nessa pequena amostra, a maioria das inovações entraram também no português, mais um motivo a justificar a reprodução do artigo em tradução portuguesa mais de um século após a publicação original (*L'Ere nouvelle* 1894). Enfim, trata-se de um texto de alto interesse para a linguística ecossistêmica.

O quinto artigo, "Ecologia lingüística no ecossistema catalanófono: breve histórico", de Pere Comellas-Casanova, mostra que a ecolinguística nasceu no seio da sociolinguística na Catalunha há já muito tempo, utilizando conceitos como "ecossistema", "emergência", lutando contra as concepções mecânicas e analíticas e propugnando por uma perspectiva holística. Enfim, adotam-se algumas propostas da ecologia, tais como "conservação" e "diversofilia". Faz-se uso também da teoria da catástrofe e se empregam analogias ecológicas na análise de discurso. Ver minirresenha do livro de Carme Junyent mencionada mais abaixo.

O texto "Linguística Ambiental", o sexto, de Hildo H. do Couto, tenta mostrar que no seio da própria ecolinguística (linguística ecossistêmica) é possível falar-se de questões

ECO-REBEL

ambientais. Salienta que esse não é o único objetivo da ecolinguística em geral, que deve levar consideração a linguagem de uma perspectiva holística. A linguística ambiental é apenas uma das perspectivas a partir das quais se pode estudar a linguagem. Aliás, mais de 80% dos ecolinguistas europeus a praticam, mas usando o rótulo geral "ecolinguística". Ora, isso pode ser feito a partir de qualquer perspectiva (sociológica, psicológica, geográfica, literária, filosófica etc.). A linguística ecossistêmica faz isso também, mas não só. Ela é um ponto de vista unificado para se estudar a língua sob qualquer um dos aspectos que ela possa apresentar.

O sétimo e último artigo, "Para compreender o meio ambiente mental: Anotações de um ecolinguista sobre o cérebro", de Genis Frederico Schmaltz Neto, trata da espinhosa questão do ecossistema mental da língua, mostrando que ele não se desvincula do social nem do natural. Trata-se de uma das poucas tentativas de investigar esse ecossistema da língua e respectivo meio ambiente mental. Em *ECO-REBEL* v. 3, n. 1, 2017, há o texto "Mapa mental", que trata de um assunto correlato. As representações da chamada "linguística neurocognitiva" se aproximam do que diz este artigo. Há muitas informações sobre ela aqui: <http://www.ruf.rice.edu/~lngbrain/main.htm> (19/01/1019).

Este número de *ECO-REBEL* contém uma resenha do livro *Clean meat*, de Paul Shapiro, feita por George Jacobs, da James Cook University, Cingapura. O livro fala da produção de carne sem devastar grandes extensões de terra para pastagem e sem sacrifício de animais. Concordemos ou não, é um assunto que os ecologistas precisam considerar. Para facilitar acesso aos que têm dificuldades com o inglês, apresentamos um resumo da resenha em português, com tradução de Francisco Gomes de Matos (Professor Emérito da UFPE e Presidente do Conselho da ABA Global Education, Recife), que acrescentou o seguinte: "Eu traduziria CLEAN MEAT como equivalente a CARNE PURA"; "Será que os leitores de nossa revista estão cientes que, em vários filmes (principalmente americanos), nos Créditos aparece uma informação de que "nenhum animal sofreu maltrato ou foi morto na filmagem" e que a Humane Society (Sociedade Protetora de Animais) monitorou essa condição?" Enfim, não é usual haver **Abstract** e **Resumo** de resenhas, mas, devido à novidade discutida no livro resenhado, achamos de bom alvitre incluí-los, facilitando aos leitores de língua portuguesa o acesso pelo menos a parte da informação.

Em seguida, vem uma miniresenha do livro *Contra la planificació: una proposta ecolingüística*, da ecolinguista catalã Carme Junyent. Aliás, a autora já usara a palavra

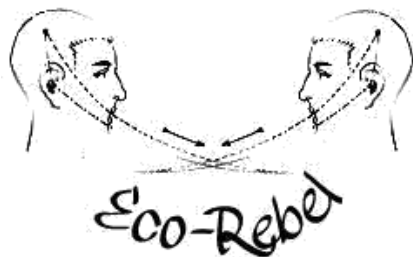
ECO-REBEL

“ecolinguística” no título de um livro (*Les llengües del món: Ecolingüística*, 1989), quatro anos antes do aparecimento do primeiro manual de introdução à disciplina em 1993, como mostra o artigo do também catalão Pere Comellas neste número de *ECO-REBEL*.

Por fim, vem uma entrevista com Francisco Gomes de Matos, um dos primeiros a falar em ecolinguística no Brasil. *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, 2015 contém um miniartigo dele.

Boa leitura a todas e a todos!

ECOLINGÜÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (*ECO-REBEL*), v. 5, n. 1, 2019.



**A NOVA LINGUÍSTICA DO SISTEMA:
POR UMA LINGUÍSTICA ECOSISTÊMICA**

Hans Strohner¹ (Universidade de Bielefeld, Alemanha)

R e s u m o : Um novo modo de ver o mundo está emergindo nas ciências humanas, uma visão orientada para a situacionalidade do comportamento humano e que pode ser conceptualizada mediante a metáfora do ecossistema. De acordo com essa visão, o comportamento pode ser encarado como interação entre organismo e meio ambiente. Partindo de uma visão geral como essa, estão surgindo consequências de longo alcance para a situacionalidade e adaptatividade linguísticas. Além disso, a orientação ecossistêmica da linguística provê uma nova metodologia para a investigação de processos linguísticos bem como novas perspectivas para a aplicação da linguística.

P a l a v r a s - c h a v e : Ecolinguística; linguística ecossistêmica; metodologia.

A b s t r a c t : A new view of the world is now emerging in the humanities, a view oriented towards the situatedness of human behaviour and which may be conceptualized with the ecosystem metaphor. According to this view, behaviour can be analysed as interaction between organism and environment. From such a general view of behaviour, far-reaching consequences for the modelling of linguistic situatedness and adaptivity are developing. In addition, the ecosystemic orientation of linguistics provides a new methodology for the investigation of linguistic processes as well as new perspectives for the application of linguistics.

K e y w o r d s : Ecolinguistics; ecosystemic linguistics; methodology.

1. Introdução

O conceito de sistema não vem sendo tratado com a devida atenção pela maior parte da linguística. A chamada "linguística do sistema" é criticada como sendo reducionista, estruturalista e formalista. A ela é contraposto o desiderato de uma linguística que vai numa direção holística, funcionalista e empirista. Nessa contraposição frequentemente não se vê que o ponto fraco não está no conceito de sistema em si, mas em uma aplicação inadequada dele. A linguagem humana não é um sistema autônomo como às vezes se diz explicitamente ou é aceito implicitamente, mas um sistema que não teria se desenvolvido sem interação com outros tipos de comportamento. Além disso, cada linguagem humana é dependente de uma cultura específica em que ela se insere e da qual faz parte (GIVÓN, 1995; FINKE, 1996).

Atualmente, muitas dessas perspectivas aparecem com os nomes de *ecologia da língua* e *ecolinguística* como mostra a coletânea Fill (1996). Compreende-se que muitos dos

¹ O professor Hans Strohner era da Universidade de Bielefeld, Alemanha, a mesma de Peter Finke, outro precursor da linguística ecossistêmica. Strohner morreu em 2006, com 61 anos de idade.

ensaios contidos nessa coletânea emergiram a partir de uma mesma motivação, mas ainda não apresentam uma base teórica e metodológica unificada. Algumas e alguns representantes da linguística ecologicamente orientada chegam mesmo a abandonar o objetivo da unidade científica em prol da diversidade ecológica. O objetivo do presente artigo é contribuir com a dialética “unidade e diversidade” do pensamento ecológico. Eu acredito que um importante recurso para isso está à disposição no conceito de ecossistema (FINKE, 1983; TRAMPE, 1990; STROHNER, 1996). A abordagem ecossistêmica possibilita uma fundamentação para a ecolinguística tanto do ponto de vista teórico quanto do metodológico. Somente sobre uma base como essa é possível erigir uma práxis racionalmente fundamentada. No que segue vou falar antes de mais nada de alguns aspectos de uma teoria e metodologia ecossistêmica para a linguística e, em seguida, discutirei algumas perspectivas de uma práxis associada a ela.

2. Teoria

Um forte argumento a favor de uma orientação sistêmica na linguística é que assim se coloca à disposição uma sólida base teórica de conceptualização, que já se mostrou válida em outras ciências. A teoria de sistema geral oferece um instrumental conceptual altamente apropriado para a análise de fenômenos complexos, como os que envolvem a língua. Com esse instrumental é possível explorar as características da língua em comparação com outros sistemas bem como determinar as dimensões específicas, os níveis e subsistemas da língua (STROHNER, 1995).

Quando tentamos descrever a linguagem humana desse ponto de vista sistêmico abrangente, acabamos vendo as propriedades de situacionalidade, dinamismo e adaptatividade. A língua é situada, em primeiro lugar, porque se refere ao mundo não linguístico e porque, em segundo lugar, é usada em situações de comunicação. Ela é dinâmica porque durante o uso constantemente se altera do ponto de vista cognitivo e, adaptativa ela é pela capacidade de se adaptar ao seu meio ambiente de modo bastante apropriado. No entanto, quando tentamos tratar dessas propriedades de modo mais preciso, notamos que estamos entrando em terreno virgem, que ainda não foi tratado pela pesquisa linguística. No que segue gostaria de fazer uma primeira aproximação da situacionalidade, dinâmica e adaptatividade da língua.

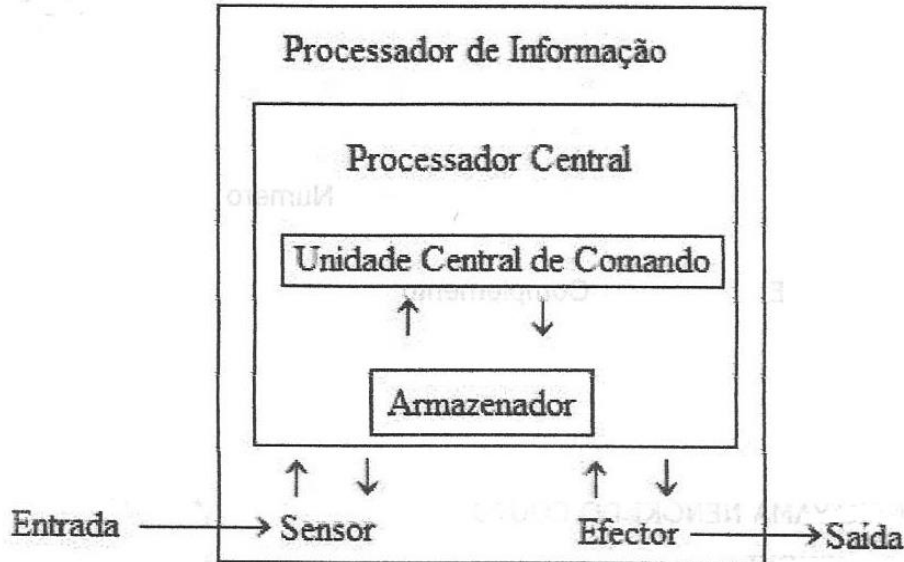
2.1. Situacionalidade do sistema da língua

A ideia básica da nova linguística do sistema refere-se à situacionalidade de seu sistema. Ela se manifesta de duas maneiras: primeiro, na maioria dos casos a língua se refere a fatos não linguísticos em determinadas situações; segundo, a língua é utilizada em situações comunicativas. Vale dizer, nós precisamos tanto de uma teoria semântica situada como de uma teoria pragmática situada a fim de fazer justiça à situacionalidade linguística nos dois níveis. Se a semântica e a pragmática podem ser tratadas apenas situadamente, precisamos pensar na hipótese de se do mesmo modo a sintaxe e o lado sensorio-motor fonológico e gráfico não devem também ser investigados da perspectiva da situacionalidade (RICKHEIT; STROHNER, 1993).

A questão, no entanto, é como lidar com a situacionalidade do sistema linguístico em seus pormenores. As sugestões de solução para uma análise fina da situacionalidade às vezes vão em direções muito diferentes, dependendo da convicção científica e teórica do investigador. Na discussão linguística atual distinguem-se as posições das metáforas do *computador*, do *cérebro* e do *ecossistema*.

A *metáfora do computador* na língua parte do pressuposto de que a linguagem humana em princípio funciona como uma linguagem de programação de um computador. Um

conjunto de símbolos precisamente determinados de antemão com toda exatidão funciona como *input*, processados com base em regras precisas de um cálculo formal; isso gera um *output*, que também consiste de um conjunto de símbolos precisos. As regras individuais são aplicadas uma após a outra, de modo controlado por uma unidade de armazenamento central e os resultados também armazenados em uma unidade a fim de poderem ser recuperados de novo (ver figura 1).

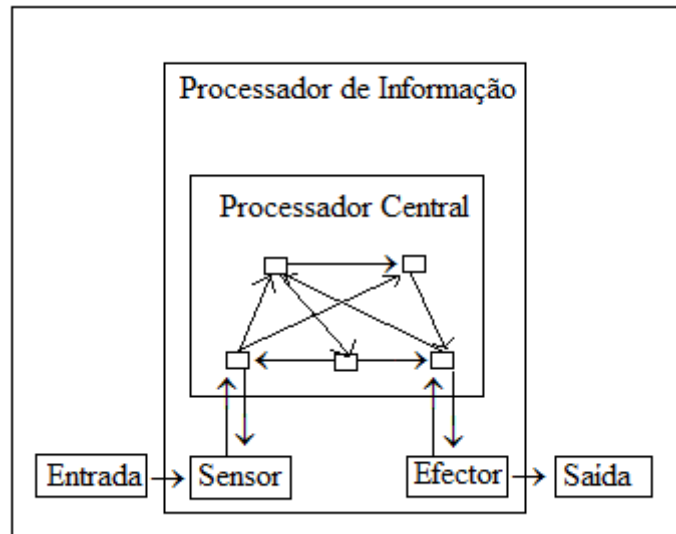


Metáfora do Computador do Sistema Linguístico

Fig. 1

A transposição do modelo do computador para o processamento da linguagem humana, como se tem pretendido até hoje em grande parte da linguística de orientação formal, não é possível por dois motivos: primeiro, o *input* e o *output* do processamento da linguagem humana não são constituídos de símbolos precisamente determinados; segundo, o processamento não se dá mediante regras. Pelo contrário, no processamento da linguagem misturam-se fontes de conhecimento linguístico e não linguístico, as quais se combinam em uma complexa dinâmica com a ajuda de associações e intuições resultando em *coerências emergentes*.

É mérito da *metáfora do cérebro* ter não apenas reconhecido isso, mas ter tirado daí algumas consequências. Se não é o computador que fornece o modelo condutor, então se recorre ao sistema de processamento de informação que de qualquer forma está em íntimo contato com a língua, ou seja, o cérebro. O modo de funcionamento do cérebro difere do computador tradicional, entre outros motivos pelo fato de os processos não serem controlados a partir de uma instância central, com o que muitos processos parciais podem transcorrer paralelamente (ver fig. 2).



Metáfora do Cérebro do Sistema Linguístico

Fig. 2

Os diversos *modelos conexionistas* de processamento da língua tentam aplicar esses achados em seus sistemas. O conexionismo representou um grande avanço na conceptualização do sistema linguístico. No entanto, isso nos fez ver que as teorias linguísticas precisam dar conta de outras coisas, tanto as que se dirigem para dentro quanto as que se voltam para fora do sistema linguístico. Para dentro encontra-se sobretudo a questão da *modularidade*, que ainda não foi totalmente resolvida para a rede de interações conexionista. Para fora tem-se antes de tudo as ligações com o lado sensório-motor e, com isso, a ponte para o meio ambiente do sistema linguístico, com todos os seus subcomponentes sensórios e motores. Intimamente associada a isso está a questão de uma *semântica situada* em uma rede conexionística. Uma tal semântica precisa ter acesso a informações que foram forjadas pelo próprio sistema de processamento linguístico mediante seus sensores; do contrário, a situacionalidade é simplesmente presumida e não adequada para a modelagem da linguagem humana.

Essa falha de muitos sistemas conexionísticos só pode ser superada se o sistema linguístico estiver em contato direto com um meio ambiente não linguístico. Esta é a ideia básica de uma nova concepção de sistema linguístico, que pode ser chamada de *metáfora do ecossistema*. Nessa concepção, adotam-se o sistema de controle descentralizado e o paralelismo no processamento do conexionismo. O pressuposto central, no entanto, é que, além disso, a língua é um sistema cujos *input* e *output* não são pré-dados, mas abertos a todas as informações que o meio ambiente humano oferece (ver fig. 3).

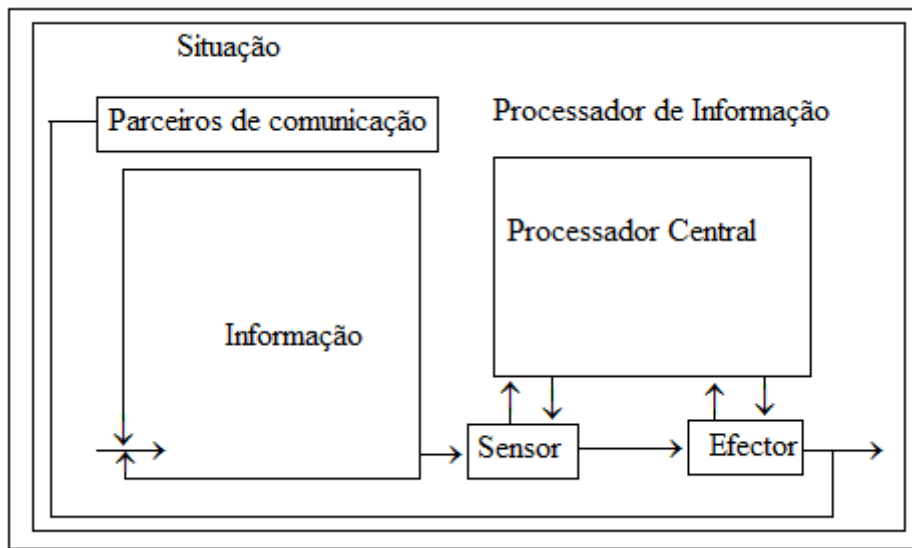


Fig. 3

Metáfora do Ecosistema do Sistema Linguístico

Somente com o sistema linguístico encarado juntamente com todo o seu meio ambiente é possível abrir *input* e *output* para incluir também os participantes na comunicação. Assim, o sistema linguístico vira um sistema de comunicação. No centro de interesse da análise está não apenas um indivíduo humano abstrato, mas também os diversos sistemas sociais produzidos pelos parceiros da comunicação. Os fenômenos de comunicação pertencem de direito ao sistema linguístico, não a um segundo passo adicional de análise como na perspectiva da metáfora do computador e na do cérebro.

2.2. Dinâmica do sistema linguístico

A dinâmica linguística será concebida diversamente, dependendo de em que contexto e com qual metáfora do sistema linguístico a teoria linguística é desenvolvida. Intimamente associada à metáfora do computador está a *metáfora do comando* (*Steuerungsmetapher*) da dinâmica da língua, enquanto que da metáfora do cérebro emerge a *metáfora da regulação*. O resultado da metáfora ecossistêmica é, contudo, uma perspectiva mais ampla da dinâmica linguística, ou seja, a *metáfora da ação*.

A *metáfora do comando* é a visão clássica da dinâmica da língua. Ela está profundamente ancorada não apenas na maioria dos sistemas geradores e escaneadores (*parsing*) construídos com formalismos simbólicos, mas também na *metáfora-emissor-receptor* da comunicação. De um lado está o sistema que governa, sobre cuja atividade o comportamento de um segundo sistema é influenciado (ver fig. 4).

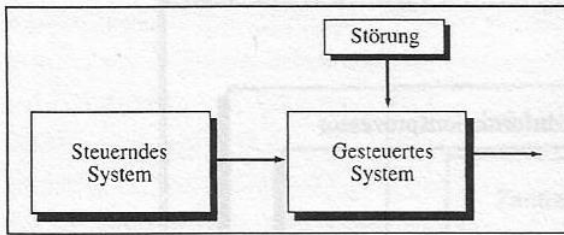


Abb. 4: Die Steuerungsmetapher der sprachlichen Dynamik

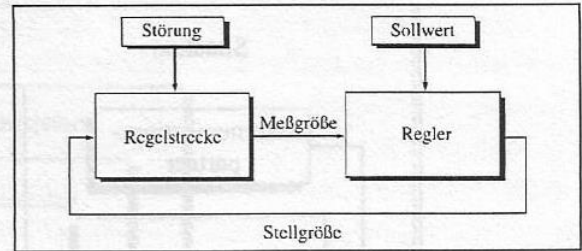


Abb. 5: Die Regelungsmetapher der sprachlichen Dynamik

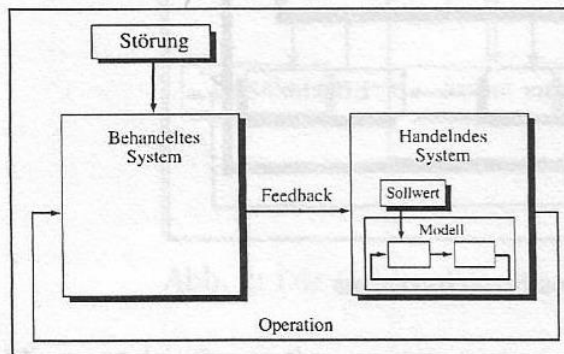


Abb. 6: Die Handlungsmetapher der sprachlichen Dynamik

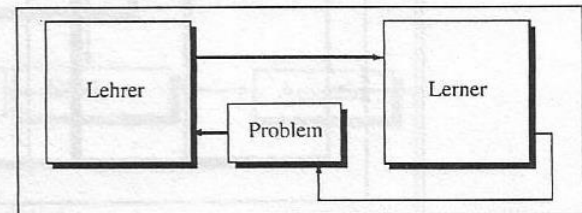


Abb. 7: Die Metapher der Fremdorganisation der sprachlichen Adaptivität

Figs. 4, 5, 6, 7 **

Por meio de uma comparação entre a metáfora do comando e a comunicação humana torna-se logo claro que a primeira não contém importantes aspectos da segunda. Comunicação humana é em geral um processo de inter-relações. A informação geralmente flui não apenas em uma direção, inclusive em comunicações unilaterais, como nos meios de comunicação de massa, em que a reação do receptor do texto produzido é levada em consideração.

Pela consideração do *feedback* tem-se a *metáfora da regulação (Regelungsmetapher)* da dinâmica linguística. A informação vai nas duas direções, de modo que a distribuição de tarefas se alterna constantemente. Sistemas de regulação têm a capacidade de, com auxílio do *feedback*, estabelecer um valor ideal até mesmo diante de ruídos e assim manter o equilíbrio e a estabilidade (ver fig. 5).

Enquanto que a metáfora da regulação se aproxima muito mais da realidade comunicativa do que a metáfora do comando, falta-lhe a *intencionalidade* do comportamento linguístico humano. As pessoas reagem não apenas ao *feedback* comunicativo; elas perseguem determinados objetivos e intenções com a ajuda da língua. Portanto, a dinâmica da língua precisa ser analisada no contexto da *metáfora da ação (Handlungsmetapher)*. A ação pressupõe um modelo interno do meio ambiente, de modo que no contexto dessa representação se pode fixar um objetivo e planejar atingi-lo (ver fig. 6).

Com a concepção da dinâmica da língua como ação, visualiza-se um lado da situacionalidade da língua que fora obscurecido pela metáfora do comando e a metáfora da regulação. Situacionalidade no contexto das ações, tendo como alvo interno ao meio ambiente, deve ser vista como *intencionalidade*. Os problemas filosóficos, teóricos e

metodológicos ligados à intencionalidade ainda não estão resolvidos nem como projeto. Aqui se abre uma tarefa importante para a pesquisa ecolinguística.

2.3. Adaptatividade do sistema linguístico

Os sistemas linguísticos se modificam filogenética, ontogenética e atual-geneticamente. Eles o fazem em interação com seu meio ambiente não linguístico e são, assim, sistemas adaptativos. Como isso se dá, porém, é motivo de polêmica na linguística. A discussão se dá sobretudo entre os defensores da *alter-organização* e os da *auto-organização*. No contexto da metáfora do ecossistema tem-se, ao contrário, a concepção da adaptatividade dos sistemas linguísticos como *solução cooperativa de problema*.

A aplicação da *metáfora da alter-organização (Fremdorganisation)* ao sistema da língua deve ser vista tanto nas posturas *nativistas* como nas simples atitudes de posições de aprendizagem de linguagem. Essas abordagens procuram pelas condições da aprendizagem de língua fora do sistema linguístico descrito pela linguística estruturalista. O modo pelo qual a linguagem de um indivíduo humano se desenvolve é em grande parte produzido por fatores geneticamente determinados ou por fatores externos. A contribuição do próprio indivíduo é mínima (ver fig. 7).

Tanto a posição *nativista* quanto a versão radicalmente *externalista* da teoria da aprendizagem não veem os processos de monitoramento cognitivo de que até mesmo o menor progresso na aquisição de língua precisa. Os processos cognitivos da aprendizagem de língua são levados em conta na *metáfora da auto-organização (Selbsorganisation)*. Desse ponto de vista, as informações externas e genéticas são meras condições secundárias para a construção das estruturas cognitivamente realizadas (ver fig. 8).

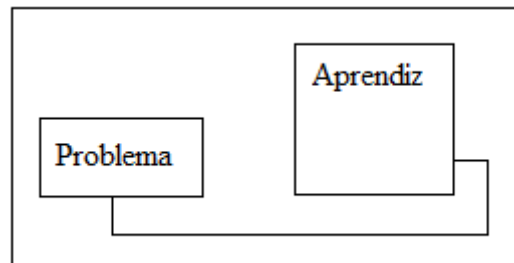


Fig. 8

Metáfora da Auto-organização da Adaptatividade Linguística

Por mais importante que seja a produção cognitiva interna, com seus muitos processos de assimilação e acomodação, para a aprendizagem segura da língua, mais limitadas são as possibilidades de abordagens desse tipo fundamentar as causas da aprendizagem de língua. Mais do que muitos tipos de comportamento humano, a língua tem não apenas a dimensão cognitiva, mas também a comunicativa. A estreita interação entre a criança e seus cuidadores, que perseguem o objetivo do entendimento entre as duas partes, é o motor da aquisição de língua. O entendimento nem sempre é fácil entre parceiros tão desiguais como a criança e os cuidadores. Diversos tipos de dificuldades de ambas partes precisam ser superados. Somente com muita empatia e confiança, como a que existe entre a criança e a mãe, é possível conseguir progressos aparentemente sem esforço. Assim, parece apropriado encarar a adaptatividade linguística como um tipo especial de *solução cooperativa de problema* (ver fig. 9).

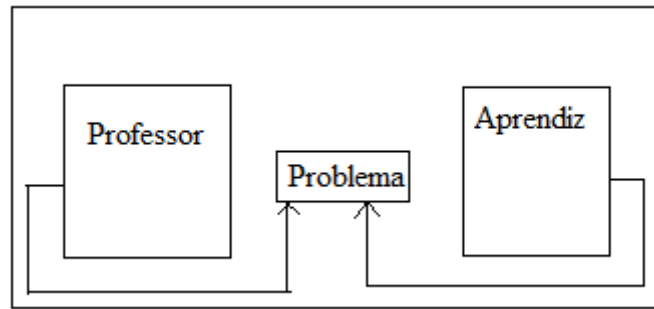


Fig. 9

Metáfora da Solução de Problemas Cooperativa da Adaptividade Linguística

A solução cooperativa de problema se mostra no fato de que há processo de aprendizagem pelos dois parceiros da comunicação. Não é apenas o aprendiz que adquire novas formas linguísticas e novas significações, mas também a pessoa que ensina coleciona novas experiências sobre aprendizagem de molde a aumentar sua capacidade de solucionar problemas. Mediante a colaboração dos dois parceiros no aumento das respectivas adaptatividades a solução cooperativa de problema pode adquirir uma alta efetividade. Além disso, a solução cooperativa de problema é apropriada não apenas como metáfora para a adaptatividade da língua, mas também como fundamento para a metodologia da ecolinguística, que eu gostaria de esboçar brevemente no que segue.

3. Metodologia

Ao lado da teoria, a metodologia é o segundo pilar de uma ciência. Ela tem por objetivo possibilitar uma base racional do conhecimento. A metodologia de uma linguística ecossistêmica se inclui, por um lado, no cânone metódico da ciência social empírica, mas precisa, por outro lado, almejar flexibilidade e criatividade. Novos objetos e novos modelos teóricos exigem novos métodos. Para a aceitação da ecolinguística não apenas no contexto científico, mas também no da sociedade, é de importância fundamental que esses métodos estejam em sintonia com as metodologias desenvolvidas séculos atrás. O destino da ecolinguística dependerá mais da metodologia do que da teoria.

No contexto da solução cooperativa de problemas uma linguística ecossistêmica tem a capacidade de desenvolver uma metodologia que seja muito mais adequada para a língua do que a metodologia da linguística estruturalista e a de um funcionalismo ingênuo. Ela pode conseguir isso, ou seja, relacionar dialeticamente as duas partes construtivas de uma metodologia das ciências sociais -- modelização teórica e observação empírica -- de modo a não se desconjuntar, como em muitas áreas da linguística tradicional. Os três passos desse procedimento metodológico são a *empíria produtora de hipóteses* (*hypothesenerzeugende Empirie*), a *modelização teórica* e a *empíria confirmadora de hipóteses* (*hypothesenüberprüfende Empirie*):

(1) A *empíria produtora de hipóteses* abrange uma grande quantidade de diversas situações de métodos de observação e avaliação que têm em comum o fato de terem que ser feitas na vida quotidiana das pessoas e serem relativamente pouco controladas. Exemplo disso são a interpretação e avaliação de *corpora* de textos de origem oral ou escrita pela análise do discurso. Com base nessas informações, pode-se formular hipóteses sobre as condições de interação entre variáveis. Essas hipóteses devem, no entanto, ser integradas em modelos teóricos e avaliadas mediante procedimentos empíricos controlados.

(2) A *modelização teórica* integra as hipóteses levantadas no primeiro passo de modo que as relações entre elas sejam aclaradas. O uso de uma linguagem formal do ramo do cálculo lógico pode ser de grande valia. Desse modo, fica mais fácil reconhecer sobreposições e tautologias. Mas, como em muitos casos os fenômenos da linguagem são dinâmicos e complexos, temos ainda a ajuda de simulações no computador a fim de se ter uma melhor ideia dos processos individuais.

(3) A *empíria confirmadora de hipóteses* visa a submeter as relações-se-então deduzidas dos modelos teóricos a observações controladas em experimentos. Somente assim podem as hipóteses ser rechaçadas de modo fundamentado ou, então, ser provisoriamente validadas. Justamente nesse âmbito a linguística ecossistêmica tem a possibilidade de superar a atitude amiúde antiexperimento de muitas linguistas e muitos linguistas e, assim, conseguir uma ancoragem muito mais segura para suas asserções.

As três tarefas metodológicas podem ser combinadas de diversas maneiras, seja em um projeto individual ou em vários projetos de pesquisa separados espacial, temporal e pessoalmente. O que não pode ser descuidado nessa atribuição de tarefas, com seus problemas específicos, é que ela deve ser reconhecida e aplicada como parte de uma metodologia integrativa da linguística ecossistêmica. Só assim será possível incrementar a racionalidade fundamental do discurso para o progresso na ecolinguística que, a despeito da necessária diversidade, pode levar a uma base teórica e empírica comum dos conhecimentos.

4. Práxis

O critério mais importante de comprovação da racionalidade de teoria e metodologia é a práxis. Por isso, a linguística ecossistêmica deve esforçar-se para direcionar suas perguntas para problemas relevantes, do ponto de vista prático, da sociedade. Será uma restrição desnecessária da ecolinguística se ela procurar encontrar esses problemas somente no âmbito da depredação de nosso meio ambiente natural. Questões relevantes para a ecolinguística podem ser encontradas em todos os casos em que a informação linguística se dirige a seu objeto problematizando-o, de modo que ele seja visibilizado. Exemplos podem ser encontrados em todas as áreas da sociedade, desde folhetos para medicamentos para informação nos meios de comunicação de massa até a comunicação terapêutica.

Em todas essas áreas exige-se da ecolinguística que contribua com uma práxis racional e emancipatória de nossa sociedade. Ela o conseguirá de modo o mais inequívoco possível se derivar suas recomendações práticas de uma teoria coerente e prová-las com um instrumental teórico e metodológico adequado.

Nota

** Não encontrei traduções técnicas para os termos dessas figuras. Abaixo, seguem algumas sugestões de tradução. De qualquer forma, o texto é inteligível sem as figuras (N. do T.):

Fig. 4: Metáfora do comando da dinâmica da língua

Fig. 5: Metáfora da regulação da dinâmica da língua

Fig. 6: Metáfora da ação da dinâmica da língua

Fig. 7: Metáfora da alter-organização da adaptatividade da língua

Störung = ruído, interferência

Sollwert = valor nominal, valor desejável

Regelstrecke = trecho de regulação, sistema controlado

Messgröße = variável medida, quantidade medida

Regler = controlador

Stellgrösse = variável manipulada

Behandeltes System = sistema tratado

Handelndes System = sistema de ação

Agradecemos Theo Harden pela ajuda na tradução.

Referências

FILL, Alwin (org.). *Sprachökologie und Ökolinquistik*. Tübingen: Stauffenburg, 1996.

FINKE, Peter. Polizität: Zum Verhältnis von theoretischer Härte und praktischer Relevanz. In: FINKE, P. (org.). *Sprache im politischen Kontext*. Tübingen: Niemeyer, 1983, p. 15-75.

_____. Sprache als *missing link* zwischen natürlichen und kulturellen Ökosystemen. Überlegungen zur Weiterentwicklung der Sprachökologie. In: FILL (org.), 1996, p. 27-48.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: Benjamins, 1995.

RICKHEIT, G.; STROHNER, H. *Grundlagen der kognitiven Sprachverarbeitung*. Tübingen: Francke.

STROHNER, H. *Für eine ökologische Sichtweise der Sprachverarbeitung*. ZPSK v. 44, n. 6, 1991, p. 758-770.

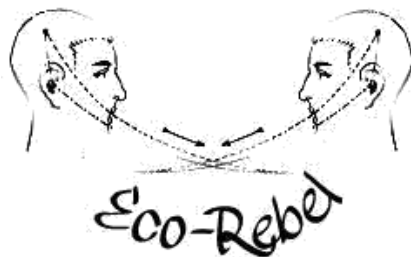
_____. *Kognitive Systeme*. Opladen: Westdeutscher Verlag.

TRAMPE, W. *Ökologische Linguistik*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1990.

Traduzido do alemão por Letícia Coroa do Couto (IFB).

Aceito: 10/01/2019.

Ecolinguística: Revista Brasileira de
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 5, n. 1, 2019.



PROMOTING CRITICAL LITERACY:

THE CASE OF PROMOTIONAL MATERIALS FOR BURGERS

George M Jacobs and Denise Dillon (James Cook University, Singapore)

Abstract: This paper explains what critical literacy is, why it should be included in the teaching of languages, and how to include critical literacy in language education. An example of doing critical literacy is provided via a pilot study of a critical analysis of promotional materials for burgers, both burgers made from animals killed for their meat and burgers made from plant based ingredients. The burger analysis project is described in detail, including the texts and images analysed. Also, the authors offer suggestions on how to implement five pedagogic principles relevant to the learning of critical literacy and to education generally. These principles are: students should be active learners; students should have some input into what they study and how they study it; tasks should be doable for students yet involve some challenge; students should have opportunities to interact with peers and others; and learning should contribute to making the world a better place.

Keywords: Critical literacy, plant based food, burgers, language teaching, critical discourse analysis

Resumo: Este artigo explica o que vem a ser letramento crítico, porque ele deve ser incluído no ensino de línguas e como incluir letramento crítico na educação linguística. Um exemplo de como praticar letramento crítico é apresentado mediante um projeto piloto de análise crítica de material de propaganda de sanduíches, tanto feitos da carne de animais assassinados quanto produzidos a partir de ingredientes oriundos de plantas. O projeto está descrito em detalhes, incluindo-se os textos e imagens analisados. Ademais, os autores apresentam sugestões de como implementar cinco princípios pedagógicos relevantes para o aprendizado de letramento crítico e de educação em geral. Esses princípios são: os estudantes devem ser aprendizes ativos; eles devem ter alguma informação sobre o que estudam e como estudá-lo; as tarefas devem ser factíveis para os estudantes, mas envolver algum desafio; os estudantes devem ter oportunidades de interagir com os colegas e com outros; o aprendizado deve contribuir para fazer do mundo um lugar melhor.

Palavras-chave: Letramento crítico; alimento à base de planta; sanduíches; ensino de língua; análise crítica do discurso.

1. Introduction

The paradigm shift toward cognitivism (GARDNER, 1985) and social-cognitivism (VYGOTSKY, 1978) has profoundly affected education at all levels and in all subject

areas, including second languages. One of these affects has been efforts to mobilize and enhance students' thinking skills. Thinking skills include the abilities to compare, question, connect, categorise, elaborate, give opinions about, apply, evaluate, and investigate ideas (SCRIVEN & PAUL, 1987). In the past centuries, as well as millennia, scholars including Confucius, Socrates, Bacon, and Dewey, have discussed the need for education curricula to include thinking skills as necessary preparation for success in life and fulfilment of the duties of active citizenship (PAUL, ELDER, & BARTELL, 1997). Applying thinking skills in the service of literacy can be termed critical literacy (CL). A related term is Critical Discourse Analysis (TAHMASBI & KALKHAJEH, 2013). Behrman, writing in 2006, stated that CL was already "well established as a major ideological construct influencing literacy education". For example, Behrman reported that in 2004, the International Reading Association, now the International Literacy Association, had formed a committee on Critical Perspectives in Literacy. While CL seems especially important given the accelerated dissemination of fake news, skilled communicators, with both good and nefarious motivations, have long used various language tricks to persuade people to think and act in preferred ways.

CL involves not just skills but also the adoption of a questioning, searching attitude towards what people read, hear, and view. This paper attempts to provide some guidance in how to help students become critically literate. Teachers, even teachers of teenage and adult students, should not assume that students already have CL skills and attitudes. This paper's guidance on teaching CL begins with some basic educational principles. Next, this guidance is applied to the analysis of marketing materials for two types of hamburgers: those made with meat from animals and those burgers made from plants.

2. How To Teach Critical Literacy

The teaching of CL cannot be reduced to a toolbox of techniques, although techniques can be very useful. Morgan and Wyatt-Smith, cited in Behrman (2006), stated that CL is more of a theory than a method. Thus, students and teachers can use whatever methods and techniques they wish to learn and apply CL, i.e., they can evolve their learning methods in a grassroots, organic manner (LUKE, 2000). For instance, ecolinguistics (International Ecolinguistics Association, 2018) offers a wide variety of ways to analyse texts. However, one point to be clear on from the start is that the word 'critical' need not mean that analysts restrict themselves to identifying and shining the light on demerits of texts and the creators of those texts. Instead, just as peer and teacher feedback on student writing should include praise, so too should CL.

As the teaching of CL admits a range of teaching ideas, the authors of the present paper wish to share what they feel are five basic principles of education. Of course, these five principles of education do not constitute the only five important principles.

- (1) Students should be active learners. To quote the poet, Yates, "Education is not the filling of a pail, but the lighting of a fire." In other words, teachers cannot merely pour information, skills, and attitudes into students' minds and hearts. Instead, students need to construct their own learning via such activities as creating visuals, interviewing and other forms of question asking, searching for reasons, and creating categories. CL affords students many ways to actively engage with the texts in their lives.

- (2) Students should have some input into what they study and how they study it. Part of constructing their own learning involves students in having some power to decide what topics to learn, e.g., if the topic is zero waste, students, as groups or individually, can make their own choices about which waste reduction areas interest them, and they can have a role in finding texts for analysis in the areas of their choice.
- (3) Tasks should be doable for students yet involve some challenge. The activities students do should not be so easy that little learning occurs (in students' Boring Zone), nor should they be so difficult that students become frustrated and, again, little occurs (in their Panic Zone). Instead, tasks should be doable yet challenging (in the Stretch Zone). One way of enabling students to be in their stretch zones involves modeling by teachers, in this case, modeling of how to do CL.
- (4) Students should have opportunities to interact with peers and others. Students can learn more when they have many chances to learn with classmates and others. After all, language is about communication. Thus, students need to communicate to learn how to communicate. In CL, students can share with others about the texts they are analyzing and help each other in interrogating those texts.
- (5) Learning should contribute to making the world a better place. Motivation can increase when students feel they have important goals and that others share their goals. This is part of the aim of CL in helping students, not to mention their teachers, to become astute, active citizens of the communities they live in and of the larger world.

3. Applying Critical Literacy to Promotional Materials about Burgers

This section of the paper demonstrates CL with texts used to promote two kinds of burgers. First, some background is provided on the topic of burgers and the texts to be analysed. The history of hamburgers, henceforth 'burgers', can be traced back at least to the 19th century, if not earlier (McWILLIAMS, 2012). However, it was only in the second half of the 20th century that burgers became an iconic food, first in the U.S. and now in many other countries around the world. Furthermore, burgers remain popular. In one recent U.S. survey, 51% of respondents reported that burgers were their most frequent restaurant food (SENA, 2018). Along with the continuing sales of burgers has also come greater variety in the types of burgers available (SENA, 2018), e.g., nowadays, there are more burgers made of plant based ingredients, such as burgers made from soy beans and peas (SCHOUTETEN ET AL., 2016) and under development are burgers made by growing cow cells outside of cows' bodies (SHAPIRO, 2018)¹.

The authors of the current paper thought it would be interesting to use CL to compare the marketing materials of burgers made from animal based ingredients and burgers made from plant based ingredients, also known as vegan burgers, as vegans seek to avoid products, including food, that originate from animals, such as not buying leather shoes and instead purchasing shoes made from other materials. When researchers share their work with others, honesty dictates that the researchers disclose their interests. In the case of the present study, the first author is an activist for veganism, while the second author is not, although she strives to pursue environmentally friendly behaviors.

4. Finding Data

Perhaps, the initial focus when embarking on CL involves finding the data, i.e., the texts that will undergo critical analysis. The initial questions the researchers asked and their answers for those questions were:

From which burger companies to look for materials? In the case of meat burgers, data were available on which were the top selling burgers in the U.S., and it was decided to use materials from the top five selling burger companies in the U.S. (Quick-Service and Fast Casual Restaurant News and Information, 2015). These five companies were, in descending order of sales: McDonald's (2018), Burger King (2018), Wendy's (2018), Sonic (2018), and Carl's Jr. (2018). These companies, especially the largest of the all, McDonald's, have substantial promotional budgets, e.g., Bruno (2017) estimated that McDonald's advertising budget was about two billion dollars annually². As to plant based burgers, the researchers were unable to locate sales data; so, they referred to listings of vegan burgers found on the internet, e.g., PETA (2015), and they asked vegans they knew which plant based burgers were best known to them. From these sources, four companies were chosen, in no particular order: Beyond Meat (2018a), Impossible Burger (2018), Sunshine Burgers (2018), and Field Roast (2018). It should be noted that many animal based burger companies now offer vegetarian burgers at least some of their outlets, although the sauce and buns for these burgers may not be vegan.

Which materials from the burger companies to analyze? The data search was limited to burgers, but any type of burger was included, e.g., some of the companies that sell burgers made from cows also sell burgers made from chickens. Another decision the researchers made was to limit their analysis to static materials and not to analyze videos. Also, the researchers did not look through newspapers and magazines. Instead, they searched only via the internet, and used what is known as a convenience sample, i.e., the materials that were easiest to find. In this case, they used Google search to find advertisements and websites of the two types of burger companies – meat based and plant based. The websites selected were the companies' main, U.S. website if, as was the case for McDonald's, the company had different websites in different countries³.

Staying with the internet made searching easier; the researchers could just type search terms in to Google. Of course, searching on the internet involves skills and flexibility, as well as critical evaluation of search results (LEEDER & SHAH, 2016). Data searches can be modified in a number of ways. For example, the researchers specified that they only wanted to search for English language materials (so that the materials they found would be assessable to the widest audience) from between 2000 and 2018. In addition to choosing the language(s) of the search, researchers can also choose whether to include materials for general audiences or only search for materials created for scholarly audiences, such as university students and lecturers. In the case of the current study, materials for general audience were searched, as the researchers were interested in companies' outreach to the general public. In all, the data selected consisted of 15 advertisements for meat based burgers, as there were many of these available, and seven advertisements for plant based burgers.

All 22 advertisements can be viewed at

<https://drive.google.com/drive/folders/1x8XUTWuB3wxvUwOksatmK9F52CzLTfc5>.

The data also included the websites of the five meat based burger companies and the four of the plant based burger companies. As websites are much larger than single advertisements, only the websites' URLs are supplied to interested readers. These URLs can be found in the reference list at the end of this paper.

5. Analysing the Data

Two ways of analysing data. In general, in CL, two ways can be used to analyse data: top down and bottom up (ROGERS, MALANCHARUVIL-BERKES, MOSLEY, HUI, & JOSEPH, 2005). Top down analysis begins with certain ideas in the researchers' minds. These ideas can come from what the researchers have read, heard, or viewed on the topic being researched. Additionally, top down ideas can come for the researchers' interests. In the case of the present study, the researchers' previous reading led them to suspect that the promotional materials for the meat based burgers might link meat and masculinity (ADAMS, 2015). Additionally, both researchers have an interest in nature and environmental protection; so, they were interested to see what if anything the materials for both types of burgers said about this topic of interest. Two other topics that came from the researchers' background knowledge were: (a) concern for the animals used for food in meat burgers, and (b) the effect of diet on human health. These two topics are prominently mentioned in materials promoting plant based diets.

In contrast to top down analysis of texts is bottom up analysis. In bottom up analysis, researchers start with no preconceived ideas of what to look for in their data. Instead, they read through the data and see what emerges. Once an idea emerges from one text, the researchers check for that idea in the other texts. The Constant Comparative Method (LINCOLN & GUBA, 1985) is one example of a bottom up approach. The one topic in the current study **the emerged** as the researchers were examining relevant texts was the topic of authenticity, i.e., whether burgers provided customers with an authentic burger experience.

In summary, one way to remember the difference between top down and bottom up approaches is to think of people sitting at desks reading books. The people's heads are above the books; thus, what is in their minds, e.g., background information and interests, goes from their heads down to the books, thereby affecting what the people see in the books. Alternatively, in a bottom up approach, the information goes from the books up into the heads of the readers. Of course, researchers can combine top down and bottom up approaches.

The category system used in this study. In the current study, the texts about burgers were examined for the presence of five content categories. The researchers did not investigate about the percentage of a particular category in a particular text, e.g., just one mention of species extinction classified a website as connecting to animal welfare. Each of the five content categories is described below.

1. Environment. The materials were deemed to have environment content if they included topics on environmental protection, such as carbon footprint, and terms such as *organic* and *non-GMO*. The heavy use of the color green was also felt to signal an environmental message.
2. Animal protection. Materials were deemed to contain animal protection content if they included topics about protecting the welfare of farmed animals, companion animals, or wild animals. Terms linked to animal protection were *free range*, *species extinction*, and *ethics*.
3. Health. The researchers categorized materials as containing health content if the companies claimed that their burgers have healthy ingredients or suggested that their

burgers boosted people's health or protected people from disease, such as heart disease. Also, where nutrition information was given, this was seen as fitting in the health category, as it allowed consumers to make informed decisions. Indeed, reading such nutrition information constitutes one aspect of critical literacy. The researchers disagreed somewhat on this category, with the second author feeling that pictures showing healthy ingredients that are not always found with burgers, such as dark green lettuce and bright red tomatoes, should place a text in the health category.

4. Masculinity, especially appeal to heterosexual men. Four features led to materials being categorized as containing content in this area: (a) burgers were likened to seductive females, sometime with pictures of females appearing in the text; (b) not eating the burgers was labeled an act of cowardice, e.g., it was stated that people who did not eat the company's burger were chickens, i.e., cowards; (c) mention of men, e.g., showing a burger and mentioning Fathers' Day; (d) reference to large size, such as the word 'huge', as it is often seen as macho to have a large appetite, whereas females are supposed to be smaller with dainty appetites. (e) seriousness, as women are sometimes seeing the ones involved in serious tasks, e.g., one of meat based burger companies', Carl's Jr's promotional materials stated, "We hope you're hungry, because this menu isn't playing around."
5. Authenticity. Use of words such as *real* and *100%* led to texts being placed in this category. Another way to suggest authenticity was to state the origin of the food, e.g., McDonald's website stated that the fishes whom are used in its salmon burger were captured in Hokkaido. Also, when texts for plant based burgers stated that their burgers were "found in the meat section", this was considered to be making the case for these burgers being authentic.

Four of the five categories in the CL analysis of promotional materials for burgers came from top down thinking. Categories 1, 2, and 3 came from the first author's experience with materials used in advocacy for encouraging people to move towards plant based eating, as often the three main arguments that advocates make are that plant based diets protect the environment, show concern for nonhuman animals, and boost human health. The fourth category came from the extensive literature, e.g., Adams (2015) linking the oppression of human females with the oppression of animals, such as metaphorically describing females as "pieces of meat" and the scientifically unsupported belief that eating meat boosts men's virility (ESPOSITO, GIUGLIANO, MAIORINO, & GIUGLIANO, 2010). The one category derived from a bottom up process was Category 5, authenticity. This category was added because while looking through the materials, the researchers frequently saw reference to whether the burgers and their ingredients were authentic.

Inter-rater agreement. CL research measures what is known as inter-rater agreement, i.e., the extent to which analysis criteria have been sufficiently clarified so that people who analyse the same texts will reach similar conclusions about them. A simple way to assess inter-rater agreement involves two people first working together to decide on and provide details about the analysis criteria. Next, work together to code a few texts together and further define the criteria. Then, the two work alone to each rate all the remaining text. Finally, they compare their ratings, and their percentage agreement is the level of inter-rater agreement. If the ratings are very different, perhaps more discussion is needed in order to make the rating criteria clearer. In the researchers' experience, complete

agreement rarely occurs. The level of inter-rater agreement in the present study was approximately 85%.

6. Results

Table 1 shows how the various promotional materials were coded. Looking first at the advertisements, the data for which appear in the first two columns, what stands out are: (a) none of the advertisements for meat based burgers talked about environment, health, or animal protection, whereas approximately half of the advertisements for plant based burgers included these categories. The fourth category also showed a contrast in the promotional strategies of the two types of companies. Approximately 73% of advertisements for meat burgers include masculinity, whereas only one advertisement, 14%, among the plant burger advertisements touched on masculinity. Perhaps surprisingly, the percentage of plant based burger advertisements touching on authenticity, 71%, was higher than that for the meat based burger advertisements, 33%. The companies’ website presented a quite different picture, with the four of the five categories, other than masculinity, appearing in all or at least half of the websites. This greater presence of most of the categories might have been due to the fact that the much greater size of websites compared to individual advertisements afforded the companies much more space to address the categories. As to why masculinity was coded as appearing in only one of the five meat based burger companies websites, one hypothesis could be that websites are more informational appealing to people’s cognition, while advertisements appeal more to people’s affect.

	AMBB	APBB	WMBB	WPBB
Environment	0/15	4/7	3/5	4/4
Animal Protection	0/15	3/7	4/5	4/4
Health	0/15	4/7	5/5	4/4
Masculinity	11/15	1/7	1/5	1/4
Authenticity	5/15	5/7	4/5	3/4

AMBB = Advertisement for Meat Based Burger; APBB = Advertisement for Plant Based Burger; WMBB = Website for Meat Based Burger; WPBB = Website for Plant Based Burger

Table 1: Results of the coding of the five content categories for the promotional materials examined by the researchers.

The Results section of this paper is short, only two paragraphs and a table. Other times, CL research can lead to a much longer Results section with statistics and graphs. However, the section could also be shorter. The key is that the researchers have some relevant data to present, that they have given some thought to their research topic; they are not just talking off the top of their heads. Also, the researchers have considered others’ opinions and experiences, by reading, viewing, and discussing.

7. Discussion

The Discussion section of this report has four parts. First, various findings are highlighted. Second, explanation is provided as to how the research process modelled the five basic principles of education delineated in the Literature Review section of this report. Third, sharing one's research is discussed. Fourth, suggestions are made for future research.

8. Findings of Interest

This subsection highlights the current study's findings regarding masculinity. While four of the five categories used to analyse the promotional materials – environment, animal protection, health, and authenticity - could be seen as of benefit to the overall good of society, masculinity is more controversial. As Adams (2016) and Craib (1999) discussed, masculinity has been associated with oppression of females, while at the same time, the masculine ideal presents a target which many men reject, while those who seek to achieve that ideal find it unachievable. This raises the question of whether the plant based burger companies should use masculinity to promote their products. For example, in one study, masculinity was associated with behaviours that harmed these environment, whereas green behaviours were seen as unmanly (Brough & Wilkie, 2017). Along the same lines, in one online discussion group for vegan activists, it was argued that using masculinity to sell products is unethical, as it is trying to overcome the oppression of animals (by reducing meat consumption) using methods that support the oppression of females.

9. Modelling Five Basic Principles of Education

Earlier in the present article, five basic principles of education were explained. Below, the authors described some way in which they modelled these principles in conducting the research presented in this paper.

- (1) Students should be active learners. The authors not only read what others had written on their topic; the authors were also active in collecting texts, developing an analysis framework, applying that framework to the analysis of the texts, writing up the results, and preparing to present and otherwise share about their study.
- (2) Students should have some input into what they study and how they study it. The authors modelled having input in various ways, including choosing the topic of their study, deciding on how to code the texts, and how to share their findings.
- (3) Tasks should be doable for students yet involve some challenge. The authors faced many challenges in conducting the current study. For instance, they initially wanted to use the system of text analysis described in Stibbe (2015); however, they found that to be too complicated and, instead, used the simpler, although less in-depth and comprehensive, system found in this paper.
- (4) Students should have opportunities to interact with peers and others. The researchers, who are peers, had frequent discussions during the research. Often, these discussions concerned disagreements. Fortunately, these disagreements were resolved in a friendly manner, as the researchers shared a common goal of producing work which would be of use to fellow educators, as well as those educators' students.
- (5) Learning should contribute to making the world a better place. By doing and disseminating this research, the authors hope to increase people's level of critical literacy, as well as raising awareness of people's food options.

10. Sharing the Results and Discussion

CL involves more than learning for the sake of learning or learning solely for the benefit of those doing the learning. Instead, in the spirit of Dewey (1897) and Roth and Lee (2006), students and teachers are all part of a larger community, and what students learn enriches the knowledge of the community. Therefore, students need to share what they learn in their CL. This sharing can take place in multiple ways. For example, students can do a presentation to their class, make a poster or a video, or they can organise a CL conference where students and others from different classes and schools present and discuss. Also, students can share their findings with relevant government bodies, corporations, and NGOs. In the case of the present study, results can be shared with governments' environment agencies, with burger companies, and with NGOs concerned with food safety. The current paper has already been accepted for presentation at a conference on literacy, and the paper will soon be submitted to an academic journal, as well as being shared via repositories of academic papers, such as academia.edu and ResearchGate.

11. Suggestions for Future Research

Several areas occurred to the researchers of the present study as ideas for others who might like to conduct future studies on related topics. First, while the present study compared promotional materials for meat based burgers with those for plant based burgers, it appears fairly possible that by the early part of the next decade, another type of burger will be available: burgers made of animal meat produced not from the bodies of animals but made via cellular technology outside the animals (Shapiro, 2018). In other words, no animals will be harmed in the production of what is variously called *clean meat*, *lab based meat*, *cultured meat*, or even *meat without feet*.

A second area for future research could be to analyze the promotional materials for the different types of burgers using other analytical frameworks, rather than the five categories used in this study (or one or more of the categories could be redefined). Indeed, one of the many exciting aspects of critical literacy is that so many perspectives can be applied. One prominent analytical framework is that proposed by Stibbe (2015) who uses an ecolinguistic perspective to look at eight areas: ideology, framing, metaphor, evaluation, identity, conviction, erasure, and salience. Application of this framework was beyond the current capabilities of the first author of the present study.

Third, in every study, the researchers make choices, and other researchers can provide a wider perspective by making different choices in the studies that they conduct. In the case of the current study, the researchers looked at promotional materials only in English, from the U.S., and in the current century. Furthermore, they did not look at videos or at promotional materials in newspapers or magazines. Thus, by making other choices as to the materials to analyse, future researchers can contribute to enhanced understanding.

Additionally, the sample size of the materials used in the current study was very small. Thus, this study might best be considered only a pilot study. While, despite the small sample size, the study's result do seem to raise interesting issues, a larger sample size would be likely to shed more light of these issues. In hopes of encouraging more studies

on these and related issues, the researchers set up a Google doc with the advertisements used in their research.

12. Conclusion

This conclusion covers three areas: summarizing the article, suggesting an alternative to consumerism, and highlighting words of wisdom from a leading scholar in CL. First, the key goals of the article are summarized as follows: (a) to encourage the inclusion of critical literacy in literacy learning for students reading of promotional materials for burgers; and (c) to promote greater awareness of food options.

The second part of the conclusion makes a brief point about consumerism. A wide area to which people often apply CL involves making intelligent consumer decisions. In the present study, those decisions concerned which type of burgers to buy. However, Stibbe (2015) pointed out that consumers have wider options than whether to purchase product A or B or C or D. Another option is to buy less and buy simpler, especially for the sake of the environment. Yes, plant based burgers are much greener, but they often contain many ingredients. For instance, the Beast Burger, from Beyond Meat (2018b), contains more than 15 ingredients and is made via a high tech process.

It is hoped that this paper inspires students and teachers to expand their vision of what it means to be literate beyond only the ability to read and write. Freire, a leader in critical literacy, talked about the link between reading the word (basic literacy) and also reading the world (understanding the world we live in, the voices of the various actors in that world, and how to change the world. Freire urged students, teachers, and others to take part in using words as part of “rewriting” (1985, p. 18) the world for the better.

Notes

1. Burgers made from cells, i.e., what might be called ‘cellular agriculture’, are not yet commercially available ([see review of this book in this volume](#)).
2. It might have been better to use data from more countries, but the advantage of using the U.S. data was that, in the researchers’ experience, those data tend to be the easiest to find.
3. The internet was a great help in this regard, and a variety of internet advertisements were used, and all the companies had websites.

References

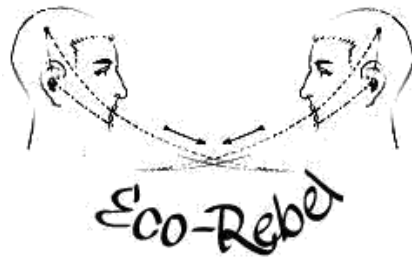
- ADAMS, C. J. *The sexual politics of meat: A feminist-vegetarian critical theory*. New York, NY: Bloomsbury Publishing, 20105.
- _____. *The Carol J. Adams reader*. London, United Kingdom: Bloomsbury, 2016.
- BEHRMAN, E. H. Teaching about language, power, and text: A review of classroom practices that support critical literacy. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, 49(6), 2006, p. 490-498. DOI: <https://doi.org/10.1598/JAAL.49.6.4>
- BEYOND MEAT. Author. Retrieved from <http://beyondmeat.com>
- _____. *Beast Burger 2.0*, 2018b. Retrieved from <http://beyondmeat.com/products/view/the-beast-burger>
- BROUGH, A. R., & WILKIE, J. E. B. Men resist green behavior as unmanly: A surprising reason for resistance to environmental goods and habits, *Scientific American*, 2017. Retrieved from <https://www.scientificamerican.com/article/men-resist-green-behavior-as-unmanly>

- BRUNO, G. McDonald's rethinks its \$2 billion ad budget, 2017. *TheStreet*. Retrieved from <https://www.thestreet.com/story/14362329/1/mcdonald-s-to-examine-how-its-spending-its-ad-dollars.html>
- BURGER KING. Author, 2018. Retrieved from <https://www.bk.com>
- CARL JR'S. Author, 2018. Retrieved from <https://www.carlsjr.com>
- CRAIB, I. *Experiencing identity*. London, United Kingdom: Sage, 1998.
- DEWEY, J. My pedagogic creed. *School Journal* 54, 1897, p. 77-80.
- ESPOSITO, K., Giugliano, F.; MAIORINO, M. I., & GIUGLIANO, D. Dietary factors, Mediterranean diet and erectile dysfunction. *The Journal of Sexual Medicine* 7(7), 2010, p. 2338-2345. <https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2010.01842.x>
- FIELD ROAST. Author, 2018. Retrieved from <http://fieldroast.com>.
- FREIRE, P. (1985). Reading the world and reading the word: An interview with Paulo Freire. *Language Arts* 62(1), 1985, p. 15-21.
- IMPOSSIBLE FOODS. Author, 2018. Retrieved from <https://www.impossiblefoods.com>.
- International Ecolinguistics Association. *About*, 2018. Retrieved from <http://ecolinguistics-association.org>.
- LEEDER, C., & SHAH, C. Practicing critical evaluation of online sources improves student search behavior. *The Journal of Academic Librarianship*, 42(4), 2016, p. 459-468. DOI: 10.1016/j.acalib.2016.04.001
- LINCOLN, Y. S., & GUBA, E. G. *Naturalistic inquiry*. Beverly Hills, CA: Sage, 1985.
- LUKE, A. Critical literacy in Australia: A matter of context and standpoint. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, 43(5), 2000, p. 448-461.
- MCDONALD'S. Author, 2018. Retrieved from <https://www.mcdonalds.com/us/en-us.html>
- MCWILLIAMS, M. *The story behind the dish: Classic American foods*. Santa Barbara, CA: Greenwood, 2012.
- MORGAN, W., & WYATT-SMITH, CM. Im/proper accountability: Toward a theory of critical literacy and assessment. *Assessment in Education: Principles, Policy, & Practice*, 7, 2000, p. 123-142.
- PAUL, R.; ELDER, L.; BARTELL, J. *California teacher preparation for instruction in critical thinking: Research findings and policy recommendations*, 1997. Retrieved from <https://eric.ed.gov/?id=ED437379>.
- PETA (People for the Ethical Treatment of Animals). *Our favorite vegan burger brands*, 2015. Retrieved from <https://www.peta.org/living/food/vegan-burger-brands-that-will-change-your-mind-about-veggie-burgers>
- QUICK-SERVICE and Fast Casual Restaurant News and Information. *The top 50 brands in quick service and fast casual*, 2015. Retrieved from <https://www.qsrmagazine.com/reports/qsr50-2015-top-50-chart>
- ROGERS, R.; MALANCHARUVIL-BERKES, E.; MOSLEY, M.; HUI, D.; JOSEPH, G. O. G.. Critical discourse analysis in education: A review of the literature. *Review of educational research*, 75(3), 2005, p. 365-416.

- ROTH, W. M.; LEE, Y. J. Contradictions in theorizing and implementing communities in education. *Educational Research Review*, 1(1), 2006, p. 27-40.
- SCHOUTETEN, J. J.; DE STEUR, H.; DE PELSMAEKER, S.; LAGAST, S.; JUVINAL, J. G.; DE BOURDEAUDHUIJ, I., ... & GELLYNCK, X. Emotional and sensory profiling of insect-, plant- and meat-based burgers under blind, expected and informed conditions. *Food Quality and Preference*, 52, 2016, p. 27-31.
- SCRIVEN, M.; PAUL, R. *Statement at the Annual International Conference on Critical Thinking*, 1987. Retrieved from <http://www.criticalthinking.org/pages/critical-thinking-where-to-begin/796>.
- SENA, M. *Burger industry analysis 2018 - Cost & trends*, 2018. Retrieved from <https://www.franchisehelp.com/industry-reports/burger-industry-analysis-2018-cost-trends>
- SHAPIRO, P. *Clean meat: How growing meat without animals will revolutionize dinner and the world*. New York, NY: Simon & Schuster, 2018.
- SONIC. Author, 2018. Retrieved from <https://www.sonicdrivein.com>
- STIBBE, A. *Ecolinguistics: Language, ecology, and the stories we live by*. Abingdon, United Kingdom: Routledge, 2015.
- SUNSHINE BURGER. Author, 2018. Retrieved from <https://www.sunshineburger.com>
- TAHMASBI, S.; KALKHAJEH, S. G. Critical discourse analysis: Iranian banks advertisements. *Asian Economic and Financial Review*, 3(1), 2013, p. 124-145.
- VYGOTSKY, L. S. *Mind in society* (Ed. by M. Cole, V. John-Steiner, S. Scribner, and E. Souberman). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.
- WENDY'S. Author, 2018. Retrieved from <https://www.wendys.com>
- Acknowledgements:** The authors gratefully acknowledge the invaluable assistance of Aproop Dheeraj, Fong Shong Jian, and Tan Yi Mei.

Aceito: 10/12/2018.

Ecolinguística: Revista Brasileira de
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 5, n. 1, 2019.



IDEAS LIKE DEER: AN ECOLINGUISTIC ANALYSIS OF SIMILES IN FOUR NATURE BOOKS

Zahra Kordjazi (Ferdowsi University of Mashhad, Iran)

Abstract: Similes animate languages and make communication replete with rich imagery. They are also an indispensable part of any spoken or written text on nature. The present study investigates similes in four nature books by four famous nature authors from different backgrounds through a cognitive lens. Taking into consideration the nature of the source and target domains, each domain was interrogated and, thus, grouped based on fifteen semantically significant categories or variables. Accordingly, the motivation behind their use is unearthed. As conceptual devices for understanding reality, similes are a way of thinking about the living entities. Carefully constructed similes can intensify certain features attributed to a myriad of species over the planet, and thereby enforce sustainable thinking. Finally, the study discusses the importance of nature similes in foreign language learning contexts. It is believed that language learners should be encouraged to write about nature and simultaneously practice the use of creative similes that appropriately fit the ecological context.

Keywords: Ecolinguistics; simile; EFL; conceptual metaphor theory; new materialism

Resumo: Os símiles enriquecem a língua e enchem a comunicação de imagens. Eles são também uma parte indispensável de qualquer texto sobre a natureza, falado ou escrito. Este artigo investiga símiles em quatro livros sobre a natureza, escritos por quatro autores ecologistas de diferentes origens, a partir de uma ótica cognitiva. Levando em consideração a natureza do domínio-origem e do domínio-alvo, cada um deles foi interrogado e, então, agrupado com base em quinze categorias ou variáveis semanticamente significantes. Com isso, descobre-se a motivação por trás de seu uso. Como recursos conceituais para entender a realidade, os símiles são um modo de pensar sobre entidades vivas. Símiles cuidadosamente formados podem ressaltar alguns traços atribuídos a uma miríade de espécies sobre o planeta e, assim, estimular o pensamento sustentável. Finalmente, o artigo discute a importância dos símiles sobre a natureza no contexto da aprendizagem de língua estrangeira. Acredita-se que o aprendiz de língua deve ser encorajado a escrever sobre a natureza e, simultaneamente, passar a usar símiles criativos que se adequam ao contexto ecológico.

Palavras-chave: Ecolinguística; símile; EFL; teoria da metáfora conceptual; novo materialismo.

1. Introduction

Many languages are dying and, thus, making the earth a monoglot place. Crystal (2003, p. 191) says that this would be "the greatest intellectual disaster the planet has ever known". Nettle and Romaine (2000, p. 204), in their discussion on the hegemonic spread of monolingualism, write that "our global village must be truly multicultural and multilingual, or it will not exist at all". Language preservation matters a lot for linguistic diversity is utterly linked with biodiversity. "When a language dies, a leaf fall from the tree of the human mind", warns Griffiths (1999, p. 221). In actuality, a way of being and thinking becomes unknown when a language shades into extinction. To devastate a land is to destroy its language. "To silence a bird is to silence a part of human language and to render a species extinct is to make a simile die", argues Griffiths (1999, p. 223). She continues to say that having doe-eyes, fighting like a tiger, badgering someone, looking owlsh, offering a fishy remark, etc. once were very common expressions and now have lost their figurative incidence and occurrence.

Similes as the main features of imagination have a great influence on the creation of poetic images in literary texts. Nature writers use similes to leave the readers with vivid visual impressions. The distinction between metaphor and simile is one of oldest literary phenomenon in rhetorical theory. The English term *metaphor* derives from Middle French *metaphore*, which comes from Latin *metaphora*, originally from Greek *metaphora*, which means "a transfer" or from *metapherein* which means "transfer; carry over" (KÖVECSES, 2010a, p. 266). From another standpoint, the term *simile* derives from Latin *simile* meaning "resemblance and likeness" (FADAE, 2011, p. 22).

Similes as forms of comparison have an immensely descriptive function. They invigorate languages. Actually, Pierini (2007) is of the opinion that similes fulfil multiple functions. They not only help to communicate briefly and efficiently, but also act as thinking tools to reflect upon the world in novel ways by creating relations of similarity. Rakusan (2004, p. 172) defines a simile "as an asymmetric binary construction divided into two parts by a comparator. The comparator is a stable sign of similes and it is represented mostly by conjunctions, such as *like* or *as*".

Similes like metaphors play a crucial structural role in the processing of conceptual information. These literary devices may take a variety of forms, ranging from conventional, which are commonly used in everyday life, to poetic and creative ones. Discussions on metaphors and similes within various academic fields such as linguistics, cognitive sciences, psychology, philosophy etc. have made a large body of literature. Cognitive linguistics, in particular, views similes in no way different from metaphors for it insists that similes also include an underlying conceptual metaphor in their structure. Lakoff and Turner (1989, p. 133) believe that metaphor and simile are interpretations of the same phenomenon since both are metaphorical statements and simile statements "can employ conceptual metaphor". Disregarding the syntax of metaphor and simile, they are both manifestations of a single basic phenomenon.

Lakoff and Johnson (1980) consider metaphor as a fundamental part of everyday language and thought in their shared work *Metaphors We Live By*. Their cognitive

approach to metaphor stands against the traditional view of metaphor that imprisoned it within the area of rhetoric. Instead, they consider metaphor as a tool for perceiving the surrounding cosmos.

Concisely, grasping and experiencing one type of thing in terms of another is at the core of a metaphor (LAKOFF & JOHNSON, 1980). An adequate perception of a metaphor, by implication, is possible provided that there is a set of conceptual mappings between source and target domains. Source domains contain the concrete and tangible aspects of conceptual structure, whereas target domains include the abstract and complex aspects of conceptual structure (KÖVECSES, 2010). In order to make the connection between the source domain and the target domain the term mapping is used, which stands for a transfer of meaning from one domain to another domain (LAKOFF, 1992).

Lakoff and Turner (1989) discuss the Great Chain of Being, a hierarchical system concerning the forms of being and how they behave. As a folk theory, it also explains how things are interrelated, which, in turn, illuminates why animals and natural events are employed to specify human mental and physical attributes in addition to why animals and nature events may be ascribed human traits in different languages. The Great Chain Metaphor "allows us to comprehend general human character traits in terms of well-understood nonhuman attributes; and, conversely, it allows us to comprehend less well-understood aspects of the nature of animals and objects in terms of better-understood human characteristics", assert Lakoff and Turner (1989, p. 172). In actuality, hierarchical order of existing entities (from substances and inanimate objects to plants, animals, and finally human beings as the highest level) exist in the Great Chain Metaphor. The higher the entity, the more qualities of functioning it has. Inanimate objects have only physical qualities (complex objects have also structural and functional features), plants have both physical and biological features, animals have in instincts addition to the mentioned qualities. Human beings have all the common features with lower levels and additional particular qualities such as reason, higher-order emotions, language, aesthetic sense, personality, and sociability (LAKOFF & TURNER, 1989). This system develops into a metaphorical system when a specific level of the chain is employed to understand another level.

The neural theory evolved out of the studies of Feldman (2006) and Lakoff (2008). The basic tenet of this theory is that metaphor is in the brain, and as Feldman (2006, p. 38) puts it, "connected concepts are neurally connected". He further argues that neurons function in a complex network. Language and thought are totally dependent on brains, bodies, and experiences (FELDMAN, 2006). Based on Lakoff (2008), human beings are born with this neural circuitry which harmoniously operates on two different areas in the brain, which is precisely what happens when it comes to metaphors. Explicitly, when dealing with a metaphor, the literal meanings of the words which constitute the metaphor activate source domain circuitry, whereas the context in which the metaphor occurs activates the target domain circuitry. The more different groups of neurons are activated together, the stronger the circuit between these two groups (FELDMAN, 2006). Although similes are not deeply discussed through the

lenses of the neural theory, it is assumed that they too are characterized by the same neural circuitry.

This study intends to apply the mechanisms of conceptual metaphor theory to simile as a figure of speech. The model of the conceptual metaphor was originally developed with regard to metaphor theory in a cognitive format. The study suggests that conceptual metaphor theory can be a resourceful tool for apprehending similes. Noticeably, similes have not received their deserved attention in research on literature and ecolinguistics, despite their frequent occurrences in ecological discourses.

The study also seeks to examine how the four famous nature authors from different backgrounds frame and conceptualize nature in their use of similes. Another consideration of this research is to interrogate simile conceptualization and evolution over time.

2. Literature Review

Rakusan (2004) takes into consideration the proportion to which similes in four languages include various genera and species of animals which mostly describe human physical, mental, and social properties. Reportedly, the use of certain linguistic fauna is under the influence of the differences in the language users' eco-cultural landscape. Since the Czech and the German culture were mainly a farming culture in the past, their languages incorporate farm animal similes. On the other hand, people in Russia and England were predominantly seafarers and hunters and, thus, they have a preference for wild birds in their use of similes. Colin (2006) conducts a study to establish the number of idioms, among which similes are listed, mainly concentrating on English idioms and the similarities and differences found in equivalent Swedish idioms. The use of similes appears to be quite common among animal idioms in both English and Swedish. The construction is the same as well. In general, no matter what the number of equivalents, both English and Swedish make use of animal names figuratively. Colin (2006) also concludes that the motivation of animal figurative expressions primarily develops as the result of the fauna found in Sweden for Swedish similes, and English-speaking countries for English similes, respectively. Peters (2007) investigates similes and other evaluative idioms in Australian English from the nineteenth century on in electronic and printed resources. Australian bandicoot is hugely present in similes on financial and emotional misery. Australian birds also give the reference point in similes for loneliness and madness. The country dunny as the built environment is strikingly used in similes to picture someone who is alone or stands out awkwardly. In general, the animal and landscape similes point out one major abstract theme of Australian life that is loneliness. Stamenković (2011) analyzes different types of motivation in English animal similes by grouping them into relatively objective, relatively objective and culture-influenced, culture-influenced similes, and similes motivated by mechanisms such as allegory and irony. The concluding remark is that different similes demand different cognitive processes for interpretation. Marland (2015) focuses on Kathleen Jamie's writing style in the essay 'Findings' which is about the writer's encounter with the objects that litter the landscape of the Outer Hebrides. Her use of metaphors and

similes builds a sort of affinity between the human beings and material substances of all kinds from natural to artificial. The essay also revolves around a sense of the uncanny on plastic waste. The writer subtly investigates the meaning and affect of the waste materials by thrusting aside sarcastic and jeremiadic tones that might hinder this investigation.

3. Method

A resourceful linguistic technique for the evocation of the mind style is the use of figurative language, which, following recent research on metaphor (LAKOFF & JOHNSON, 1980; LAKOFF & TURNER, 1989), can be inferred as mirroring idiosyncratic ways of thinking (SEMINO, 2005). Goatly (1997, p. 185) identifies one use of similes as providing "metaphorical frameworks", which means that simile grounds are often themselves metaphorical. A cognitive analysis of similes was carried out using the Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF & JOHNSON, 1999) to fathom out how similes are applied to convey environmental knowledge to the consumers of the lyrical text in order to generate concrete and emotive images.

Taking into consideration the nature of the source and target domains, every domain was interrogated and, thus, grouped based on shared conceptual domains. On the whole, fifteen semantically significant categories or variables that were found in the corpus are as follows: Humans and human body parts, trees, plants, flowers, and their components, animals and animal body parts, natural elements, weather, light and darkness, landforms (e.g. hills, mountains, plateaus, valley, as well as shoreline features), heavenly bodies, objects, technology, buildings, roads, and constructions, food and drink, seasons, occasions, and time, abstract concepts (e.g. idea, notion, dream, death, angel, and monster), and language, science, and art.

The analysis was carried out both quantitatively and qualitatively. Quantitative analysis allows for the comparison of the corpora under the investigation. Qualitative analysis gives deep and detailed information about the corpus, unveiling similarities and differences between the four nature books.

4. Corpus

Books on nature as semiotic textual entities that are constructed with principles provide a second reading to Bakhtin's (1981, p. 294) statement on the multiplicity of voices in discourse:

Language is not a neutral medium; it is populated – overpopulated – with the intentions of others. The word does not exist in a neutral and impersonal language ... but rather it exists in other people's mouth, in other people's contexts, serving other people's intentions.

This study, thus, involves simile analyses of four books on nature:

1. *A Sand County Almanac: And Sketches Here and There*

Aldo Leopold (January 11, 1887 – April 21, 1948) was an American author, scientist, ecologist, forester, and environmentalist. Describing the land around the author's home in Sauk County, Wisconsin, the collection of essays advocates Leopold's (1949) idea of a land ethic, or a responsible relationship existing between people and the land they inhabit.

2. *Becoming Animal: An Earthly Cosmology*

David Abram (born June 24, 1957) is an American philosopher, cultural ecologist, performance artist, and founder of the Alliance for Wild Ethics. In *Becoming Animal: An Earthly Cosmology*, Abram (2010) takes readers into a pleasant journey to visit wild creatures and terrains. His insights grow out of a naturalist's experience in the wild, though encounters with moose, spiders, forests, and shamans.

3. *The Living Mountain: A Celebration of the Cairngorm Mountains of Scotland*

Nan (Anna) Shepherd (11 February 1893 – 23 February 1981) was a Scottish novelist and poet. In this masterpiece of nature writing, Shepherd (1977) describes her journeys into the Cairngorm Mountains of Scotland. Her intense, poetic prose describes the rocks, rivers, creatures and hidden aspects of this remarkable landscape. This non-fiction was written during the 1940s and was not published until 1977.

4. *Sightlines: A Conversation with the Natural World*

Kathleen Jamie (born 13 May 1962) is a prize-winning Scottish poet and renowned nature writer. In *Sightlines: A Conversation with the Natural World*, Jamie (2012) lyrically talks about her close engagement with nature and constantly questions the relationship human beings have with birds, whales, the sea, the land and the weather.

5. Results

The simile interrogations of the corpus along with some examples are as follows:

The book by Leopold (1949) contains the least number of similes in the corpus, based on Table 1. The most recurring category in the source domains is human and human body parts at 30%. In the target domain, the most frequent category is animal and animal body parts at 36%. For the most part, the author's attention is focused on the humans, animals, and the world of plants in both domains. Having a highly ethical regard for America's relationship to the land in addition to wildlife conservation, Leopold (1949) uses similes to give depth and intelligence to the animals and plants he writes about so that they are imbued with the same importance, liveliness, and intricacy as any human character.

Leopold's (1949) recognition of the existence of an active agency in the wildlife and humans' interconnectedness with the surrounding world are reflected in his novel use of nature similes. His ecological viewpoint rests upon the equal intrinsic worth of all living beings, which also forms the foundation of his land ethic, which "simply

E C O - R E B E L

enlarges the boundaries of the community to include soils, waters, plants, and animals, or collectively: the land” (Leopold, 1949, p. 173).

Examples for the source domain:

- (1) The male woodcock, while doing his peenting prologue to the sky dance, is like a short lady in high heels.
- (2) Like other artists, my river is temperamental; there is no predicting when the mood to paint will come upon him, or how long it will last.

Examples for the target domain:

- (3) Doves and quail fluttered over this banquet like fruit-flies over a ripe banana.
- (4) A rough-legged hawk comes sailing over the meadow ahead. Now he stops, hovers like a kingfisher.

Table 1 The result of the simile analysis of *A Sand County Almanac*

Domain Categories	Source	Target
Human and human body parts	15 (30)	11 (22)
Trees, plants, flowers, and their parts	9 (18)	8 (16)
Animal and animal body parts	11 (22)	18 (36)
Natural elements	1 (2)	2 (4)
Weather	1 (2)	–
Light and darkness	–	–
Landforms	4 (8)	3 (6)
Heavenly bodies	1 (2)	–
Objects	5 (10)	1 (2)
Technology	1 (2)	–
Buildings, roads, and constructions	–	2 (4)
Food and drink	–	–
Seasons, time, and occasions	–	–
Abstract concepts	2 (4)	2 (4)
Language, science, and art	–	3 (6)
Total	50 (100)	50 (100)

Abram (2010) mainly resorts to objects and, then, animals for the source domain, with percentages of 18.4 and 16.7 respectively. The categories on humans and abstract concepts are the frequent ones with regard to the target domain with percentages of 28.1 and 14, according to Table 2. He views the world from a multisensorial perspective and believes that the ultimate source of carnal knowledge is the thoughtful human body. Moreover, the use of similes in *Becoming Animal* is

indicative of the author's conceptualization of nature as a complex and layered interplay of the human life with that of non-human.

As a contemporary American nature writer, Abram (2010) does not show direct and complete influence from the earlier American writer Leopold (1949) by often resorting to objects and abstract concepts in his use of similes. Sensuous natural science and multi-sensory ecology fascinates Abram (2010) and, thus, are reflected in his use of similes in particular when he resorts to abstract concepts for the second domain.

The sensitivity to the multiple layers of perception upon the world is evident in the language of Abram's (2010) poetic prose. To him, everything is alive and has intelligence or awareness. Everything has a mind. Correspondingly, body has a mind. The commonly held view is that the mind is located in the brain. However, Ackerman (1990, p. xix) asserts that the mind "travels the whole body in caravans of hormone and enzyme, busily making sense of the catalogue of wonders we call touch, taste, smell, hearing, vision". The attention to multisensorial immersion of human beings in the more-than-human terrain is inexhaustibly worked into the language of Abram (2010).

Examples for the source domain:

- (5) We've lost hearing in one ear; the other rings like a fallen spoon.
- (6) The rest of our planet spins, like a slowly wobbling top, around that stable center.
- (7) A grove of whispering aspens—tall, sun-dappled trunks like elegant giraffe necks.
- (8) The sun is now perched, like a kingfisher, upon the high ridge of the mountain

Examples for the target domain:

- (9) I stand at dawn in his yard, patient and still like the trees across the road.
- (10) My feet are like ears listening downward.
- (11) Some vital ideas were like creatures wholly unaccustomed to human contact.
- (12) Certain ideas were like deer, visiting our awareness in much the same way that wild deer make contact with us.

E C O - R E B E L

Table 2 The result of the simile analysis of *Becoming Animal*

Domain Categories	Source	Target
Human and human body parts	12 (10.5)	32 (28.1)
Trees, plants, flowers, and their parts	14 (12.3)	4 (3.5)
Animal and animal body parts	19 (16.7)	10 (8.8)
Natural elements	1 (0.9)	3 (2.6)
Weather	5 (4.4)	11 (9.6)
Light and darkness	–	7 (6.1)
Landforms	15 (13.2)	9 (7.9)
Heavenly bodies	5 (4.4)	7 (6.1)
Objects	21 (18.4)	1 (0.9)
Technology	4 (3.5)	2 (1.8)
Buildings, roads, and constructions	2 (1.8)	1 (0.9)
Food and drink	2 (1.8)	–
Seasons, time, and occasions	–	1 (0.9)
Abstract concepts	8 (7)	16 (14)
Language, science, and art	6 (5.3)	10 (8.8)
Total	114 (100)	114(100)

The Table 3 shows that objects, animals and plants are the recurring source domain categories in the book by Shepherd (1977). Landforms, animals, and plants often occur for the second conceptual domain. The nature similes in the book encapsulate the wide range of multisensorial engagements with the flora and fauna amassed over years of exploring the Cairngorms.

As a unique mountain literature, the book is not obsessed with reaching the summit but walking in the mountain. It is through the constant wandering in the mountain

E C O - R E B E L

that the author weaves nature similes, which revolve around the natural inhabitants of the mountain and imply her tactile and evocative obsession with its wild life.

Examples for the source domain:

(13) Moths like oiled paper

(14) Normally deer are silent creatures, but when alarmed they bark like an angry dog

(15) Especially the roes, the very young ones, dappled, with limbs like the stalks of flowers

Examples for the target domain:

(16) Far off, another peak lifts like a small island from the smother.

(17) A young squirrel, caught upon his own occasions, will behave like the young fawn.

(18) Bog asphodel like candle flame.

Table 3 The result of the simile analysis of *The Living Mountain*

Domain Categories	Source	Target
Human and human body parts	10 (10.1)	10 (10.1)
Trees, plants, flowers, and their parts	12 (12.1)	19 (19.2)
Animal and animal body parts	14 (14.1)	20 (20.2)
Natural elements	5 (5.1)	12 (12.1)
Weather	5 (5.1)	6 (6.1)
Light and darkness	3 (3)	3 (3)
Landforms	10 (10.1)	22 (22.2)
Heavenly bodies	3 (3)	–
Objects	15 (15.2)	–
Technology	1 (1)	1 (1)
Buildings, roads, and constructions	2 (2)	1 (1)
Food and drink	8 (8.1)	–
Seasons, time, and occasions	1 (1)	3 (3)
Abstract concepts	5 (5.1)	2 (2)
Language, science, and art	5 (5.1)	–
Total	99 (100)	99(100)

Jamie’s (2012) *Sightlines* is the only book in the corpus that heavily relies on similes for nature description, as Table 4 presents. Objects, animals, and human beings appear a lot in the source domain, with percentages of 20.4, 19.7, and 17.7. The other conceptual domain is largely allocated to animals, humans, and landforms at 32.7%, 20.4%, and 17% respectively. Interestingly, the common occurrence of objects and technology in the source domain can be justified by the concern for what Iovino (2012, p. 66) calls “agential kinships” in the material world. The expression propagates the recognition that non-human matter has agency, vitality, and power.

Put differently, this use of similes can be attributed to the author's attention to her embodied immersion in the material world. The interconnection between material substances of all types is the imagery that is evoked by such similes. The material kinship and connection is the main message the book intends to deliver.

The findings suggest that the contemporary Scottish Jamie (2012) shows heavy influence from Shepherd (1977), another Scottish writer. Both writers take into account objects for the source domain. Anyway, Jamie (2012) goes one step further by constantly referring to technology in a nature book. Her similes function like a hinge that freshly connects nature and technology in addition to past and present.

Jamie's (2012) essays are about sites where nature and non-nature intersect, the result of which is the rejection of idealization and externalization of nature. Such viewpoints are mirrored in her discourse that embraces not only the presence of the lyricist as 'I' but also the inclusion of multiple voices. The people, the places and their history are brought into relation by Jamie's (2012) discourse. Her ecological, social, and historical sensitivities altogether unwind the wild lands.

Examples for the source domain:

(19) The great whales' pelvic bones, which were small and delicate, like paper boats.

(20) All over the hill, too—lumps and bumps on the upper slopes, like buttons holding down the land against the wind.

(21) Six or seven very dark oval dots, still tiny, despite the magnification, were ranged across the blue valley, like musk oxen on tundra, seen from far above.

(22) Like vast oxen yoked together to haul the most terrible plough, are the jaws of two great baleen whales.

(23) I like to watch lone gannets interrogating the sea, like some old patrician poet frowning over his papers.

(24) Slender and pale, the jaw's sides rise like the arms of a ballet dancer.

Examples for the target domain:

(25) A blue whale within its confines was somewhat of a puzzle, like a ship in a bottle.

(26) Then, with these four animals below us, we heard them blow—all synchronised, a sound low, regular and industrial, like a Victorian machine.

(27) We're like cats, always on the wrong side of every door, meeting each other always at the doors.

(28) Just for fun, we won't have to navigate ourselves home like the old whalers by stars and sextants, or indeed by raven.

(29) Two stones jutted up from the wall-head like praying hands.

(30) It has one fertile hill, and two flat near-barren peninsulas, one pointing north, one southwest, like two mismatching wings.

Table 4 The result of the simile analysis of *Sightlines*

Domain Categories	Source	Target
Human and human body parts	26 (17.7)	30 (20.4)
Trees, plants, flowers, and their parts	6 (4.1)	1 (0.7)
Animal and animal body parts	29 (19.7)	48 (32.7)
Natural elements	2 (1.4)	2 (1.4)
Weather	2 (1.4)	2 (1.4)
Light and darkness	1 (0.7)	6 (4.1)
Landforms	5 (3.4)	25 (17)
Heavenly bodies	2 (1.4)	6 (4.1)
Objects	30 (20.4)	3 (2)
Technology	13 (8.8)	2 (1.4)
Buildings, roads, and constructions	8 (5.4)	6 (4.1)
Food and drink	3 (2)	–
Seasons, time, and occasions	–	1 (0.7)
Abstract concepts	10 (6.8)	9 (6.1)
Language, science, and art	10 (6.8)	6 (4.1)
Total	147 (100)	147 (100)

6. Conclusion

Concerning a style of writing that embraces embodiment coupled with material agency in their creative choice of simile, the ideological intentions of Abram (2010) and Jamie (2012), to a great extent, and Leopold (1949) and Shepherd (1977), to a lesser extent, are in line with new materialisms. Being eco-friendly, this intellectual movement gives special attention to the “ethical and political possibilities” that “emerge from the literal contact zone between human corporeality and more-than-

human nature” (ALAIMO, 2010). Most notably, it is characterized by a particular interest in the “ultimately unmappable landscapes of interacting biological, climatic, economic, and political forces” (ALAIMO, 2010).

The fact that matter is alive, agentic, and sentient is at the core of new materialism. The idea of material agency entails that the matter can produce its own meaning and become a text that can be open to a critical analysis in order to explore its lyricism. It is discernable in such “material productivity a posthumanist sense of material agency and a limitation of humans’ agentic efficacy” (COOLE & FROST, p. 14). In other words, inorganic phenomena possess a certain effectiveness that may go beyond human will.

Matter surrounds us in the same way as a language surrounds us. This means that matter dominates everyday lives. It must be recognized that humans’ material practices and exploitation of nature can have positive and negative consequences. Hence, the representation and positioning of nonhuman agentic capacities in multimodal texts should be seriously studied.

The poetic, descriptive discourses of the authors signify their ecocentric or environment-centered mind style. The theocentric and anthropocentric world views which include domination are abandoned to reject and subvert the Great Chain of Being, given its internal hierarchy. The ecocentric mind style is in line with the term deep ecology invented by Naess (1973) who blames European and North American civilization for the arrogance of its human-centered instrumentalization of nonhuman nature. Apparently, deep ecology advocates the inherent worth of the more-than-human cosmos along with human beings and supports the spread of this viewpoint for restructuring eco-social lives.

Lazar (2003) is of the opinion that teaching figurative language is of great significance for it can help language learners expand their vocabulary. Besides, figurative language acts as a potential way for organizing the vocabulary to be learned and this organization where vocabulary items are grouped based on the topic is called a lexical set. These lexical sets can be extended to arrive at the so-called metaphorical sets. Thanks to these sets, teachers aid in students’ efficient and quick memorization of new words.

Culture's impact on figurative language learning cannot be neglected. Hence, teachers must familiarize students with "cultural meanings inherent in many examples of figurative language in English, while encouraging them to compare these associations with those in their mother tongue" (LAZAR, 2004, p. 2). It will be beneficial if teachers tell learners that similes range from conventional similes recorded in dictionaries to novel and poetic ones created by the narrator or lyricist. In writing, language learners should be encouraged to write about nature and simultaneously practice the use of creative similes that appropriately fit the ecological context.

7. Suggestions for Further Research

Valuable research can be carried out on a large variety of nature books rather than limiting the investigation to award-winning and reputable ones.

The translation of similes can be complex and problematic. A future study may provide an account of nature-related similes in translation from English to other languages and vice versa. A close look into similes will also indicate to what extent the linguistic fauna and flora is revealing of the eco-cultural landscape of the writer or translator.

A similar study can be conducted on nature books written in other languages and in order to compare the findings with the results of the current study.

Given the current ecological crisis, image-centric texts like illustrated children's literature are in need of a similar simile analysis to investigate nature representation. Further research should explore nature similes across multiple literary genres such as short stories, poems, and scientific news. Definitely, this kind of exploration can invigorate research on ecolinguistics.

The interpretation of nature-related similes can be a valuable research topic. The researcher may consider the differences and similarities in the understanding of nature-related similes among children and adult EFL students.

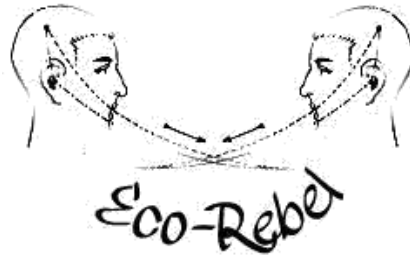
References

- ABRAM, D. *Becoming animal: An earthly cosmology*. New York: Vintage, 2010.
- ACKERMAN, D. *A natural history of the senses*. New York: Random House, 1990.
- ALAIMO, S. *Bodily natures: Science, environment, and the material self*. Bloomington: Indiana University Press, 2010.
- BAKHTIN, M. *The dialogic imagination: Four essays*. Austin: University of Texas Press, 1981.
- COLIN, N. *English and Swedish animal idioms: A study of correspondence and variation in content and expression*. University Essay from Karlstads Universitet/Institutionen för Kultur och Kommunikation, 2006.
- COOLE, D. & FROST, S. Introducing the new materialisms. In: COOLE, D.; FROST, S. (eds.). *New materialisms: Ontology, agency, and politics*. London: Duke University Press, 2010, p. 1-43.
- CRYSTAL, D. *English as a global language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003.
- FELDMAN, J. *From molecule to metaphor: A neural theory of language*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2006.
- GOATLY, A. *The language of metaphors*. London: Routledge, 1997.
- GRIFFITHS, J. *Pip pip: A sideways look at time*. London: Flamingo, 1999.
- IOVINO, S. Material ecocriticism: Matter, text, and posthuman ethics. In: MÜLLER, T.; SAUTER, M. (eds.), *Literature, ecology, ethics: Recent trends in ecocriticism* (pp. 51–68). Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2012.
- JAMIE, K. *Sightlines*. London: Sort of Books, 2012.

- KÖVECSES, Z. *Metaphor: A practical introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, G.; TURNER, M. *More than cool reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In Ortony, A. (ed.), *Metaphor and thought*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1992, p. 202-251.
- LAKOFF, G. The Neural Theory of Metaphor. In: R. GIBBS, R. (ed.), *Cambridge handbook of metaphor and thought*. New York: Cambridge University Press, 2008, p.17–38.
- LAZAR, G. *Meanings and metaphors: Activities to practice figurative language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- Leopold, A. *A sand county almanac: And sketches here and there*. New York: Oxford University Press, 1987.
- MARLAND, P. The gannet skull versus the plastic doll's head: Material 'value' in Kathleen Jamie's 'Findings'. *Green Letters: Studies in Ecocriticism* v. 19, n. 2, 2015, p. 121-131.
- NAESS, A. The shallow and the deep, long-range ecology movement: A summary. *Inquiry: An Interdisciplinary Journal of Philosophy and the Social Sciences* n. 16, 1973, p. 95–100.
- NETTLE, D.; ROMAINE, S. (2000). *Vanishing voices: The extinction of the world's languages*. Oxford: Oxford University Press.
- PETERS, P. Similes and other evaluative idioms in Australian English. In: SKANDERA, P. (ed.), *Phraseology and culture in English*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007, p. 235-256.
- PIERINI, P. Simile in English: From description to translation. *Círculo de linguística aplicada a la comunicación* n. 29, 2007, p. 21–43.
- RAKUSAN, J. Cultural diversity in crossing the boundaries between human and animal in language – Germanic and Slavic similes and metaphors. *Collegium antropologicum* v. 28, n. 1, 2004, p.171–181.
- SEMINO, E. (2005). Mind style. In BROWN, E. K.; ASHER, R. E.; SIMPSON, J. M. Y. (eds.), *Elsevier Encyclopedia of language and linguistics*. Amsterdam: Elsevier, 2005, p. 142-48).
- SHEPHERD, N. *The living mountain*. Aberdeen University Press, 1997.
- STAMENKOVIĆ, D. (2011). Cognitive Semantic Aspects of Animal Similes in English. In: KOVAČEVIĆ, M. et al. (4ds.), *Savremena proučavanja jezika i književnosti – Godina II/Knjiga I – Zbornik radova sa II naučnog skupa mladih filologa Srbije*. Kragujevac: Filološko-Umetnički Fakultet, 2011, p. 187-197.

Aceito: 07/01/2019.

Ecolinguística: Revista Brasileira de
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 5, n. 1, 2019.



A LINGUA FRANCESA ANTES E DEPOIS DA REVOLUÇÃO

Paul Lafargue

Resumo: Este artigo escrito em 1894 discute a questão da língua antes, durante e após a Revolução Francesa, mostrando as transformações por que ela passou. Essas transformações se dão no contexto da concepção de língua como organismo que nasce, cresce e morre. Mas, como organismo que é, adapta-se sempre ao meio natural e social em que se encontra. Uma das inovações mais conspícuas é a que se dá no nível do léxico. Introduzem-se palavras novas, mas, sobretudo, derivam-se palavras ainda não usadas de outras já existentes. Foi uma época em que os prefixos *des-* (*dé-*) e *re-* passaram a ser usados na formação de muitos neologismos. Também o sufixo *-izar* (*iser-*). A maioria dessas inovações entraram também na língua portuguesa.

Palavras-chave: Revolução Francesa; língua francesa; adaptação; inovação; evolução; neologismo.

Abstract: This article written in 1894 discusses the French language before, during and after the French Revolution, showing some transformations it underwent. These transformations obtained inside the conception of language as an organism that is born, grows and dies. However, like living organisms, language adapts itself to its natural and social environments. One of the most conspicuous innovations show up at the level of the lexicon. Entirely new words are introduced, but some of them emerge by derivation. The *dé-* and *ré-* prefixes, for instance, were largely used in these words. The same happened to the suffix *-iser*. Most of these innovations entered also the other Romance languages, as is the case with Portuguese.

Keywords: French Revolution; French language; adaptation; innovation; evolution; neologism.

1. A língua e seu meio

Uma língua, assim como um organismo vivo, nasce, cresce e morre. No decorrer de sua existência, ela passa por uma série de evoluções e revoluções, assimilando e desassimilando palavras, locuções familiares e formas gramaticais.

As palavras de uma língua, do mesmo modo que as células de uma planta ou de um animal, têm sua vida própria: sua fonética e sua ortografia se modificam sem cessar. No francês antigo, escrevia-se *presbtre*, *cognoistre*, *carn* por *chair* (carne, músculo), *charn* por *charnel* (carnal) etc. As significações se transformam do mesmo modo: *bon* antigamente se referia a bem, favor, lucro, vantagem, vontade etc. [1]: *Jean le bon* queria

dizer *Jean le brave* (João, o bravo); *bonhomme*, depois de ter sido sinônimo de "homem de coragem e prudente", se transformou em um epíteto ridículo. A palavra grega *nomos*, que deu "nômade", sofreu toda uma série de significações que, à primeira vista, parecem não ter nenhuma relação entre si. Usada primitivamente por *pâturage* (pastagem), *pacage* (apascentamento), depois por *séjour* (permanência, estadia), *demeure* (demora, estadia), *partage* (compartilhamento), acabou por ser empregada como *usage* (uso, hábito), *coutume* (costume), *loi* (lei). As diferentes significações de *nomos* indicam as etapas percorridas por um povo pastor que se torna sedentário, agricultor, chegando à concepção de lei, que é a codificação do hábito, do costume [2].

Se a língua se vê em uma perpétua transformação é porque ela é a produção mais espontânea, mais característica das sociedades humanas. Os povos selvagens e bárbaros que se desgarram do grupo principal e passam a viver isolados dele acabam por não se entender mais com o grupo original, devido às muitas modificações que advêm aos seus dialetos.

A língua sente a consequência das mudanças por que passa o ser humano e o meio em que se desenvolve. As mudanças no modo de viver dos homens, como a passagem da vida agreste à vida citadina, assim como os acontecimentos da vida política deixam suas marcas na língua. As pressões dos fenômenos políticos e sociais sobre os povos acabam por modificar rapidamente seu modo de falar. Os povos sobre os quais os fenômenos políticos e sociais exercem sua pressão modificam rapidamente seu modo de falar, enquanto que nos povos que não têm história o idioma acaba se immobilizando. O francês de Rabelais não era mais inteligível aos letrados um século após sua morte. No entanto, a língua-mãe dos idiomas noruegueses, suecos e dinamarqueses, ou seja, o islandês, se manteve quase intacta na Islândia.

Vico foi o primeiro a falar de uma origem selvagem e rural (*selvage e contadinesche*) da maioria das palavras. Se em Roma os templos circulares de mármore eternizam a forma das cabanas de madeira e barro dos selvagens do Lácio, as palavras de toda língua civilizada trazem a marca da vida silvestre dos homens primitivos. Assim, *goné* significa semente em grego, fruto da terra, animal pequeno, criança; *sperma*, grão, semente, raça. A quantidade de palavras a que *boûs* (boi) deu origem na língua grega é considerável. O francês, que tem muitas palavras de origem helênica, também tem algumas delas, como *bouvier*, *bouvard* 'jovem touro', *bouvard* 'martelo de moedeiro', *bouillon* (caldo), *bousculer* (quebrar), *bouse* (bosta de vaca), *bouffer* 'comer carne de boi', *bouffon* (botão). Em Atenas *bouphônos* é matador de bois, um padre de Zeus, o cuidador da cidade, que apresentava uma comédia diante da imolação de um boi acusado de ter comido as oferendas sob o altar de Deus (PAUSANIAS, liv. I, ch. XXIV).

Mais do que as palavras, as locuções familiares e proverbiais deixam entrever os laços que ligam uma língua aos fenômenos da vida em volta. Na época em que a candeia de azeite era o principal instrumento de iluminação, ela fornecia nobres comparações aos poetas. Ronsard elogiava uma dama declarando-lhe que "seus olhos brilhavam como as candeias". O *Dictionnaire de Trévoux*, de 1743, registra que "se diz de olhos muito vivos e brilhantes que eles brilham como candeias". 'Economizar pedaços de pavio de candeia', 'o jogo não vale uma candeia' e 'queimar-se na candeia' são expressões que desapareceram

depois que a lâmpada de cremalheira, a vela de cera de ácido esteárico e a gás passaram a nos fornecer luz.

Uma língua não pode isolar-se de seu meio social, do mesmo modo que um vegetal não pode ser transplantado de seu meio meteorológico. Os linguistas geralmente ignoram ou desdenham a ação do meio. Muitos entre eles procuram no sânscrito a origem das palavras e até mesmo das fábulas mitológicas. O sânscrito para os gramáticos é um *abre-te sésamo* para todos os mistérios, assim como a cranologia o é para os antrólogos. Os leitores de *Ère nouvelle* ficariam espantados se eu reproduzisse a lista interminável de palavras que um orientalista ilustre deriva do vocábulo sânscrito "brilhar". Enfim, seria interessante se os resultados etimológicos dos orientalistas fossem menos contraditórios para nos levar a abandonar, em prol de seu método, a teoria do meio que tende a tornar-se preponderante em todos os ramos das ciências naturais e históricas.

A teoria do meio foi introduzida na França na crítica literária por uma mulher de gênio. Se bem que em sua obra *De la littérature dans ses rapports avec les institutions sociales*, Mm Staël fale explicitamente sobre a necessidade de uma nova literatura que faça jus às novas necessidades do meio social criado pela Revolução, ela só menciona de passagem e para condenar a transformação da língua, instrumento de toda a literatura [3].

Após a Revolução que destruiu o velho regime, era tão impossível não inovar na literatura do reinado de Luís XIV quanto continuar usando sua linguagem.

O estudo do caráter e importância dessa renovação linguística é o objetivo deste artigo.

2. A língua antes da Revolução

Tendo sido a Academia Francesa dissolvida em 18 de julho de 1793, a Convenção Nacional decretou no primeiro dia complementar do ano III que

o exemplar do *Dictionnaire de l'Académie française* -- encarregado de notas marginais --, depositado na biblioteca do comitê de instrução pública, deveria ser entregue aos livreiros Smits, Maradan et Cie. para ficar disponíveis ao público; devendo os ditos livreiros tomar as medidas necessárias para o trabalho junto às pessoas letradas de sua escolha, com a condição de que deveriam disponibilizar 15.000 exemplares e que enviassem uma quantia de ... às bibliotecas nacionais.

No ano VI (1798), esta edição – que era a quinta do *Dictionnaire de l'Académie* -- seria posta à venda pelo preço de 24 libras: os editores haviam colocado no início um prefácio e no final um suplemento que não haviam sido preparados por membros da defunta *Académie*. O discurso preliminar continha heresias que teriam feito Voltaire ficar horripilado, por ser bem diferente do proêmio dos jesuítas.

Concluiu-se, lê-se aí, que não era necessário consultar a língua da elite (*beau monde*) como uma autoridade que decide e resolve tudo porque a elite pensa e fala muito mal, porque, enfim, há uma diferença muito grande entre a linguagem elitista formada de fantasias desse mundo, bastante bizarras, e a linguagem composta de relações verdadeiras entre palavras e ideias.

Voltaire dizia que sentia muito

que em questões de língua, bem como em outros usos mais importantes, seja o populacho que dirige os maiores da nação.

O *Supplément*, que continha 336 palavras forjadas ou impostas pela Revolução, revelava o triunfo do populacho.

Os inovadores e os conservadores criticavam duramente essa edição do *Dictionnaire*. Os inovadores – eles eram numerosos – criticavam os editores por terem fechado as páginas dos dois volumes a um número considerável de palavras novas. Mercier, que, antes da Revolução já havia abrido fogo contra a língua e a literatura do século de Luís XIV, para protestar contra esse ostracismo lexicográfico publicou em 1801 sua *Néologie ou Dictionnaire de 2.000 mots nouveaux*. Em 1831, uma sociedade de gramáticos trazia à luz um *Supplément au Dictionnaire de l'Académie*, contendo cerca de 11.000 palavras novas, acepções novas e termos técnicos, que o uso e a ciência têm introduzido na língua corrente a partir de 1794 e que não se encontram no *Dictionnaire de l'Académie*. Esses gramáticos se enganam; a imensa maioria de suas palavras novas já circulavam quotidianamente antes de 1794.

Os puristas que desejavam "um senado conservador relativamente à língua se enrubeciam. O abade Morellet, decano dos velhos jovens, que não têm aos oitenta o que prometiam aos sessenta" respondiam às teorias niveladoras dos editores que

o *Dictionnaire de l'Académie française* é o depositário da língua usual tal qual ela é falada pelas classes dos cidadãos que se distinguem pelo nível, pela fortuna e pela educação.

Movido por uma nobre indignação, ele continuava:

Consagra-se nesse vocabulário (o *Supplément* de 336 palavras novas) as palavras *enragé, motionne, révolutionner, sans-culotte, sans-culottides*, termos bárbaros ou baixos, que, não tendo uma duração mais que efêmera e não são mais do que jargões e gírias (*argot*) revolucionárias ou que não exprimem as tolices e os crimes do governo revolucionário, palavras que não deviam conspurcar o *Dictionnaire* da língua francesa. Citeraije, entre os horríveis artigos adotava, esquentando-se, *fournée*, substantivo feminino, nome dado às carradas de indivíduos condenados ao suplício da guilhotina, e *guillotine, lanterner, mitraillade, noyade, septembriseur, septembrisade*, termos cuja crueldade e baixeza que os introduziu na língua revolucionária devem poupar as pessoas honestas e que deveriam ser expurgados para sempre do *Dictionnaire*, como mancha de sangue dos aposentos de um palácio. Admitindo que isso venha à mente de homens de letras, que dizer dos membros desse grande colegiado literário, o Institut National de France, ou seja, consignar no *Dictionnaire* essas palavras horríveis? [4]

A fúria de Gabriel de Feydel era maior do que a de Morellet. Ela se manifestava em injúrias não somente contra o *Supplément* de palavras revolucionárias, mas também contra a obra da *Académie* supracitada. O *Dictionnaire* estava contaminado por termos do

jargão dos jogadores, das tabernas dos ladrões (os cabarés, os queridinhos de Henri III...., de artigos de leitura pesada, redigidos pela cabeleireira de uma acadêmica ou pela governanta de um acadêmico de expressões), o esconderijo dos serventes, distantes da polidez francesa, dignas das moçoilas Gorgions, que não se pode ouvir senão nas antecâmaras ou da boca de uma serva.... de hipérboles de

costureiras, de rapazes barbeiros aos quais a prática se esqueceu de dar uma gorjeta... do jargão da vendedeira de fruta que quer aparecer, da linguagem das mulheres de alcova, de prostitutas, de lavadeiras insultando o caráter nacional... frases que não convêm senão na boca de um pião, frases de cuidadores de porcos, de barbeiros, do populacho mais vil, dignas de vendedoras de verdura e que devem corromper-se nos esconderijos de bandidos e de trapaceiros... [5]

Suspendamos essa citação, mesmo sendo ela necessária para que o leitor possa apreciar a ideia que os puristas tinham da língua francesa, da qual deveria ser banida a linguagem dos franceses aficionados ao jogo ou que exerciam alguma profissão (barbeiros, Vendedores de fruta, lavadeiras, alfaiates etc.).

Os puristas ficavam desesperados: legiões de palavras bárbaras, baixas e vis se imiscuíam na língua polida das pessoas da boa sociedade, entravam em jogo e subvertiam a obra de dois séculos de cultura aristocrática. A língua, assim como o estado, a sociedade, a propriedade e os costumes sofreram uma revolução. Os historiadores da língua mal fazem alusão a essa renovação linguística que tanto preocupava os letrados nos primeiros anos do século. Eles caíram no erro dos acadêmicos de 1835, desprezando a importância dessa revolução repentina porque a língua francesa se manteve aparentemente

a mesma, isto é, igualmente inteligível, sendo que até os primeiros anos do século de Luís XIV ela nunca fora fixada. Com efeito, a cada século as mesmas coisas precisavam ser reescritas no novo francês que logo se tornava velho e desbotado. Ao copiar um manuscrito de nossa língua, frequentemente o traduzíamos pela metade. O texto de Joinville foi apresentado durante muito tempo pela última de suas versões póstumas, logo tornadas envelhecidas a ponto de serem tidas como o original [6].

a mesma, isto é, igualmente inteligível, sendo que até os primeiros anos do século de Luís XIV ela nunca fora fixada. Com efeito, a cada século as mesmas coisas precisavam ser reescritas no novo francês que logo se tornava velho e desbotado. Ao copiar um manuscrito de nossa língua, frequentemente o traduzíamos pela metade. O texto de Joinville foi apresentado durante muito tempo pela última de suas versões póstumas, logo tornadas envelhecidas a ponto de serem tidas como o original [6].

O mesmo fenômeno se verificou durante a Revolução. As palavras e as expressões que invadiram a língua eram tão numerosas que os jornais e as brochuras da época teriam que traduzi-las a fim de serem inteligíveis aos cortesãos de Luís XIV.

Mas, após a Revolução, houve um movimento de reação, a língua polida tentou reconquistar sua autoridade sobre as classes dirigentes e expulsar de seu seio os neologismos que tinham sido introduzidos com efração. Após a reflexão, os escritores mais afoitos

se intimidaram diante das expressões másculas da língua republicana que lhes tinha sido familiar durante quatro ou cinco anos. Parece haver há algo a empalidecer a língua monárquica [7].

O próprio Mercier advertia que havia

descartado de seu dicionário, menos umas poucas expressões, as palavras que tinham a ver com a Revolução. A maioria delas são expressões fortes e vigorosas; elas correspondem a ideias terríveis, a

maioria bizarras, aos solavancos dos acontecimentos. Quando o barco é atingido pela tempestade, os marujos oram, mas fazem o necessário para salvá-lo.

Mas, apesar dos puristas, a obra linguística da Revolução estava feita; a camisa de força que manietava a língua estava rompida, ela havia conquistado sua liberdade.

Mas, para se avaliarem o caráter e as implicações desta renovação da língua francesa, faz-se necessário conscientizar-se da concepção que as letras dos séculos XVII e XVIII tinham da língua. Eu começarei, portanto, mostrando ao leitor as opiniões dos escritores da época.

* * * * *

Durante a Idade Média, os nobres viviam em seus castelos, entre seus vassallos e servos, mas a política monárquica os concentrava em Paris. Eles gravitavam então ao redor do rei e formavam sua corte. Perderam sua antiga independência feudal; perderam os elos que os ligavam às outras classes e constituíam um corpo separado do resto da nação que acabou por se tornar estrangeiro a ela; eles se juntaram em Versalhes, a capital da aristocracia. Não vivendo como a burguesia, e menos ainda como o povo comum, a nobreza inventou para si costumes, hábitos e ideias tão distintas das da maioria da nação que seus privilégios eram diferentes dos direitos e deveres dos burgueses e dos artesãos. Enfim, eles começaram a se diferenciar dos demais cidadãos tanto pela vestimenta quanto pelo comportamento e a linguagem. O idioma que colocaram em torno de si como uma barreira os isolava das outras classes. Isso era reforçado pela polidez de seus meneios, a etiqueta de suas cerimônias e até mesmo pela maneira de se servirem à mesa e de comer [8].

A língua artificial que distinguiu a aristocracia não foi criada por inteiro, como a língua internacional que Leibniz inventara antes dos volapukistas. Ela foi extraída da vulgar, falada pelo burguês e o artesão, na aldeia e no campo. Esse fenômeno de desdobramento já havia se dado na língua latina; no tempo da segunda guerra púnica, ela se cindiu em língua nobre, *sermo nobilis*, e língua plebeia, *sermo plebeius*.

Os hábitos e os costumes da sociedade polida do século XVII devia limitar consideravelmente o número de palavras de sua língua artificial, que Mercier chamava *monárquica*, mas que era mais apropriado chamar de *aristocrática*. Os nobres não exerciam nenhuma profissão, exceto a das armas, não tendo, portanto, nenhum interesse em conhecer as expressões de suas várias operações. As primeiras edições do *Dicionário da Academia* multiplicaram os termos heráldicos e excluíram quase por completo as palavras técnicas das profissões. Essa eliminação foi uma das principais causas da querela de Furetière contra a *Academia*. Eu deixo aos mais eruditos o cuidado de mostrar por qual procedimento de podas sucessivas veio a se constituir a língua das pessoas de classe. Porém, insisto sobre este ponto, cuja importância nunca é possível exagerar, isto é, que foi por um desbaste metódico da vulgar que se formou a língua dos escritores de Luís XIV, língua essa tão corrente no século XVIII e que compartilhava com a língua latina a glória de ter sido a língua que as nações aprendem por uma convenção tácita a fim de se entenderem [9].

Essa insigne honra não aconteceu à língua aristocrática senão porque a França era o único grande país da Europa em que os nobres, centralizando-se em torno de seu chefe feudal,

criaram uma corte importante e atingiram uma polidez e uma elegância admiradas e imitadas pelas aristocracias europeias. Os romances de Urfé, códigos de saber-viver aristocrático, eram lidos até nos rincões da Noruega.

Os nobres, mais guerreiros que clérigos,

não tinham a arrogância tola e a temeridade de nenhum intelectual que pensa que nossa língua vulgar seja inapropriada para as belas letras e a erudição [10].

Sem grandes preocupações, eles tomaram emprestadas as palavras, as expressões e os torneios de que precisavam para o seu dia a dia, mas filtrando-as e só mantendo um número bem restrito delas. Só depois de serem pesadas e sopesadas, aprovadas e chanceladas foram admitidas na sociedade polida e nos escritos que patrocinavam. Eles obrigaram os homens letrados, pelo menos aqueles que solicitam seus favores, que não eram, segundo a severa e justa expressão de um crítico, senão "alegres animadores da sociedade", a deixarem a forte mas rude língua dos Aubigné, dos Montluc, que fingiam ignorar, mas a procuravam avidamente.

Os nobres tirados de seus solares e concentrados em Paris procuravam se livrar das aparências de Pourceugnac para assumir as maneiras dos cortesãos. O desbaste na língua cheia de adornos, vigorosa e caótica vinda do século XV se emparelhava com o policiamento dos costumes brutais dos barões feudais e o refinamento de seu gosto. Esse trabalho de se desfazer de hábitos feudais e de sua linguagem se dava no começo do século XVII em muitas assembleias, salões, *redutos* e *ruelas*, que se enfileiravam do subúrbio de Saint-Germain aos confins de Marais, e que são enumerados com complacência pelo *Grand Dictionnaire des précieuses* de Somaize. Eles se adequavam ao hotel Rambouillet, o centro da reforma. Embora a nobreza encontrasse em seu meio os pedagogos de que precisava, a fim de levar a bom termo sua obra pedagógica, embora ela fornecesse escritores de valor (Mmes de Sévigné, de Lafayette, La Rochefoucauld etc.), o que ela não deveria mais fazer dali para a frente, ela chamou a si um grupo de *comerciantes de palavras*, de *chicaneiros pedantes* como Vaugelas, Balzac, Voiture – que Boileau em sua *Art poétique* pôs no mesmo nível de Radine e Molière – Godeau, Coëffeteau, Chapelain (o parasita de *Pucelle*), o padre Bouhours, que pretendia enriquecer a língua empobrecendo-a, e outros mais desconhecidos ainda. Todos eles pertenciam à *Academia* recentemente fundada e propagavam sua pretensão de *desgasconizar a língua*, com o que achavam que a desvencilhava de qualquer aspereza provincial. Se Voltaire tivesse vivido naquela época, se incluiria nessa douta sociedade de preciosos. Afinal, ele cria que

o mal de Corneille era ter crescido na província, motivo pelo qual se encontravam muitas impropriedades em sua obra [11].

Subtraindo-se à ação purificadora do hotel de Rambouillet e de seus anexos, as *ruelas* e a *Academia*, escritores estigmatizados com o epíteto de *libertinos*, de poetas escrotos, de poetas de meia tigela, mas de temperamento feroso, de criatividade tumultuosa e gaulesa ao lado de uma soberba audaz, continuaram a se servir da língua não desgasconizada e a

escrever em um estilo dirigido a um público misto de burgueses instruídos e de nobres indisciplinados e indisciplináveis

A história das edições do *Dicionário da Academia* nos permitirá acompanhar a evolução da linguagem aristocrática. Os primeiros acadêmicos que, em seu entusiasmo ingênuo, se intitulavam "operários das palavras, trabalhando para a exaltação da França" ("seus sucessores do reinado de Luís XIV não tinham mais que uma ambição", "tornar imortais todas as palavras e todas as sílabas dedicadas à glória de seu ilustre protetor") ficaram muito envergonhados quando chegou a hora de elaborar o catálogo da linguagem. A maneira de classificar as palavras os fez parar logo no começo: a primeira edição do *Dicionário da Academia* os agrupou por famílias. Esse modo de classificação, abandonado em seguida, foi retomado nos últimos tempos pelo Dr. Freund em seu *Grand dictionnaire de la langue latine*. Vai valer a pena voltar a ele quando quisermos fazer um dicionário filológico metódico da língua francesa.

Os acadêmicos tiveram que superar uma segunda dificuldade, também muito séria: era necessário classificar as palavras às quais caberia a honra de figurar no *Dictionnaire*. Depois de muitas discussões, eles decidiram admitir apenas os termos consagrados pelos escritores conhecidos, e entre os escritores conhecidos estavam os acadêmicos. No entanto, dois dos que acabaram de ser escolhidos estavam mortos absolutamente e desconhecidos. Na lista dos escritores escolhidos para fornecer seu material incluíam-se Amyot, Montaigne, Desportes, Charron, a rainha Marguerite, Ronsard, Marot etc. Mas, eles perceberam que, apesar de sua maravilhosa riqueza vocabular, não haviam feito uso de uma infinidade de palavras e expressões, cujo uso era, no entanto, indispensável na dinâmica da vida quotidiana. Eles foram forçados a retornar à língua corrente e compor não o vocabulário de escritores famosos, "que se tornariam bárbaros em poucos anos", como disse Pellisson, mas o dicionário da língua. Esta primeira edição é mais um esboço do que um verdadeiro léxico.

Quando foi necessário preparar a segunda edição de 1717, os acadêmicos encontraram uma outra dificuldade. Os nobres e as pessoas do povo criaram expressões novas, tais como *sabler le vin*., *battant l'oeil*, *falbala*, *fichu*, *ratafia*: dever-se-ia consigná-las no dicionário? Depois de muita hesitação eles chegaram à conclusão de que,

uma vez que uma palavra entra na língua deve entrar também no dicionário, seria mais interessante fixar-se na coisa que ela significa do que na palavra inventada para significá-la, por mais bizarro que isso pudesse parecer [12].

Voltaire, aristocrata até a raiz do cabelo, não teve escrúpulo de dizer:

O que incomoda a nobreza da língua, dizia, não são os solecismos das pessoas letradas, mas a afetação de autores medíocres falando de coisas sérias usando o estilo da conversação informal. [13].

Os acadêmicos de 1717 formularam em seu prefácio a regra que deveria orientar toda a lexicografia.

Parece, dizem eles, que há uma espécie de igualdade entre as palavras de uma língua como a há entre os cidadãos de uma mesma República. Assim como o general do exército e o magistrado não são mais cidadãos que o soldado raso ou o artesão mais humilde – a despeito da diferença de suas ocupações –, do mesmo modo palavras como *justiça* e *valor* não são palavras menos francesas nem mais francesas – mesmo que representem as virtudes primordiais – do que as que estão destinadas a representar as coisas mais abjetas e mais desprezíveis.

É verdade que um século mais tarde (1817), vinte e três anos após a Revolução, os acadêmicos não teriam mantido essa linguagem. Mas, para não acusar a memória da *Academia* de seguir teorias demagógicas em matéria de linguagem, é necessário acrescentar logo que eles não pretendiam abrir o dicionário às locuções populares, mas às "expressões bizarras" das pessoas da boa sociedade, mesmo que às vezes elas cheirassem à taverna e a lugares pouco recomendáveis. Os nobres do tempo de Richelieu e de Mazarin que não acederam às pessoas da rua procuravam a incômoda companhia de escritores libertinos e de poetas rechonchudos para a se apaziguar da fadiga do decoro e dos incômodos da etiqueta, bem como descansar nos cabarés da dignidade oficial. Porém, enquanto o *Dictionnaire* acolhia expressões excluídas dos homens de bem, La Fontaine – que assistia assiduamente as sessões da Academia – não pudera fazer admitir "as palavras de seu conhecimento" que encontrara em Marot e Rabelais.

O prefácio da terceira edição (1740) indica que a posição mudou; a língua polida está ameaçada, é preciso estar vigilante sobre sua proteção. A *Academia* não pretende mais elevar as palavras ao nível dos cidadãos de uma República igualitária. Pelo contrário, ela afirma que sempre acreditou que devia restringir seu dicionário à língua comum, tal como a falamos no mundo e tal como nossos oradores e poetas a usam.

Ela expunha sem restrições a ideia aristocrática de língua, que não é a dos burgueses e dos artesãos, mas a das pessoas da alta sociedade e dos escritores que ela patrocina. A *Academia*, que imaginava que "a língua lhe pertencia como a barbearia aos barbeiros" (Furetière), aproximava-se do ideal de Bossuet, que havia pensado em um conselho soberano e perpétuo, cujo crédito estabelecido pela aprovação pública (leia-se a corte) pode reprimir as bizarrices do uso e conter seus desregramentos.

E mais, o prefácio da terceira edição declarava que, como as pessoas conservadoras procuravam não usar termos ditados por esses arroubos que ferem o pudor, os excluía. Não contente com esse ostracismo, os acadêmicos designam pela primeira vez as palavras que o estilo poético e cuidado deve empregar além dos que ficam reservados para o uso familiar.

No século XVII se pensava que a língua que atingisse o máximo de perfeição deveria ser fixada; a *Academia* era o colegiado de especialistas que deviam manter o seu cultivo. A França é o único país que chegou a estabelecer uma tirânica censura acadêmica. Isso era sentido em outros lugares. Um escritor irlandês cujas audácias de pensamento e de linguagem teriam confundido Bossuet mais que a aparição do diabo, Jonathan Swift, fez a bizarra sugestão, bastante estranha, de se instituir uma academia que pudesse conter e fixar a língua inglesa, descartar alguns termos, corrigir outros e ressuscitar alguns.

É necessário que nenhuma palavra à qual a sociedade deu sua sanção não se envelheça nem seja rejeitada [14].

O amigo de Voltaire, o grande Frederico, redigiu uma gramática alemã para regulamentar e disciplinar a língua de seu povo tão superiormente quanto os exercícios dos soldados.

Os gramáticos do Hotel de Rambouillet e da *Academia* não conseguiram extrair do "vulgar, tão apto a suportar o fardo das concepções humanas", embora "elas próprias nascidas em forma de ervas, raízes e árvores [15], uma linguagem subjugada, livre de suas expressões populares, suas expressões ingênuas e termos comuns, senão pelo trabalho doloroso e contínuo. Suas longas e fastidiosas discussões sobre as palavras e até mesmo sobre as partículas pareciam fúteis, pueris a ponto de serem ridicularizadas são um testemunho da paixão séria e refletida que animava esses criadores da língua aristocrática. Uma vez subtraída do arbitrário e da fantasia individual e regida por numerosas e precisas regras gramaticais, a linguagem da alta sociedade, definitivamente constituída, foi vulgarizada em livros e inculcada pela educação. Mesmo sendo de feição artificial, ela se tornou a língua natural da aristocracia, da classe governante. Ela se entranhou tanto na natureza dos cortesãos de Versalhes que lhes parecia tão difícil falar o vulgar quanto vestir-se com as roupas grosseiras e desagradáveis dos artesãos e dos burgueses quando viam suas carroças em seu passo rápido por Paris em direção à corte.

Durante o século XVII o centro de gravidade social se deslocou, transplantando-se de Versalhes para Paris. O vulgar, de cuja existência os nobres tinham uma leve suspeita, mas que não contava para eles, pôde então se afirmar: suas palavras e suas expressões começaram a irromper-se na língua polida, com seus financiadores e os ricos burgueses que se introduziam nos salões e nas famílias aristocráticas cujos brasões eles repintavam. Os nobres ingenuamente sorriam dessa revolta de palavras e das pretensões dos recém-vindos que macaqueavam canhestramente seus modos. Sua confiança na perenidade de seus direitos e privilégios era tão cega que acreditavam que eles eram inatacáveis, tal qual a obra começada pelo hotel Rambouillet e levada ao seu ponto mais alto de aperfeiçoamento pelos escritores do reino de Luís XIV. Mas os letrados que se erigiram em guardiões da língua do grande século pensavam de outro modo. Seus temores de que ela fosse poluída pelo contato com a vulgar, suas recriminações, objurgatórios e raiva contra as expressões familiares e triviais deixam bem longe as ridículas e preciosas, desprezadas. Os preciosos do século XVII, entre os quais deve-se contar os escritores de Port-Royal e seus adversários, os jesuítas, que reprovavam o "o estilo pesado de seus longos períodos e de suas expressões antiquadas", foram criadores a seu modo e sua língua metódica, clara e polida ocupa um lugar de honra na história da literatura francesa. Mas, os letrados do século XVII não passavam de guarda-doenças de uma moribunda cuja vida se tentava prolongar por meio de tretas acadêmicas.

Seria aceitável compreender os nobres lutando pela defesa da língua de Luís XIV. Ela era seu idioma materno, aquele no qual eles haviam balbuciado as primeiras palavras e na qual pensavam e exprimiam seus sentimentos. Mas, eles não conseguiram curá-la. Durante o período revolucionário foram os jornais e as brochuras dos aristocratas que tornaram moda o estilo encardido. Os letrados, como dragões ornados de regras

gramaticais e de pretensões de bom estilo, mantinham a rainha das línguas, que não haviam aprendido da boca de suas mães, mas dos livros e escolas sob a palmatória dos professores. A Academia era composta mais de nobres do que de escritores que com sua disciplina se passavam por portadores da linguagem da alta sociedade. Na família e no trato quotidiano eles só falavam o vulgar; eles a usavam em suas cartas particulares, servindo-se da outra apenas para botar elegias, tragédias e alguns *in-octavo*. De modo que os pedantes de que falava Du Bellay não pensavam em escrever nada de bom, a não ser em língua estrangeira, ininteligível ao vulgo. Eu não duvido, dizia Diderot, que em breve teremos uma língua falada e uma língua escrita, como os chineses.

A consequência era uma preocupação por parte dos escritores de não usar inadvertidamente expressões familiares. Homens livres das obrigações como Voltaire escreviam com o cotovelo sobre o dicionário e a gramática a fim de não deixar passar o menor pecadilho.

O prefácio do *Dictionnaire de l'Académie* de 1835 referindo-se a Voltaire lembrava "que ele foi um admirável e quase tímido guardião da língua". É este lutador tão petulante e tão espirituoso que deve ser estudado se queremos conhecer o ridículo dos preciosos do século XVII.

Como disse Mercier, em verdade poder-se-ia dizer que começamos a escrever na França quando Boileau e Racine pegaram na pena, que antes deles não havia nem espiritualidade nem raciocínio nem estilo ... Olá, grandes espíritos, fiquem ignaros, contentem-se com os ditos elegantes e fúteis, feitos de versos franceses e de prosa liceal.

Poder-se-ia pensar que há uma piada nesse espírito turbulento e mal equilibrado. Mas, de modo algum, ele não desfigurava o pensamento dos preciosos. Ele reproduzia exatamente as opiniões dos puristas. Ouçamos Voltaire, que passa por antípoda do pedantismo.

A língua do século XVI não era nobre nem regular. O gênio da conversação sendo o humorismo, a língua se tornou muito fecunda em expressões burlescas e ingênuas, bem como bem estéril em termos nobres e harmoniosos... É o motivo pelo qual Marot não teve sucesso no estilo sério e que Amyot só pôde reproduzir com ingenuidade a elegância de Plutarco. O francês adquiriu vigor sob a pena de Montaigne; ele ainda não tinha estilo elevado e harmônico ... A língua se tornou nobre e harmoniosa pelo estabelecimento da Academia Francesa [16].

Em outra passagem ele concluiu que

depois que os franceses passaram a escrever, não tiveram nenhum livro de bom estilo antes de 1656 ou as [17].

Em 1824, Victor Hugo era ainda mais exclusivista:

Boileau compartilha com nosso Racine o mérito único de ter fixado a língua francesa (Prefácio de *Nouvelles Odes*).

Os escritores ilustres do reinado de Luís XIV não se conformavam com haver perdido a velha língua que Voltaire e os preciosos consideravam tão frustra, tão bárbara e tão pouco

harmoniosa.

Em sua *Lettre sur l'éloquence adressée à l'Académie*, Fénelon disse que sacrificamos e depauperamos a língua ao querer purificá-la ... A velha linguagem faz falta quando a encontramos em Marot, Amyot e o cardeal de Ossat: ele tinha um quê de curto, ingênuo, audacioso, vívido e apaixonante.

O próprio Racine se queixava de encontrar no estilo de Amyot uma graça que cria não encontrar igual na linguagem moderna (Prefácio de *Mithridate*).

Diderot por outro lado se lamentava:

essa pretensa nobreza que nos faz excluir de nossa língua uma grande quantidade de expressões energéticas ... De tanto refinar nós acabamos empobrecendo nossa língua e frequentemente só tendo um termo para exprimir uma ideia, preferimos enfraquecer a ideia a empregar um *termo nobre*. Que grande perda de palavras que vemos com prazer somente em Amyot e Montaigne! Eles começaram a ser evitados no bom estilo porque eram usados pelo povo, em seguida rechaçados pelo próprio povo que, ao fim e ao cabo, macaqueia os grandes; os termos se tornaram inteiramente inusitados.

Voltaire respondeu-lhe:

Muita gente pensou que a língua francesa havia empobrecido depois do tempo de Amyot. Com efeito, encontramos nesses autores muitas expressões que não são mais aceitas, mas trata-se na maior parte de termos familiares para os quais produzimos equivalentes. Ela se enriqueceu de termos novos e enérgicos [18].

Antes de ser motivo de brincadeira dos românticos, Racine fora a ovelha negra do hotel Rambouillet: Reprovava-se-lhe não haver purificado suficientemente sua língua e "se ter servido de expressões familiares e burguesas, de termos baixos e rastejantes".

Um século mais tarde, Voltaire fez vistas grossas dessas acusações. A fim de mostrar o quanto sua crítica tinha sido pequena e chicaneira, eis aqui versos de Racine que ele considerou familiares e burgueses:

... De mãos tão belas
parecem demandar o império dos humanos
(*Bérénice*, ato II, cena II.)

Acreditas que se eu o esposar
Que Andrômaco não terá ciúmes em seu coração?
(*Andromaque*, ato II, cena V.)

Tu vêes que é isso, eles vão esposar-se
(*Bajazet*, ato III, cena III.)

No entanto, as mãos de *Berenice*, que parecem querer um império, eram um prêmio desejado, se os versos de *Andromaque* e de *Bajazet* forem medíocres. Este furor purista era levado a um grau tão elevado que o autor de *Candide* chegou a considerar "trivial, baixo e indigno de Pascal" a expressão simples e enérgica dos fortes pensamentos:

CXXVI. O exemplo da castidade de Alexandre não fez tantos continentes como o de sua embriaguez fez intemperantes. Ele não tem vergonha de não ser tão virtuoso quanto ele, e parece desculpável por não ser mais cruel do que ele.

CIV. Isso é admirável: não querem que eu honre um homem bem vestido e seguido de sete ou oito lacaios! E daí! Ele me corrigiria, se eu não o cumprimentasse. Esse hábito é bem forte. É como um cavalo bem paramentado frente a um outro [19]!

Mme de Staël parece pensar que é possível renovar a literatura sem tocar na língua. Voltaire, ao contrário, acreditava que eram tão estreitamente associadas que qualquer mudança em uma levaria forçosamente a uma modificação na outra. Se ele se considera guardião cuidadoso da língua, ataca com fúria os inovadores literários que, para se desculparem de suas tentativas, mencionavam Shakespeare. Sua campanha contra o maior gênio dramático que a humanidade produziu depois de Ésquilo merece ser conhecido: ela revela o estado de espírito da época e pode ser considerada como uma das primeiras escaramuças do combate que clássicos e românticos iriam travar após a Revolução sobre as obras de Racine e Shakespeare.

Quando o secretário da livraria anunciou a publicação da primeira tradução francesa de Shakespeare em 1776, o patriarca de Ferney, que conhecia "o monstro" tremeu diante da tragédia da língua como os admiradores românticos, não por ouvir dizer, mas por contato direto. Os escritores que haviam displicentemente violado suas regras eram desprezíveis. Mas, este "bárbaro" tinha tamanho suficiente para lhes infligir um golpe perigoso. Era necessário proscrevê-lo da literatura na França como havia sido feito com as palavras de Montaigne, François de La Noue e Rabelais. Sua ansiedade é enorme; ele escreve da Suíça à *Academia* contra *Gilles* Shakespeare e seu tradutor *Pierrot* Letourneur. Ele achava que conseguiria algo ridicularizando os nomes deles. Uma carta de Voltaire era um acontecimento, fazia-se questão de lê-la em sessão pública, em 25 de agosto. Ele faz de tudo para dar um ar de solenidade a essa leitura. Convida seus amigos "como bons franceses e como guardiões do bom gosto [20]". Recomenda a d'Alembert convencer a rainha e as princesas a tomar nosso partido... A rainha ama o teatro trágico; ela discerne o bom gosto do mau gosto, como se comesse manteiga com mel (*Isaias*, VII, 15); ela será a guardiã do bom gosto.

D'Alembert foi encarregado de ler a famosa carta; ele a enche de conselhos sobre como relevar as passagens escabrosas de Shakespeare, amenizando o que pudesse chocar a audiência.

Toda a graça da coisa consistia no confronto das partes admiráveis de Corneille e de Racine com os termos de b... [a palavra está escrita com todas as letras] e dos palavrões que o divino Shakespeare põe na boca de seus heróis e heroínas... Não se pode pronunciar no Louvre o que Shakespeare disse com tanta naturalidade diante da rainha Elizabete [21].

Nota-se que em suas cartas Voltaire não se incomodava; em seus romances e contos ele se permitia um pouco de liberdades no que se refere à boa linguagem e ao bom gosto. D'Alembert retrucava:

É preciso manter Shakespeare ou Racine em seu devido lugar... infelizmente entre os letrados existem desertores e falsos irmãos; mas os desertores serão pegos e pendurados. O que me incomoda é que a essência desses pendurados não servirá para nada, pois serão bem magros e bem secos [22].

Com efeito, os escritores que haviam protestado contra a tragédia e o *Dictionnaire de l'Académie* antes da Revolução eram contestadores para os quais a glória e a fortuna não sorriam.

Em sua carta à *Academia*, Voltaire não deixa de culpar Shakespeare pelo discurso do porteiro bêbado, sobre os efeitos afrodisíacos e diuréticos da bebida. Há nessa passagem algo para chocar o pudor deste século com orelhas tão castas. Em sua obra prima *Les plaideurs*, Racine se arriscou até mesmo a lançar uma das palavras de Macbeth, mas o pecado era venial, não passava de peixes pequenos. Era necessário voltar a Scarron e à Rabelais para reencontrar uma tal liberdade de linguagem, coisa que os naturalistas modernos ainda não ousaram fazer. Pode-se perdoar Voltaire, portanto, se ele cobre a face e grita *raca*. Aí e em muitas outras passagens interessantes, Shakespeare em verdade vai além do que o gosto aristocrático e capitalista pode tolerar.

Voltaire não se escandalizava somente com as palavras de um ébrio, mas também com esta passagem de um sentinela: " Eu não ouvi um rato correndo" (*Hamlet*).

Sim, senhor, continuou o árbitro literário supremo, dirigindo-se ao infeliz Pierrot Letourneur, um soldado pode responder assim no meio militar, mas não no teatro, diante dos próceres de uma nação que se exprimem nobremente e diante dos quais é necessário se exprimir do mesmo modo.

Que um soldado designe um rato pelo seu nome, vá lá, mas que Henrique V da Inglaterra fale a Catarina, filha de Carlos VI, rei da França, dessa maneira:

Se tu queres minha Catini, que eu faça versos para ti, que eu dance, tu me perdes, porque eu não tenho palavras nem a medida para versificar e não tenho jeito para dançar no ritmo.
(*Henrique V*, ato V, cena I.).

Pensando no casamento de sua mãe um mês após a morte de seu pai, Hamlet exclama:

Ai! fragilidade é o nome da mulher! Por que não esperar um simples mês! Por que antes de ter usado os chinelos com os quais ela seguiu o comboio de meu pai! Oh, céu! As bestas que não têm nenhum raciocínio teriam seguido um luto mais longo [Essas traduções são de Voltaire].

Fazer reis e rainhas discorrerem como simples mortais era ir além do que o pai da *Pecelle* poderia suportar no teatro. Mine du Deffant, após não sei qual tragédia de Voltaire dizia: "Ele cultivava todos os gêneros, até mesmo os mais enfadonhos". A carta à *Academia* o completa; ele, o espírito feito escritor chega ao grotesco nesta passagem:

Julgai agora, cortes da Europa, acadêmicos de todos os países, homens de elite, homens de bom gosto em todos os Estados. Eu faço mais, ousou pedir justiça à rainha da França e a suas princesas, às moças de tantos heróis que sabem como os heróis falam [23].

As filhas de Luís XV sabiam como seu pai falava às amantes. O autor da *Henriade* esqueceu que Béarnais – que viveu em um tempo parecido com aquele em que falavam e

agiam as personagens que Shakespeare transpôs ao vivo para o teatro --tinha propósitos semelhantes e até mais novos, que teriam por outro lado escandalizado as princesas.

Não foi apenas a língua trágica que levou inquietações a Voltaire. Não era somente ela que ele queria preservar da invasão de palavras familiares e de locuções populares; era também a língua científica, a língua jornalística e até a da conversa quotidiana.

Vós lereis nos novos livros de filosofia, diz ele desesperado, que não é necessário *dar-se à pura perda de tempo do ônus de pensar (faire en pure perte les frais de penser)*, que os eclipses *existem para amedrontar o povo (en droit d'effrayer le peuple)*, que Epicuro tinha *aparência que refletia sua alma (à l'unisson de son âme)*.... e milhares de outras expressões semelhantes, dignas do lacaio das *Précieuses ridicules*... Vós lereis nos papéis públicos: Ficamos que a frota lançou velas no dia 7 de março e que ela teria dobrado os Sorlingues. Tudo conspira para corromper uma língua expandida... Os negociantes introduzem em suas conversas termos de sua área e vos dizem que a Inglaterra arma uma frota; mas, *do outro lado* a França equipa seus vasos de guerra [24].

Essa última queira caracterizar a língua defendida pelos preciosos ridículos do século XVII. Eles proscravam as palavras e expressões nascidas no balcão das oficinas.

Pobre Voltaire! Suas inquietações não eram de todo exageradas, a língua vulgar que os escritores do grande século não deixaram relegada a segundo plano, usando apenas a elaborada no hotel Rambouillet, vinha à superfície, começava-se a escrever:

As tragédias no estilo de Allobroge ..., lamentava ele, os solecismos, os barbarismos... a empola mais ridícula não é sentida durante algum tempo porque a cabala e o entusiasmo idiota do vulgo provocam uma ebriedade que não sente nada.

Ele pressentia a perda do gosto e da língua em um futuro próximo

por essas obras Visigóticas e vandálicas... Esses males advêm normalmente após os séculos de perfeição. Não querendo ser imitadores, os artistas procuram caminhos desviantes; eles se distanciam da bela natureza que seus predecessores forjaram... O público desejoso de novidades procura-os... O gosto se perde, somos rodeados de novidades que se substituem umas às outras rapidamente. O bom gosto é uma reserva que alguns bons espíritos ainda conservam longe do populacho [25].

Uma falante como pessoas letradas sustentava Voltaire contra os Ostrogodos e os Vândalos da literatura que demoliam a obra de dois séculos de cultura aristocrática. No entanto, em seu próprio campo ele encontrava os que protestavam contra os dogmas da Igreja acadêmica, eles recriminavam contra a pobreza da língua. O que é mais, o próprio Voltaire a tratava como "mendiga orgulhosa a quem se deveria dar esmola não solicitada". Principalmente os sábios lamentavam as resistências que ela lhes opunha quando era necessário fazê-la admitir termos científicos, se bem que conhecimentos novos exigissem o uso de palavras novas. Mas,

os homens que poderiam dar o diapasão devido a sua posição e a seu conhecimento não têm conhecimento especulativo nem experiência, lamenta um dos enciclopedistas. Se homens assim fossem mais esclarecidos, nossa língua se enriqueceria com milhares de expressões próprias ou figuradas, expressões de que ela precisa e das quais os sábios que escrevem sentem falta [26].

Que fetichismo para a língua culta! Os sábios tinham escrúpulo de se usar uma expressão científica que não tivesse sido autorizada pelos ignorantes da elite.

Aceitemos a verdade, continua o autor do artigo, a língua dos franceses cultos não passa de inflorescência sutil. Digamos tudo, nossa língua não tem um porte considerável, não tem uma ousadia de imagem nobre nem cadências pomposas ou esses grandes movimentos que trariam o maravilhoso. Ela não é nada épica... Há uma grande quantidade de nomes de coisas essenciais que a língua francesa não ousa exprimir devido a uma falsa delicadeza.

Na segunda metade do século XVIII, começou-se a sentir a necessidade imperiosa de renovar a língua e as instituições sociais e políticas. Sentimo-nos no direito de perguntar porque Voltaire e os enciclopedistas, que tinham sido os representantes teóricos dessa necessidade geral e que tinham por missão histórica preparar a cabeça dos homens encarregados de efetivar essa revolução, foram tão respeitosos no que tange aos usos e regras do idioma aristocrático.

Os enciclopedistas não escreviam para o povo, mas para a parte instruída e inteligente da burguesia que, embora desejosa de abolir os privilégios dos nobres, tentavam mesmo assim copiar seus modos.

Os filósofos admitidos nos salões nobres, às vezes em pé de igualdade total, ocupavam-se de trazê-los para as ideias reformadoras. Eles deviam, observa Madame Staël, "acostumá-los, como se faz com as crianças, a brincar com aquilo de que têm medo". Não podiam adotar outra linguagem que a da nobreza; estavam mesmo obrigados a exagerar seu purismo a fim de não deixar o flanco aberto a críticas muito fáceis. Eles eram antes de tudo polemistas; estavam para demolir com sua crítica impiedosa as ideias e as opiniões tradicionais que existiam em torno do regime antigo. Não perdiam tempo reformando a língua; ocupavam-se de fazê-la mais lépida e incisiva. Parece que eles tinham medo de introduzir palavras e locuções que, por sua novidade, poderiam desviar a atenção ou obscurecer o sentido de seus ataques. Ter uma língua precisa e clara, que fere o adversário como uma espada, era uma preocupação constante a partir de Descartes. Mas, independentemente dos enciclopedistas, havia um trabalho silencioso na língua. Seus efeitos começavam a ser perceptíveis alguns anos antes da Revolução. Nós vamos vê-la, a língua, ampliar-se abertamente e renovar-se como por mágica, no espaço de alguns anos, de 1789 a 1794.

3. A língua depois da Revolução

No século XVIII a língua se transformou; perdeu a polidez aristocrática e assumiu os ares democráticos da burguesia. Literatos com furor acadêmico começavam a tomar emprestadas palavras e locuções da língua dos botecos e da rua. Essa evolução efetuar-se-ia gradualmente se a Revolução não tivesse vindo imprimir-lhe uma marcha acelerada e levá-la além do objetivo colimado pela necessidade da situação.

A transformação da linguagem se fazia paralelamente à evolução da classe burguesa. Para entender o fenômeno linguístico, é necessário conhecer e compreender o fenômeno social e o político que lhe deram origem. A rica e instruída burguesia do século XVIII exercia

uma ação latente sobre a marcha dos acontecimentos políticos, guerreando contra a aristocracia, não como na Idade Média para conquistar as regalias comunais, mas para compartilhar o poder político e fazer, na propriedade, na legislação e na fiscalização, as reformas indispensáveis à sua marcha para frente. Entre as grandes mentes desses tempos épicos, Mirabeau e os homens que o inspiraram são aqueles que mais claramente entreviram o objetivo que era preciso atingir. Eles não pretendiam derrubar a monarquia, mas dar-lhe o feitiço constitucional que fazia a grandeza e a prosperidade da Inglaterra e a admiração dos enciclopedistas e economistas. É a monarquia constitucional que acabou por pôr cobro ao movimento depois das lutas sangrentas da Revolução. Depois de 1815, o parlamentarismo se desenvolve sob diferentes formas de governo.

As reformas políticas e econômicas não exigiam a supressão da nobreza como classe governante, mas a ascensão ao seu lado de uma nova classe poderosa pela riqueza e o saber. Os nobres não souberam compreender que, se essas reformas necessárias golpeavam sua vaidade e ameaçavam alguns de seus privilégios, elas aumentariam de modo considerável sua fortuna territorial. Após se deixar levar, em 4 de agosto, por um de seus ímpetos de entusiasmo que são próprios da nação francesa, em vez de permitir que a evolução burguesa seguisse seu curso normal e regular, pois eram incapazes de dirigi-la, eles quiseram travá-la. A burguesia era poderosa demais para que, uma vez assumida, não vencesse todos os obstáculos. Essa evolução era de uma necessidade tão imperiosa que nenhum preço era demais para levá-la avante. As execuções sanguinárias, as espoliações em massa, as dilapidações colossais, as leis do máximo, em uma palavra, as medidas de exceção da Revolução eram incompatíveis com o humor burguês, que chocariam os líderes revolucionários que tinham que pô-las em prática, do mesmo modo que chocaram M. Taine, se elas não lhes houvessem parecido impostas pelas circunstâncias e independentes da vontade humana.

Para triunfar frente à aristocracia mantida pelas monarquias europeias, a burguesia teve que insuflar as massas populares, que ela não tinha intenção de pôr em movimento. Os escritores e filósofos que prepararam teoricamente a Revolução, com raras exceções, se preocupavam muito pouco com a sorte dos trabalhadores. Eles só se dirigiam aos nobres e aos burgueses,

Voltaire desejava que as luzes fossem de bom tom e que a filosofia estivesse conforme à moda, observa Madame de Staël. Mas, o elemento popular, uma vez presente queria, por sua vez, obter as reformas e dar forma às declamações burguesas. Em vez de se contentar com a igualdade civil frente à lei, exigiam a igualdade econômica frente aos meios de existência. Por um instante, pôde afirmar sus tendências comunistas em Paris, estabelecer refeições de fraternidades, mexer com projetos de reforma agrária e de propriedade comum. Mas, esse movimento popular, enxertado na revolução burguesa e desenvolvido prematuramente pelas lutas da burguesia e a aristocracia, deveria fracassar.

Quanto a burguesia teve que lutar contra a aristocracia! Ela teve que ceder às exigências populares. Foi obrigada a fazer vistas grossas e concordar com reformas que lhe repugnavam, mas que assumiu desde que sua situação ficou clara. O movimento de reação começou com Robespierre e continuou aumentando sob o Diretório. A constituição de 1793, que trazia o sufrágio universal, pode ser considerada o ponto culminante do

movimento revolucionário. Votada em 23 de junho, ela foi imediatamente suspensa e substituída pela Constituição do ano III (1795) antes de poder ser aplicada.

Esses movimentos políticos de avanços e recuos se estendeu até à religião, às artes, aos costumes e à língua. O ateísmo, após ser erigido em religião, foi considerado como crime; Deus, abolido por decreto e o catolicismo se tornou a religião nacional, após se passar pelo Ser supremo de Robespierre. A filosofia sensualista do século XVIII que deu início à Revolução reinava na Comuna de Paris. Posta em suspeição por Robespierre, acusada de ter fomentado "os excessos e os crimes de 1793, ela foi suplantada sob o Diretório pela filosofia harmonizada de Azaïs, depois pela filosofia do bom senso que Royer-Collard importou da Escócia, e definitivamente substituída pelo ecletismo frasista de M. Cousin. David, seus discípulos e seus rivais, após deixarem as Curiaces e as Psychés para pintar realisticamente os dramas da rua e os combates dos soldados republicanos, sob o Diretório, retornaram a seus primeiros autores, aos Romains e aos Sabines. O costume, o mobiliário, os hábitos sociais mais tradicionais sofreram igualmente o contragolpe da dupla agitação política. O calendário republicano fazia começar o ano em 22, setembro (primeiro vendemiário); primeiro de janeiro foi visto com suspeição. Foi proibido celebrá-lo como dia do ano. Rompeu-se o lacre desse dia, abriam-se as cartas no correio para ver se elas não continham desejos de ano bom. A celebração do dia do ano foi restabelecida sob o Diretório, no ano V (1797).

A literatura, pelo menos a que era possível nesses tempos agitados, a literatura dos jornais, dos panfletos, das discussões políticas, nos clubes e assembleias parlamentares, não escapou da sorte comum. Desde o início da Revolução, a língua do século XVIII foi deixada de lado e, sem transição, caiu-se no estilo demagógico. Sob o Diretório os b... e os f... que *Père Duchenne ressuscitado* acreditou poder fazer reviver, foram proscritos por ordem do governo como provas concretas de tendência à anarquia de 1793; era necessário pulverizar o alfabeto. Os nobres exerceram na revolução linguística o papel que tiveram no movimento filosófico. Eles haviam contribuído ao desmoronamento de sua situação privilegiada alimentando-se dos paradoxos mais perigosos, que para eles eram petiscos do espírito. Os emigrados que fugiram da proscrição revolucionária para as cortes da Alemanha, da Itália e da Savoia estavam tão corrompidos pela crítica partidária dos filósofos que foram tomados por revolucionários e, às vezes, foram expulsos como tais. Em 4 de agosto, os delegados da nobreza, que exibiam espírito filosófico sem que isso tivesse consequências, acreditaram que poderiam sacrificar seus privilégios e até mesmo abandonar seus títulos de nobreza para se adjudicarem nomes comuns sem mudar em nada em sua situação, de tão convencidos que estavam de sua superioridade e conscientes da imensa distância que os separava da turba burguesa, na qual não distinguiam mais do que fornecedores e comensais.

Os nobres levaram a revolução literária ao extremo. Como notam MM. E. e J. de Goncourt em seu *Histoire de la société française pendant la Révolution et sous le Directoire*, tão nutrida de pesquisas originais, infelizmente comprometida com preocupações com estilo, os aristocratas no *Journal des Halles*, que tinha como epígrafe: "Onde há desconforto, não há prazer", e cujo primeiro número começava pela frase "J'entendons [eu

entendemos] gueuler à nos oreilles des papiers... [27], dans la *Chronique scandaleuse*, le *Journal de la cour et de la ville*, le *Journal à deux liards*,

precederam o estilo canalha dos revolucionários e começaram a pôr a linguagem das ruas a serviço da polêmica ante dos *Duchênne*

A nobreza e seus apoiadores pressentiram o poder extraordinário que adquiriria a então nascente imprensa popular.

Com penas, dizia Lemaire, fizemos m... abaixo as plumazinhas dos audaciosos; com penas fizemos uma gaivota dançar à senhora Bastilha; com penas fizemos balançar o trono dos tiranos, movemos o mundo e incitamos os povos a marchar pela liberdade [28]. A aristocracia sentira a necessidade de atrair o povo e se servir dele como um cordeiro para vencer a burguesia e, a fim de conquistá-la, deixou de falar da corte sem trejeitos em prol da linguagem das corças de la Halle que "acelerando as galeras, agarrando o diabo pelo rabo, com muito pesar", "pretendia, apesar de tudo isso, não ser mais vista como zeros à esquerda" (*Cahier des plaintes et doléances des dames de la Halle et des marchés de Paris rédigé au grand salon des Porcherons*, août 1789.)

A nobreza seguia sua tática tradicional: nas lutas intestinas que ensanguentaram as cidades da Idade Média, ela fazia de tudo para os encarregados, para os operários de ofícios contra os mestres das corporações e o patriciado municipal, para o *populo minuto*, contra o *populo grosso*, como diziam expressivamente os florentinos do tempo de Savonarola. Em nosso século, a aristocracia inglesa tentou conquistar o elemento proletário das cidades manufatureiras para resistir à usurpação da burguesia e para enfrentar a agitação da *anticorn-law*, fazendo votar as leis para a regulamentação das horas de trabalho, a despeito dos Cobden e os Bright do liberalismo.

A revolução literária iniciada pelos aristocratas experimentou um desenvolvimento considerável. Jornais, panfletos, brochuras e *flyers* começaram a chover como saraivada de balas políticas; não tardaram a tornar-se meios de enriquecimento. Que mérito você tem por ser patriota, dizia Saint-Just a um livreiro quando um panfleto traz milhares de francos.

Para tranquilizar o leitor, apresentava-se-lhe o estilo dos mercados; para atrair o comprador, recorria-se aos títulos sensacionalistas, extravagantes, popularescos, obscenos, terríveis. Eis alguns exemplos:

O *desbocado* abade Fauchet; que o Anti-jacobino sacramentava "bispo pela cólera de Deus" -- *Os Ovos de Páscoa, ovos frescos de Besençon*. -- *O rocambole dos jornais ou História aristocapucino-cômica da Revolução*. -- *Letras m patrióticas do padre Duchême*, epígrafe: "Compre isso por duas moedas, e você rirá por quatro! -- *Letras m... da madre Duchêne*. -- *O plumpudding ou recreação dos escudeiros do rei*. -- *Eu me f...*, epígrafe: Liberdade, *libertas*, m..." No quinto número ele muda de título e se chama *Jean Bart ou sequência de eu me f...* -- *Jornal do ralador ou assim ou assado!* "Como eu não nos estimamos tanto..." -- *A vestimenta patriótica, ou os adornos de Jean F...* -- *Por duas moedas o meu jornal! O jornal do outro mundo, ou Conversação verdadeiramente fraterna do diabo com são Pedro*, cujo frontispício é uma peça de guilhotina enfeitada com cabeças decepadas, com a legenda "Esboço de história natural do diabo. Aviso aos contestadores".

Grupos de camelôs, nomeados então proclamadores, apregoavam esses títulos e às vezes imitavam o artigo ou a nova sensacional do folheto que vendiam nos cruzamentos.

Panfletos e brochuras se ofereciam aos compradores com títulos espalhafatosos:

Se estou errado que me pendurem! - Peguem seu pequeno copo.

O Parchemin em cueca. – Meus Deus! são umas bestas, esses franceses! – As senhoritas do Palais-Royal dos Estados gerais. – A Mosca cantárida nacional contra o clero. – Carta de Rabelais, pastel de massa folhada aos decretos da assembleia, chouriço à Barnave, dindim à Robespierre. – O último grito do monstro. – Molho de feno ou morte trágica de seu Foulon. – A audiência de MM. Launay, Flesselles, Foulon e Savignyt nos infernos.

- O golpe de misericórdia dos aristocratas, preces pelos agonizantes com ofício aos mortos, que começa assim: " Que belzebu arranhem os aristocratas com suas garras". – Envie agradecimentos do Senhor belzebu pelo envio de traidores em 13 e 2 de julho.

A linguagem desses jornais e panfletos, sentimental e violenta, acabava de nascer: as palavras forjadas para a circunstância mordiam, as frases infladas de retórica nova se abatiam sobre o adversário como golpes de maça. Os Goncourt, esses letrados delicados e misto de eruditos e que nos dois volumes já mencionados não escondem seus sentimentos pela realeza são obrigados a admirar o talento dos escritores revolucionários. Eles respondem (aos aristocratas) no estilo das feiras, dizem, por uma língua que colhem na sarjeta e que suavizam sem enlanguescê-la, que fazem ficar manipulável e dócil, sem lhe tirar sua característica sólida, seus movimentos robustos e fortes. Não se deixem enganar pelo aspecto primeiro desses jornais, esses m..., esses b... que, por assim dizer, não passam de uma maneira de inflexão; deixem seus gostos e encontrarão nesse falar da borra uma tática hábil, um afago apropriado do popular, um pôr em perspectiva das teses governamentais e das proposições abstratas da política. Encontrarão depois um idioma com marca própria, nutrido, vigoroso, rabelaisiano, com pitadas de tiradas cômicas ou grosserias corriqueiras, tiradas notáveis, dialética serrada, um chapado bom senso quadrado e plebeu. Um dia virá ... em que se reconhecerá o espírito, a originalidade, a eloquência mesma, talvez a única eloquência verdadeira da Revolução, a Père Duchêne e principalmente a Hébert [29].

A arma que os aristocratas primeiro manipularam, arrancada de suas mãos voltou-se contra eles. Seus jornais tiveram uma circulação limitada e tiveram que suspender a publicação por falta de leitores, enquanto que uma popularidade inaudita recompensou "os poderosos Vadés da Revolução".

Os sucessos dos Père Duchêne e sua forte influência sobre a marcha dos acontecimentos não devem fazer esquecer que os realistas foram os primeiros a enfeitar seus jornais com a "flor da linguagem do populacho", o que se empenhou em fazer a comissão do Instituto nacional em seu *Rapport sur la continuation du Dictionnaire de la langue française* (ano IX).

No curso da Revolução, lê-se, o exagero nas ideias produziu o exagero nas palavras; passou-se a ter como eloquência expressões estranhas e incoerentes; homens que não tinham nenhum estudo, ou tinham estudos mal feitos, se consideravam chamados a ser oradores, poetas, escritores. Desejando chamar a atenção e não conseguindo fazê-lo por

meios inteligentes, que convinhas ao bom gosto, lançaram mão de uma audácia de linguagem que convinha muito bem à de sua conduta. Criaram palavras bárbaras, torneios forçados, motivo pelo qual não tiveram muitos imitadores que tomavam o enfatuamento por grandeza, temeridades absurdas por ousadias interessantes.

O Instituto repetia os ataques que de todos os lados se lançavam contra os numerosos locutores que a Revolução fez eclodir e que nos apresentavam

em todos os recantos da França essas expressões, essas frases de terror que hoje enxovalha a linguagem de Racine e de Buffon (*Décade philosophique*, 30 fructidor, an X).

Naquela época os letrados eram menosprezados

tirados das fileiras dessa imensa barafunda de jornalistas que a Revolução fez surgir: jovens amanuenses vendo-se sem emprego, pequenos tonsurados saídos de seminários tentaram vender sua alma por dois soldos a meia folha e os diversos partidos os assalariaram, depois dos *Père Duchêne* até o *Courier de la cour* (*Bulletin de Paris*, 7 messidor, ano X.)

Sabe-se que os letrados tímidos, os Laharpe e os Morellet, envelhecidos nos salões do regime antigo, tenham ficado escandalizados com a língua demagógica dos jornais revolucionários. Ela chocava demais seus hábitos e sua polidez acadêmicas; não valorizava homens políticos e historiadores que apreciavam a tarefa que os acontecimentos impunham a esses jornalistas, que sabiam que deviam chamar a atenção de um público sem cultura literária, inflamar as paixões e ganhar o prêmio da causa que haviam abraçado. Devem compreender que seu estilo era do que exigiam as circunstâncias e ficar admirados por haver tantos escritores de talento para se servir dessa língua desgastada e para conquistar "a estima andrajosa da extrema interioridade". O jornalista e o panfletário revolucionários não são professores de retórica, que visam a impecabilidade; antes de sonhar com as regras da gramática e do bom estilo, deviam, assim como o autor dramático, preocupar-se com atrair a multidão à qual se dirigem. Eles são polemistas que devem se curvar à língua, aos gostos, aos hábitos e à cultura de seus leitores.

A língua popularesca salpicada de blasfêmias grosseiras, endossadas por burgueses e aristocratas como um prazer carnavalesco, devia ser deixada de lado uma vez ganha a batalha.

O expurgo dos b... e os f... do *Père Duchêne* por ordem da justiça, mencionado anteriormente, não passada de eslagartamento que se iria praticar sobre a língua revolucionária. Protestava-se alto e bom som contra

a introdução ou o emprego de locuções novas de que ninguém precisa nem aceita ... contra os torneios novos, esses acavalgamentos de palavras uma sobre as outras. Era o abandono total do decoro, a confusão absoluta de todas as sutilezas sociais, essas saturnais que haviam feito da inépcia um título de grandeza, essa necessidade de rebaixar para não ser seguido; é a isso que se deve atribuir a aceitação delas (*Mercur de France*, termidor, ano VIII)

O Instituto que pensava ser o censor da língua como a Academia supracitada, reclamava a honra de ser o grande eslagartador das palavras da Revolução. "Cabe ao Instituto pôr

ordem na língua francesa, diz o relatório mencionado. A *Décade* (20 messidor, ano IX) anuncia que a comissão do Instituto encarregada do dicionário consagrou sua primeira sessão

ao exame das palavras recém-introduzidas na língua durante os dez ou doze últimos anos, regulares e harmoniosas e as que o bom uso já consagrou.

A caça às palavras e locuções que foram organizadas não era um passatempo inocente de letrados, mas uma obra política. Trabalhava-se para expurgar da língua, assim como da filosofia, da religião e dos costumes os traços da Revolução. Como um pesadelo, ela incomodava aqueles que havia feito tremer e que não queriam senão viver.

Todas as vezes que o curso das ideias leva a refletir sobre o destino do homem, a Revolução aparece, diz Mme de Staël analisando este estado mental, nos transportamos espiritualmente para tempos que já se passaram... Se nessas regiões metafísicas uma palavra vem à lembrança, as emoções da alma passam a dominar. O pensamento não consegue mais nos sustentar [30].

Não se contentava com proscrever as pragas do *Père Duchêne*, procurava-se pelas palavras mais decentes e anódinas. O *Mercur* – no qual escreviam Fontanes, Chateaubriand e os homens do partido católico – se protegiam contra palavras como *novidades, enriquecedor, estreiteza, homens virtuosos, pena liberal*, "um barbarismo monstruoso" (1 vendemiário, ano X). Reprendia-se o título da *Décade philosophique*, que se aconselhava modificar. Ela respondia timidamente (nesses tempos não pegava bem passar-se por revolucionário):

Se nos servíamos da palavra *década* durante a revolução seria necessário proscrevê-la? Sabamos que não se ouve sem desgosto os nomes que designavam os diversos partidos, são palavras emporcalhadas, deseje-se que sejam esquecidas se possível. Mas a palavra *década* não entra nessa classe. Ela indica a divisão decimal do mês. Os *décadis* foram suprimidos como dias de descanso, feriados, mas não as décadas (10 termidor, ano X).

Laharpe se distinguiu entre os executores de palavras. Ele escreveu uma brochura para manifestar seu repúdio ao tuteamento que lhe fora imposto em 1793 e um volume de mais de cem páginas para limpar a língua francesa da sujeira revolucionária.

Diz-se que outrora os *escritores das charqueadas* apresentavam palavras de boas-vindas, de amor e de injúrias a todos que chegavam. Havia o estilo de 10, 20 e 30 soldos. O primeiro para o populacho que não sabia ler nem escrever; o segundo para aqueles que haviam aprendido uma coisa e outra; o terceiro para os pequenos gerentes de lojas. Este último era um etilo florido. Por 30 soldos atribuíam-se-lhes espirosidade e eloquência. Eis com toda certeza a hierarquia inteira do *belo espírito revolucionário*. Ele produziu 5 ou 6 escritores e tantos outros oradores da Montaigne que se elevaram até o estilo de 30 soldos.... Esses corifeus desprezam com toda convicção seus confrades de 10 soldos. A pobre gente não tem dúvida que virá um dia em que não se fará distinção entre eles assim como não se faz hoje entre nossos velhos *escritores das charqueadas*.

Depois de cutucar os escritores, cutucavam-se as palavras:

Democratizar, exclama-se, é uma palavra forjada na Revolução; *moralizar* é um verbo neutro que nunca significou tornar moral, mas falar de moral; *desmoralizar* significava, conseqüentemente, parar de falar de moral; *fanatizar* não é nada menos bárbara, mas contrária a todas as regras de formação de palavras, como seria *autenticar*, *heroizar* por tornar autêntico e heroico etc. Nenhum adjetivo terminado em *-que* pode produzir um verbo terminado em *-izar* [31].

Lembrou-se-lhe que se dizia *eletrizar*, *paralisar*, *tiranizar*, *dogmatizar*, *canonizar*, palavras que ele mesmo havia empregado.

Marie-Joseph Chénier tomou a defesa dos vocábulos incriminados.

Talvez muita gente só repudie nas palavras novas as ideias e as instituições novas, dizia ele. No entanto, é preciso ter cuidado: uma palavra que se acredita nascida com a República francesa foi contemporânea da monarquia.... Muita gente gostaria de proscriver *cívico* e *cidadão* como suspeitas de novidade; são velhas palavras.

A idade da palavra importava pouco. Uma vez que ela foi empregada pelos revolucionários, era suspeita, julgada e condenada. O *Mercur* (3 vendemiário, ano XI) se desculpava por ter se servido da palavra *patriotismo*, que devia ser entendida em sua significação primitiva porque

os homens de 93 não tinham patriotismo, mesmo que falassem de pátria.

Chateaubriand achava que as pessoas eram

indiferentes às cenas dos Horácios porque por trás de todas essas palavras: "E aí! vocês me choram morrendo por meu país!" não se vê senão sangue, crimes e a linguagem da tribuna e da convenção [32].

Essa caça boba pelas palavras e locuções não faziam deixar de subsistir na língua um número considerável que haviam entrado pela brecha da Revolução. A cóleras impotentes dos gramáticos e dos puristas não fizeram nada mais que constatar oficialmente o nascimento da língua da burguesia. Era necessário estudar a renovação linguística em suas causas e em seus efeitos.

A Revolução chamava uma classe nova à vida política que ela criava com o mesmo golpe. As questões de Estado, até então reguladas no segredo do gabinete real, iriam ser discutidas publicamente nos jornais e assembleias parlamentares. A opinião pública se tornou uma potência, era necessário se dirigir a ela e valer-se de sua ajuda para manter o governo. Essas novas condições exigiam uma língua igualmente nova que, da esfera política em seguida devia passar para o domínio puramente literário [33].

Os homens que durante a Revolução estavam encarregados das questões públicas, que as discutiam na tribuna e na imprensa, vinham de todas as províncias e tinham sido educados longe da corte e da influência das academias e dos salões. Aqueles que como Talleyrand tinham recebido uma educação aristocrática estavam conscientes das insuficiências da língua [34]. A que falavam em suas casas, em suas lojas e em seus gabinetes de homens da lei era a dos burgueses, seus amigos e clientes, não a dos cortesãos de Versalhes e dos escritores acadêmicos que, convivendo com as pessoas do mundo real e pedindo seu sufrágio, se esforçavam para empregar apenas sua língua castiça. Mas, os jornalistas e os

oradores da Revolução se dirigiam a um outro público burguês, atribuindo-se a tarefa de convencer e cooptar os burgueses. Falavam e escreviam naturalmente a língua que ouviam ao seu redor, em seu meio social, como o haviam feito os Rabelais, os Montaigne e os Calvin, esses pais de nossa língua, da qual fizeram reviver um grande número de palavras e expressões. Os acontecimentos políticos em que foram jogados eram tão imprevistos e precipitados que, quando obrigados a escrever e falar sob a impressão do momento, não tinham nem a vontade nem o tempo para se conformar às regras acadêmicas, de escolher suas expressões nem mesmo de obedecer as regras mais elementares da gramática. Afinal, escolhidos para subverter as instituições de uma sociedade a que incomodavam os desenvolvimentos de sua classe, não deviam respeitar sua língua nem os usos do corpo literário constituído como seu guardião. A dissolução da *Academia*, "esse último refúgio de todas as aristocracias [35]", estava na ordem lógica dos acontecimentos.

Falando e escrevendo da tradição sem preocupação, eles saíam do estreito círculo que aprisionava a língua polida. Sem querer eles destruíam em um átimo de tempo a obra do hotel de Rambouillet e do século de Luís XIV. Eles se serviram sem nenhuma sensação de incômodo de palavras e locuções cujo uso quotidiano lhes mostrara sua força e utilidade, sem ter dúvidas de que foram postos na corte e nos salões. Eles trouxeram provincialismos de seus lugares de origem; empregavam os termos dos ofícios e dos negócios, forjaram as palavras que lhes faltavam e mudaram o sentido das que mais lhes convinham. A Revolução foi efetivamente criadora da língua, como nas instituições; Mercier tinha razão para de dizer que "o idioma da Convenção era tão novo quanto a posição da França".

Eu mostrei com citações a senha de Voltaire e dos puristas ante e depois da Revolução para defender a qualquer custo a língua atrasada do século XVII. A fim de dar uma ideia da brusca revolução linguística que se deu de 1789 a 1794, vou reproduzir as listas bastantes incompletas das palavras novas e antigas de que se enriqueceu a língua. Elas serão de qualquer forma suficientes para mostrar ao leitor que a maioria das inovações feitas depois tinham sido introduzidas nesses anos revolucionários.

Quis-se abreviar as frases mediante verbos novos que despojam o estilo de qualquer graça sem lhe dar mais precisão,

dizia Mme de Staël, e como prova ela dizia: *utilizar, precisar, ativar* [36]. A precisão incomparável da língua do século XIII, precisão jamais atingida pela moderna, sobrecarregada de adjetivos pomposos e de comparações reluzentes, mas em geral pouco exatas, isso não era a qualidade que procuravam os revolucionários. Eles queriam ter uma língua vivaz, expressiva e rica de palavras. Como a língua aristocrática era pobre em verbos, eles transformaram os substantivos em verbos, sem se preocupar com regularidade gramatical e com uma adequação perfeita de sua significação. Na enumeração dos verbos introduzidos ou criados durante a Revolução e nos outros que introduzo em seguida, menciono, com algumas exceções, as palavras adotadas pelo uso a despeito do ostracismo acadêmico.

Republicanizar, pactizar, centralizar, requisicionar, legiferar, igualizar, "a Bastilha igualiza tudo que engole como a morte" (Linguet). *Jornalizar, eleger (élire)*, esta última mal conhecida antes da Revolução, as pessoas a estropiavam durante a primeira eleição.

Era muito comum ouvir honoráveis membros dizer: *Nós elegemos (on a éli) senhor um tal presidente* (Mercier, *Dictionnaire néologique*).

Ordenançar, panfletizar, radiar da lista dos emigrados, *basar (baser)*, palavra pesada, parasita inútil, a criação de neologismo moderno mais infeliz. *Fundar, estabelecer* eram usadas até aqui... isso é coisa das pessoas da tribuna, já que se deixava aos procuradores os termos de trapaça (*Mercur*, 1 germinal, ano X).

celeratizar (scérelatiser), julhificar (juillettiser), quando, então, as pessoas, a exemplo de Paris, reverterão as bastilhas e *julhificarão*,

camelionar, mobilizar, desmarquezar (démarquiser), democratizar, desemprestar (déprêtiser), no conselho geral da Comuna de Paris haveria um registro para inscrever as declarações dos cidadãos que quisessem se *desemprestar (déprêtiser)*,

destiarizar (détiarer), religionar (religionner), ateizar, missar (messer) uma missa em quatro tempos.

Domesticar, escravizar (esclaver) uma nação, *heroizar, revigorar, virilizar, ensaiotar (enjuponner), gigantificar* o perigo, *abominar, soporificar*.

Fabulizar as novidades, *ferular* uma assembleia, *parolar, forcear (forcener)* linguagem como Collot d'Herbois, *pavonizar, lonizar*,

as revoluções imprimem nas opiniões este furor que vai leonizar as pessoas; elas serão suficientes para devorar os tiranos (Mandar);

cataventar, verbo tão necessário nesses tempos em que se muda tanto de opinião, em que o *Dicionário* dos contemporâneos foi intitulado *Dicionário dos cataventos*; *enlamear (fanger)* pela corrupção das cidades (Restif de la Bretonne foi um dos mais ardentes neólogos), *ligaturar* um povo; *juvenalizar, machiavelizar, cromwellizar, don quichottizar, advocatizar (avocasser), convulsar, patifizar (coquiner), dessexualizar, diamantar, encinturar*, tornar recintado, *piramidar*, "extravagância que nos vêm do Egito, embora Diderot tenha escrito: "Este grupo piramida bem".

Pantufar (pantoufler):

A Assembleia reduziu o rei Coco a *pantufar* com a rainha sobre as questões públicas. Mme de Sévigné havia dito: " Eis c... à vontade; nós vamos pantufar bastante". *Desbestar (ébêtir), desumanizar, impressionar, imajar (imager)* o próprio discurso, *expressionar* por meio de entonações, *gestar*, Lekain gestava com nobreza.

Historizar, editar, tomar (tomar) mais do que a matéria comporta.

Mistificar, consentimentar (agrémenter), susurrar, futilizar, modernizar, fanfarrar, melodiar, odorar, subodorar, anzolar, naufragar, frugalizar por amor pela República, *esterilizar* a indústria, *ajornar (ajourner), modular, urbanizar* uma assembleia, *polonhizar, germanizar, alfinetar*, a ausência desse verbo justifica a perífrase de Delille.

Substantivar, educar, idealizar, egoizar.

Não de poderia repreender o autor das famosas memórias (Necker) por não ter egoizado. Os revolucionários precisavam de substantivos e de adjetivos novos tanto quanto de verbos. Eles relançaram em circulação velhas palavras que haviam desaparecido depois de Mme de Sévigné e La Fontaine. Muitas entre alas são diuturnamente usadas a despeito da predição do *Mercur* de que, fazendo eco aos gramáticos e aos puristas do ano X seria uma atitude zombeteira.

palavras forjadas por Ronsard, du Bellay, du Bartas e muitos outros. O que se tornaram no século seguinte as que sugeriu Ménage?

A zombaria era vã: Ronsard, Baïf e seus amigos da Pléiade queriam substituir em poesia o latim pelo francês que os letrados

consideravam bárbaro e irregular, incapaz de mostrar esta elegância e cópia [abundância] que existe na grega e na romana; por outro lado, dizem ela não tem suas declinações, seus pés e seus números como outras línguas [37].

Em vez de imitar Villon e rimar ousadamente na língua vulgar, eles fizeram um compromisso, tomando de empréstimo aos gregos e aos latinos sua métrica e palavras que afrancesaram. Sua revolução foi bem sucedida. Eles destronaram tão bem o latim, suas palavras de origem antiga foram levadas à ruína. Os revolucionários, ao contrário, só importaram na língua aristocrática palavras de fabricação popular. E essas palavras tiveram uma vitalidade espantosa, ao passo que a vida das que foram paridas pelos eruditos e os letrados é precária e efêmera [38].

O *Dictionnaire de l'Académie* do ano VI, cuja publicação fora decretada pela Convenção, em seu suplemento deu direito de aburguesamento a 336 palavras novas. Isso era pouco, uma vez que então foram lançados todos os termos da língua parlamentar.

Organizador, desorganizador, reorganizador, agitador, agitado, moderantismo, "acusa-se-lhe de moderantismo para assassinar a moderação". Deputação, deputado, civismo, incivismo, propaganda, propagandista, refratário, padre ou funcionário de fazer sermão à Constituição civil do clérigo, mais tarde substituído por padre insermonado, cidadã, flagelador dos abusos, suspeito, pessoa suspeita de aristocratismo, fraternização dos povos, tiranicida, legicida, liberticida, jornalismo, jornalhada, desassinatura, logografia, que escreve tão rápido como a palavra, título de um jornal dando conta dos debates legislativos, ingovernável, burocracia, burocrata, aristocrata, "partidário do velho regime". Aristocracia,

a casta dos nobres privilegiados supracitados, em geral inimigos do governo (definição do *Dictionnaire de l'Académie* do ano VI).

Democrata

por oposição a aristocrata, aquele que se dedica à causa da Revolução.

No entanto, os *Atos dos apóstolos* de 1789 tinham como epígrafe: "Liberdade, alegria, *democracia real*".

Negricida, negrofilismo, título de uma brochura do ano X, na qual se propugnava pelo restabelecimento da escravidão. Um grande número de publicações reacionárias e católicas preconizava a escravidão. A *carneirada* se junta aos cabeças audaciosos. *Salariado, assalariado*,

eu só conheço três modos de viver na sociedade: é necessário ser pedinte, ladrão ou assalariado (Mirabeau.)

Teófago, termo debochado que tomado de empréstimo aos protestantes que assim designavam os católicos: para os revolucionários ele significava celebrador de missa, *falso Deus, capuchinahada, capuchinhagem, papa-Deus*.

Ágio, agiotar, fazedor, fricoteiro, fricassador de negócios, especulador, submissionário.

Capitalista:

Essa palavra só é conhecida em Paris. Ela designa um monstro de fortuna, um homem de coração inexorável que só tem afeições metálicas. Fala-se de imposto territorial? Ele debocha. Ele não tem um polegar de terra. Como taxá-la? Como os árabes do deserto, que acabam de pilhar uma caravana enterram seu ouro com medo de que outro assaltante possa aparecer, do mesmo modo os capitalistas esconderam nosso dinheiro (*Dictionnaire anecdotique*.)

Os revolucionários inventaram palavras para suas circunstâncias:

Sem-ceroulas, sem-ceroulice, os cinco dias complementares, vendemiarista, fructidoriano, termidorano, setembriada, setembrizar, terrorismo, terrorista, vandalismo; Grégoire o empregou pela primeira vez em um relatório para a Convenção "Eu criei a palavra para matar a coisa, diz ele em suas memórias. Naquela época a língua era um instrumento de demolição. Em sua defesa dos artistas aos quais se queria impor pagamentos, Mercier disse:

Para inverter as coisas mais facilmente, invertamos a linguagem (*Tribune publique*, outubro 1796).

Telégrafo,

essa máquina inventada depois de Revolução é uma espécie de gazeta aérea cujo alfabeto o governo conhecia

Lesapovo, "atentado maior que lesa-majestade". A língua se enriqueceu com uma infinidade de palavras necessárias e pitorescas:

Raptador, ossudo, ossatura, inabordado, infranqueável, acrimônia, inanidade, classeamento, classificação, classificador, classificar, gloriola, elogioso, inconsistente, inelutável, imprevisível, fortitude, engenhosidade, embotamento, engolimento, imagearia, amedrontamento, vulgaridade; Mme de Staël se considera a primeira usá-la:

a *famosidade* desse submissionário está escrita em letras de sangue.

Queimamento dos papeluchos da *robinocracia*. *Logo-diarreia*, de Voltaire se serviu em uma correspondência privada. *Ocioso*, empregado por Massillon, que foi criticado como inovador: ele foi reprimido por ter dito "desprezador das leis".

Há pouco (naguère), que tinha sido proscrita e substituída por "não faz muito tempo", foi retomada assim como outras cujo desaparecimento La Bruyère lamentou. O hotel de Rambouillet empreendeu uma campanha contra porquanto (*car*). Gomberville se vangloriava de não tê-la usado uma única vez em nos 4 volumes de seu romance *Polexandre*.

A filosofia e as ciências foram beneficiadas com muitos termos:

Idealisar, idealismo, idealista, idealização, idealidade, indiferentismo, perfectionamento, perfectibilidade.

Ser supremo,

Robespierre proclamou com prazer o Ser supremo da República que não tem nada a ver com o bom Deus... Um sem-ceroulas disse: "Não há mais Deus; só há um Ser supremo" (Laharpe).

Tentou-se introduzir *cienciado (sciencé)*, que era desnecessário pois se tinha *sábio (savant)* desde a Idade Média. Os ingleses, aos quais a palavra falta, ficam incomodados ao designar o homem de ciência; eles chamam um estudante de sânscrito, de filosofia etc. Nos últimos tempos, eles adotaram a palavra francesa *savant* e criaram o neologismo *cientista (scientist)*. Palavras introduzidas recentemente na língua eram usuais durante a Revolução:

Modernismo, naturalismo, tomados em sentido religioso, religião da natureza; *seleção*, reintroduzida do inglês por Mme Clémence Royer no prefácio da tradução do livro de Darwin; *nadista (rieniste), niilista*, cuja formação foi atribuída a Turgenev . H. Castille, que tinha uma grande riqueza de palavras, serviu-se dela em seu livro sobre os *Hommes et les moeurs du règne de Louis-Philippe*, 1853.

Novas significações foram impostas a palavras antigas:

Lanternar, ser indeciso, antes da Revolução: "o cardeal lanternou muito nos últimos seis dias " (de Retz). Após a Revolução, dependurar na lanterna. *Moralidade* antes da Rév., reflexão moral, sentido moral envolvido em um tipo de discurso fabuloso; após a Rév. "caráter moral de uma pessoa, seus costumes, seus princípios" (*Dictionnaire de l'Académie* do ano VI). *Nivelar*, antes da Rév. "medir com um nível"; *nivelador*, "aquele que tem por profissão nivelar"; após a Rév. "igualizar", *nivelador*, "aquele que solicita a igualização das fortunas e o compartilhamento de terras". *Igualdade*, antes da Rév. "conformidade, paridade, relação entre coisas iguais"; após a Rév. "igualdade de direitos, a mesma lei para todos, quer para proteger, quer para punir". *Patente*, antes da Rév., "termo de chancelaria e de finanças", usado em poucos casos; *carta de patente*, após a Rév., espécie de licença comprada do governo para se ter uma indústria ou comércio. *Jurado*, antes da Rév., "aquele que profere falas exigidas pela autoridade: cirurgião jurado, jurado vendedor de aves. Daqueles do corpo de artesãos encarregados de observar os estatutos: mestre jurado após a Rév. "comissão de simples cidadãos chamados a constatar um delito denunciado. *Especular*, antes reservado às manifestações mais elevadas do pensamento filosófico e matemático, entrou na língua financeira antes da Revolução. *Soberano*, após a Revolução, substantivo coletivo: "A universalidade dos cidadãos é o soberano".

A literatura do século XVIII distingue-se pela precisão e clareza de sua língua e pela sobriedade e escolha parcimoniosa de suas imagens, entre outros méritos. Suas qualidades foram impostas por seu caráter de literatura de combate. Os romances, os contos e as tragédias desenvolviam teses de filosofia. As polêmicas mais áridas, como a que trata do comércio de trigo, se manifestava de modo elevado. Cobriam-se de ridículo as ideias opostas e se criticavam os arrazoados dos adversários. A língua devia ser forçosamente precisa, sóbria nas imagens e pobre nas palavras, a fim de não desviar a discussão. Depois de Descartes o espírito crítico era por excelência o espírito filosófico. Os filósofos da escola cartesiana recomendavam começar a discussão pela definição dos termos do debate; os enciclopedistas atribuíam a mesma importância à definição exata das palavras. Diderot frequentemente dizia que as controvérsias se eternizavam porque os dois adversários se serviam das mesmas palavras com significados diferentes. Condillac acreditava que a língua era um método analítico e que as palavras eram porta-pensamento. O primeiro instrumento da arte de pensar era a língua exata como as matemáticas, com palavras nitidamente definidas e classificadas.

A razão, deificada pelos membros da comuna de 93, era a mestra soberana dos enciclopedistas. Não admitiam nada contra a palavra do mestre. Eles não respeitavam nada só consagrado pela tradição, não toleravam nada pela mera necessidade das convenções sociais, criticavam tudo. Instituições sociais e políticas, crenças religiosas, sistemas filosóficos, prejuízos mundanos, tudo isso devia comparecer perante o tribunal da Razão e provar seu direito à existência. Tudo era decomposto, analisado em suas partes, pesados em seus elementos. De acordo com a pitoresca expressão de Hegel, "o homem caminhava então de cabeça para baixo".

Mas, ao lado desses enciclopedistas produziam-se outros escritores, que questionavam o poder da análise, pondo em dúvida o pensamento raciocinante e opondo o Sentimento à Razão.

Seja lá o que dizem os moralistas, o entendimento deve muito às paixões, que também lhe deve muito. É pela atividade delas que nossa razão se aperfeiçoa, escrevia Rousseau em seu *Discurso sobre a desigualdade* entre os homens, uma das obras primas mais extraordinárias do século XVIII. Em outra passagem desse discurso, ele ousou acrescentar:

Eu ousou quase assegurar que o estado de reflexão é um estado contra a natureza e que o homem que medita é um animal depravado.

A Bernardin de Saint-Pierre ele dizia:

Quando o homem começa a raciocinar, ele deixa de sentir.

O sentimento destronava a Razão, o coração suplantava a cabeça.

Os fermentos utilizados pela sociedade do século XVIII deviam trazer uma transformação das instituições políticas e também uma renovação dos gostos e das paixões do homem social.

O gosto pela natureza, ignorado pelos nobres que deixavam suas terras pela corte e os jardins de Versalhes, se mostrou tão repentinamente no espírito dos cidadãos burgueses que acreditaram ter descoberto a natureza como Cristóvão Colombo descobrira a América. Ninguém antes deles não a haviam conhecido nem descrito.

Chateaubriand disse no *Gênio do cristianismo* que a poesia que chamamos descritiva era desconhecida na antiguidade...

Hesíodo, Teócrito e Virgílio sem dúvida nos deixaram admiráveis descrições dos trabalhos, dos costumes e da ventura rústica, mas, no que tange a essas descrições dos campos, dos fenômenos do céu e das estações – que enriqueceram a musa moderna – dificilmente são encontrados em seus escritos.

A nova literatura não iria ocupar-se do trabalho no campo, mas da natureza do ponto de vista romanesco, pitoresco e sentimental: dotava-se a natureza de uma alma sensível. Alguns anos antes da Revolução, um sábio naturalista suíço que filosofou no final de sua vida, Bonnet, descobriu uma alma imortal nas plantas e instituiu um paraíso celeste para os burricos e os burros, condenados a duros trabalhos na terra sem dúvida por terem comido no paraíso terrestre do feno proibido.

O amor, essa paixão contida, comprimida, submissa às regras da política e às convenções da sociedade durante o período aristocrático, esse amor se insurgiu e exigiu o domínio do homem e a regência de seus pensamentos e de suas ações.

A língua precisa de Voltaire se mostrava incapaz de exprimir esses gostos e essas paixões da data recente.

A arte de representar a natureza, disse Sainte-Beuve, é tão nova que os termos para isso ainda não foram criados... para descrever a variedade de formas curvadas, arredondadas, alongadas, achatadas, cavadas de uma montanha, só se encontram perífrases; para os

planos e os vales é a mesma dificuldade. Para descrever um palácio, no entanto, não há a menor dificuldade... não há nenhuma moldura que não tenha seu nome [39].

A política havia criado a língua parlamentar; o apreço pela natureza, o amor e o sentimento, por sua vez, iriam formar uma linguagem a ser usada.

A polidez fazia do nobre um estoico. Ela o obrigava a esconder sob um semblante sorridente e uma contenção irreprimível as angústias da alma e as dores do corpo. Do mesmo modo, a literatura aristocrática não se detém para descrever o sofrimento. O verbo lacrimejar (*larmoyer*), desaparecido no século XVII, renasceu após a Revolução. Afinal, na literatura burguesa,

a dor iria servir aos mais sublimes efeitos do talento (Mme de Staël)

e os nervos iriam exercer um papel preponderante. Deu-se uma copiosa infusão de palavras sentimentais na língua: *endolorir*, *enervação*, *elanguescimento* (*alanguissement*),

um terno elanguescimento enerva todas minhas faculdades (Rousseau),

desesperança, *empalidecer* (*appalir*), *vaporar* (ter vapores), *enamorar*, *desamar* ;

por que os franceses não diriam desamar, uma vez que amam e tão rapidamente e desamam mais rapidamente ainda, de acordo com os caprichos do momento? (Mercier);

tenrificar um coração como uma coxa de cavalo na fita da Ordem do Espírito Santo.

O homem não se esforçava mais para se elevar nas ideias; ele se abandonava ao sentimento e à sensação. Ele se desertou da meditação filosófica e da crítica espiritual e se dizia

puxado para a poesia das imagens, que como o som da música levam o homem a se entregar ao vago indefinido do devaneio (Mme de Staël).

Estranho contraste. O sensualista Condillac prendia o espírito numa língua abstrata como as matemáticas; o espiritualista Malebranche tenta reunir em suas obras de metafísica as imagens e as ideias.

Durante o período revolucionário a paixão desordenada dos objetivos se revelando com toda força, tinham curso livre comparações, metáforas e antíteses. Com a vigência do mau gosto, ela engendrou uma intumescência na língua semelhante à verbosidade enorme e enfática que, no tempo de Petrônio, emigrou da Ásia para Atenas [40] e que não foi ultrapassada pelas extravagâncias mais descabeladas dos românticos.

Ouvia-se então na tribuna das assembleias e dos clubes e se lia nos jornais e brochuras:

A hidra monstruosa da aristocracia, portanto, renasceu sem a mínima perda. É ela que exila a boa inteligência e a boa ordem (*Révolution de Paris*, nº IV de 2 agosto de 1789.)

Mais tarde a hidra da aristocracia se metamorfoseia em hidra da anarquia:

A hidra da anarquia pode renascer de suas cinzas, cuidemos de exterminar o monstro e aniquilá-lo para sempre (*Id.*, nº VII).

A hidra se transformou em fênix para renascer das próprias cinzas:

A aristocracia se arma no ateliê da liberdade (*Id.*, nº IV). Os dominadores não escaparão dos olhos vigilantes da humanidade que os segue (*Id.*, III). A confiança, a liberdade, a segurança são a origem da prosperidade pública (Circular do comitê das subsistências de Paris).

Loustalot chama esse galimatias de "um grande príncipe". "A publicidade é a salvaguarda dos povos" (Bailly: ele teve a honra de tocar em várias palavras épicas que se tem atribuído a Joseph Prud'homme). Em uma *Mémoire sur les subsistances*, Calonne pinta Necker tendo

por satélite o espectro da penúria e se apoiando sobre o facho da sedição. – O gênio da liberdade acorda, e levanta, esparge a luz divina e seu fogo criador sobre os dois hemisférios (Fauchet, *Eloge civique de B. Franklin*). Os punhais da calúnia se multiplicaram (Ordem do dia de La Fayette, 31 julho 1789). Quando a nação se arremessa do nada da servidão em direção à criação da liberdade (Mirabeau)

A Revolução havia inflamado a verve de Laharpe, o pedante frio, a ponto de fazê-lo declamar, com boné vermelho na cabeça:

Puxa! – ele bebe o sangue, o sangue nutre sua fúria e sua fúria leva à morte. – O povo só pode selar a liberdade irrevogavelmente traçando o ato que a consagra com a ponta das baionetas (Billaud-Varenne, discurso, 19 dezembro 1792). Os desejos dos cidadãos pedem a Napoleão Bonaparte que feche para sempre a cratera das revoluções (*Bulletin de Paris*, 12 termidor ano X). Escritores, filhos da torrente revolucionária. – Uma bÍlis recosturada três vezes contorna com uma espécie de sílex. Quando o isqueiro da anarquia toca a fibra de seu coração, ele lança fogo (Fauchet, *Journal des amis*). O infortúnio é um cadinho em que Deus retempera a alma (*Bulletin de Paris*) – A tragédia é o colosso do homem moral (*Décade philosophique*, termidor ano VIII). Deus é o eterno celibatário dos mundos (Chateaubriand, *Génie du christianisme* [41]).

A misteriosa temperança da lua nos espaços frios da noite (*Id.*, *ibid.*). A boca agonizante de *Atala* se entreabriu e sua língua veio procurar o Deus que a mão do padre lhe apresentava (*Atala*).

A literatura pintava a desesperança e a vaidade das grandezas humanas.

A terra não passa de cinzas dos mortos petrificada de lágrimas dos vivos (*Atala*) A glória não passa de funerais da ventura (Mme de Staël). É pela morte que a moral entrou na vida (*Génie du christianisme*). A morte é como um seminada inventado para que o pecador sentir o horror do nada (*Id.*, *ibid.*).

Elevava-se o galimatias a sua terceira potência.

Se quisermos apreciar o quanto esse estilo -- carregado de adjetivos, metáforas e antíteses – era malvindo à língua do século XVIII, é preciso lembrar os queixumes de Voltaire que, após lamentar a introdução canhestra de palavras inglesas (*redingote*, de *riding coat*, veste para cavalgar, *boulingrin*, de *bowling green*, relvado em que se joga a pela etc.), se indignava contra essas expressões figuradas: "acender o facho da sedição; minha casa lança faíscas; o trono a seus hábitos; a sorte lança mistérios; os cavaleiros desciam nos

túmulos atraindo para aí os inimigos vitoriosos". Assistindo como espectador silente de indignação às orgias metafóricas e antitéticas da Revolução, Morellet encontrou em sua velha alma purismos suficientes para fazer concorrência ao estilo de *Atala* e se se perguntar sobre "o que serão o gosto, a língua e a literatura francesas " se tolerássemos

beber a magia nos lábios; as luas de fogo; as vozes da solidão se extinguem; o solo húmido murmurava; os clamores dos rios; os cadáveres de pinheiros de carvalhos; as colunas de fumaça assediando as nuvens que faíscam seus raios etc. [42].

Os leitores contemporâneos, que leram outras coisas, dificilmente compreendem a fúria e o desespero de Voltaire e de Morellet. Mas as críticas eram em vão: a língua literária moderna estava definitivamente constituída antes que o século XVIII tocasse sua derradeira hora, mesmo que com seus defeitos e suas qualidades, nascida na tribuna das assembleias parlamentares e nas páginas dos jornais e brochuras políticas, desenvolvida e completada nos romances que pululavam após a queda de Robespierre e, nos dramas, que exigiam imodestamente o direito à existência. Ela só atendia artistas de talento para castigá-la, flexibilizá-la, levá-la à perfeição e empregá-la na produção de obras primas. Chateaubriand apropriou-se da nova língua, desprezada pelos fósseis da sociedade já mencionada e pelos escritores que tinham pretensões sobre a boa literatura. Ele a manipulou com uma perícia de gênio. *Atala* iniciou uma era literária nova. Ela que foi a primeira obra romântica do século, ridicularizada pelos letrados, mas acolhida pelo público com um entusiasmo indescritível como foram vinte anos antes as *Méditations* de Lamartine. Isso se deu quando a língua revolucionária conseguiu afirmar sua supremacia retórica na prosa, que Lamartine, Vigny, Hugo e sua escola romântica puderam fazê-la enganar-se na poesia.

Assim que o calor da luta política diminuiu um pouco, a querela literária que explodira antes da Revolução se reacendeu. Surgiu uma divisão em dois campos: os clássicos e os românticos, como se passou a dizer mais tarde.

Uma parte dos homens de letras, escreveu Chateaubriand, só admira os estrangeiros (principalmente Shakespeare, colocado acima de Corneille e Racine), enquanto a outra tende fortemente para a nossa velha escola. De acordo com os primeiros, os escritores do século Luís o Grande não têm nem movimento suficiente no estilo nem, sobretudo, pensamentos. De acordo com os segundos, todo esse pretense movimento, todos esses esforços diários por pensamentos não passam de decadência e corrupção (*Mercure*, 25 prerial, ano X.).

A guerra estava declarada havia vários anos; no ano VIII o *Mercure* lamentava que

Vangloriar-se de Racine era querer tratar inimigos da República, gente de visão curta, fanáticos procurando reviver velhas instituições (Frutidor, ano VIII).

Fontanes retomou os ataques de Voltaire contra Shakespeare, ele que descobriu Chateaubriand em Londres na miséria e o converteu do ateísmo ao catolicismo afirmando que

este último se arrependeu em sua velhice de ter estimulado o mau gosto de colocar o monstro na ara de

Sófocles e Racine (*Mercure*, messidor, ano VIII).

Chateaubriand, exagerando as opiniões de seu protetor, comparava

As críticas que se apoiavam na natureza para louvar Shakespeare e essas políticas jogam os Estados de novo na barbárie ao desejar menosprezar as distinções sociais (*Mercure*, 5 pririal, ano X).

Era a luta política que continuava sob o signo de uma fortuna literária. Os revolucionários: os revolucionários torciam por Shakespeare e os reacionários por Racine. A confusão dos espíritos era tamanha naqueles dias turbulentos que os defensores da língua do regime antigo eram precisamente os que sustentavam ideias filosóficas e os princípios políticos de 1789. Enquanto isso Chateaubriand e seus amigos se serviam da língua revolucionária para honrar a religião católica ridicularizada pelos enciclopedistas e para empoleirar no poder os padres perseguidos pelos homens de 93. Com isso aconteceu que o triunfo da língua revolucionária foi assegurado por aqueles mesmos que se posavam de adversários das ideias revolucionárias.

A língua que surgiu de 1789 a 1794 não era nova. Folheando as obras dos velhos autores e os livros de escritores tratados como libertinos e poetas escrotos, encontravam-se as palavras recém-introduzidas, exceto algumas forjadas de acordo com a circunstância. Encontrava-se em muitos desses letrados o mesmo abuso do estilo figurado e a mesma ênfase que hoje continuam a ornar os escritos dos romancistas que se intitulam antirromânticos [43]. A Revolução se limitou definitivamente a destronar a língua aristocrática e a trazer à tona uma língua falada por burgueses e que já fora utilizada nas obras literárias. Essa reviravolta começara a se esboçar antes de 89. A Revolução a precipitou estrepitosamente.

A língua aristocrática ou clássica e a língua romântica ou burguesa, línguas literárias da França havia quatro séculos, são extraídas da língua popular, esse grande repositório comum de que os letrados de todos tempos tiram as palavras, os torneios e as locuções. A centralização monárquica começada no século XIV fez prevalecer o dialeto de l'Ile-de-France e de Paris, que se tornou a capital, sobre os idiomas das outras províncias, idiomas que chegaram a uma forma literária fora da constituição dos grandes senhores feudais. A aristocracia reunida em torno do rei pôde então criar sua língua clássica clarificando a vulgar e impondo-a aos escritores que proseavam e versificavam por prazer. No notável prefácio a seu *Dictionnaire*, que reproduzimos com frequência sem o mencionar, M. Littré

se pergunta por que o século XVII se considerou autorizado a podar um falar tão mais amplo e flexível [do que a língua do século XVI], a corrigir um instrumento de uso tão bom.

O paciente lexicógrafo que registra a marcha paralela da língua e da centralização aristocrática não percebe que a vida da corte e dos salões exigia uma língua menos rica, mas mais refinada do que a dos rudes batalhadores dos séculos XV e XVI.

A burguesia que cresceu rapidamente em riqueza e poder latente após a descoberta da América, por sua vez, talhou sua língua romântica sobre a vulgar, mas mais largamente. Desde que ela chegou ao poder em 1789, impô-la como língua oficial da França. Os

escritores que quisessem alcançar fortuna tiveram que adotá-la, a despeito de seus pouco valor. A língua clássica caiu com a monarquia feudal. A língua romântica, nascida na tribuna das assembleias parlamentares, durará o tempo que durar o governo parlamentar.

Notas

[1] LA CURNE DE SAINTE-PALAYE. *Dictionnaire de l'ancien langage français depuis son origine jusqu'au siècle de Louis XIV.*

[2] Em minhas "Recherches sur les origines de l'idée du Bien et du Justes" (*Revue philosophique*, setembro de 1885), tentei demonstrar que voltando à significação primitiva das palavras seria possível se dar conta do nascimento na mente humana de ideias abstratas que se acreditavam inatas

[3] M. Taine conseguiu sucesso, desde o começo, aplicando a teoria do meio em estudos literários mais marcantes. Ele mencionara o livro de Mme de Staël, ele que tinha uma tão vasta erudição. Poder-se-ia acreditar que ele se inspirara nela para suas teorias literárias e que marcando os traços salientes de sua crítica aos escritores do século XVII. O leitor poderá apreciar a fineza e a profundidade da obra de Mme de Staël pelos excertos que eu darei ao longo deste artigo.

[4] A. MORELLET. *Du projet de l'Institut national de continuer le Dictionnaire de l'Académie française*, ano IX (1801).

[5] G. FEYDEL. *Remarques morales, philosophiques et grammaticales sur le Dictionnaire de l'Académie française*, 1807.

[6] *Dictionnaire de l'Académie française*, 6ª edição, 1835, prefácio.

[7] S. MERCIER. *Dictionnaire néologique*, 1801, prefácio.

[8] Mme de Staël observa "que a polidez distribuía os homens em classes, em vez de reuni-los". Foi necessário um longo exercício e uma supervisão constante de seus gestos, palavras, ideias e sentimentos para adquirir esta perfeição de graciosidade atingida pela nobreza, graciosidade que a separava das outras classes e que ainda não foi igualada na sociedade moderna.

[9] *Encyclopédie*, de Diderot, artigo "Langue française".

[10] Joachim DU BELLAY. *La Défense et illustration de la langue française*, 1549, livro I, cap. 1º. Edições Becq de Fouquières.

[11] VOLTAIRE. *Dictionnaire philosophique*, artigo "Langue".

- [12] Prefácio da segunda edição do *Dictionnaire de l'Académie*.
- [13] VOLTAIRE. *Dictionnaire philosophique*, artigo "Langue".
- [14] Jonathan SWIFT. *A proposal for correcting, improving and ascertaining the English tongue in a Letter to the lord high treasurer*.
- [15] Du BELLAY *loc. cit.*
- [16] *Encyclopédie*, artigo "Français".
- [17] *Dictionnaire philosophique*, artigo "Style".
- [18] *Encyclopédie*, artigo "Français".
- [19] VOLTAIRE. *Dernières remarques sur les "Pensées" de Pascal*, edição Garnier, tomo XXXI.
- [20] Carta a M. de Vaines, 10 agosto de 1776. Vol. I. *Correspondance*. Edição Garnier.
- [21] *Correspondance de Voltaire*. Carta de 13 agosto, vol. L, edição Garnier.
- [22] *Correspondance de Voltaire*. Carta de 20 agosto, vol. L.
- [23] Carta de M. de Voltaire à l'Académie française, lida em 25 agosto de 1776, édition Garnier, vol. XIX. *Mélanges*.
- [24] VOLTAIRE. *Dictionnaire philosophique*, artigo "Langue".
- [25] VOLTAIRE: *Dictionnaire philosophique*, artigo "Goût" (gosto).
O célebre pintor M. G. Boulanger publicara uma brochura intitulada *À nos élèves*, por ocasião do Salão de 1885, na qual ele deplora o abandono da grande arte. Para ele, Bastien-Lepage não passaria de um enlouquecido "pelo naturalismo, o impressionismo para falar a gíria, que pretende glorificar a impotência e a preguiça. O maior sintoma dos males que nos ameaçam é a procura pela originalidade". Sem intenção de comparar M. Boulanger a Voltaire e Bastien-Lepage (esse pintor de um talento tão pessoal e variado), a Crébillon, ao Allobroge – que visa particularmente ao autor do *Dictionnaire philosophique*, – eu considerarei muito mordaz repreender esses distintos representantes de artes tão diferentes, falando há mais de um século de distância e, no entanto, exprimindo as mesmas desconfianças contra a originalidade, a ruína de todos os convencionalismos.
- [26] *Encyclopédie*, de Diderot, artigo "Langue française".

[27] No século XVI, a moda entre as pessoas da corte tinha sido juntar a primeira pessoa do singular com a primeira pessoa do plural, e dizer *j'avons, j'aimons* (eu temos, eu amamos) etc.

[28] Cartas b.... *patrióticas do pai Duchêne*, nº 199.

[29] E. e J. DE GONCOURT. *Histoire de la société française pendant la Révolution*.

[30] Mme de Staël. *De la littérature* etc., 1ª parte, cap. IX.

[31] LAHARPE: *Le Fanatisme dans la langue révolutionnaire*, tomo V das *OEuvres complètes*, edição de 1820.

[32] CHATEAUBRIAND. *Le Génie du christianisme*, 1ª edição, tomo IV.

[33] Mme de Staël, em seu entusiasmo incontido e um tanto forçado por seu pai, lhe atribui a honra de ser "o primeiro e até o momento o mais perfeito modelo da arte escrita por homens públicos" (*De la littérature*, 2ª parte, cap. VII). O estilo sentimental e empolado de M. de Necker é antes um modelo desta bela literatura que os capitalistas empregam em seus anúncios, em que misturam 6% de moral, os interesses do pai de família e os rendimentos da mina. A carta que ele enviou de Genebra em 23 de julho de 1789 a Luís XVI é um excelente exemplo de seu gênero: "Senhor, eu nem tive tempo de enxugar as lágrimas que sua carta me fez derramar e já corro a atender suas ordens. Eu não lhe levarei meu coração; é uma propriedade que o senhor merecidamente adquiriu e à qual eu não tenho mais direito. Eu fico impaciente e procuro acelerar os momentos que são necessários para ir oferecer-lhe a última gota de meu sangue etc."

[34] "Talleyrand dizia que nossa língua perdeu inúmeras palavras enérgicas que um gosto mais fraco que delicado proscreeveu. É preciso recuperá-las. As línguas antigas e algumas entre as modernas são ricas em expressões fortes, em torneios ousados que convêm perfeitamente aos novos costumes. É necessário apoderar-se delas". Citado por Mercier em sua *Neologia*, na palavra *synonymique*.

[35] Relatório lido por David, deputado do departamento de Paris, na tribuna da Convenção, em 8 de agosto de 1793.

[36] As palavras marcadas não se encontram na edição de 1835 do *Dictionnaire de l'Académie*; pode ser que se encontrem nos livros dos acadêmicos *De la littérature*, 2ª parte, cap. VII, "Du style".

[37] J. DU BELLAY. *La Défense de la langue*, 1. I, cap. IX.

Ronsard, em testamento, recomendava a seus amigos e discípulos não deixar perderem-se os velhos termos franceses e "defendê-los contra os patifes que não têm por elegante senão o que arrancam do latim e do italiano".

[38] O latim nos forneceu um exemplo notável. As palavras da língua das letras decaem com o Império Romano, enquanto que as da língua vulgar ainda vivem nas palavras que eles contribuíram a formar em italiano, provençal, espanhol, francês.

<u>Latim literário</u>	<u>Latim popular</u>	<u>Italiano</u>	<u>Espanhol</u>	
<u>francês</u>				
Equus	Caballus	Cavallo	Caballo	Cheval
Pugna	Batalla	Battaglia	Batalla	
Bataille				
Osculari	Basiare	Baciare	Besar	Baiser
Os	Bucca	Bocca	Boca	
Bouche				
Feli	Catus	Gatto	Gato	Chat
Urbs	Villa	Villa	Villa	Ville
Ignis	Focus	Fuoco	Fuego	Feu
Jus	Directus/drictus	Dritto	Derecho	Droit

[39] SAINTE-BEUVE. *Etude sur Bernardin de Saint-Pierre*, publicado no início de *Paul et Virginie*. Edição ilustrada de Furne.

[40] O *Satyricon*. *Nuper ventosa isthaec et enormis loquacitas Athenas ex Asia commigravit* (Caput II).

[41] Os cidadãos de Chateaubriand são extraídos da primeira edição de *Atala* e de *Génie du christianisme*. É aí que se deve procurar uma manifestação espontânea da retórica revolucionária. As edições subsequentes foram constantemente retocadas.

[42] MORELLET. *Observations critiques sur le roman intitulé 'Atala'*, ano IX.

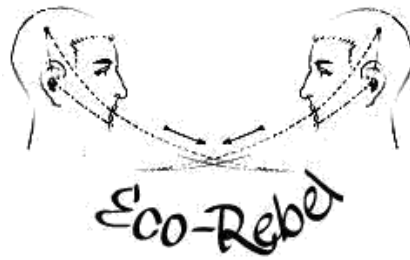
[43] MM. E. e J. de Goncourt dizem a Michelet em uma carta, cuidadosamente conservada por eles, que a *Bible de l'Humanité* é semelhante à "Bíblia indiana: ela tem os desenhos da Cachemira e as amplitudes da tenda. Os senhores têm frases iluminadas, páginas ensolaradas, epítetos que nos faz suspirar, ideias que vibram sobre a haste das palavras etc." Após ter reproduzido esta carta (*Temps*, 30 janeiro de 1885) M. Claretie exclama: "Nós não lhes dissemos que o naturalismo nasceu no romantismo!" Os escritores naturalistas não podem fugir do romantismo. M. Zola foi forçado a reconhecê-lo. Eles podem abandonar a Idade Média gasta pelo moderno que, por sua vez, em breve será velho também, mas eles continuarão românticos.

E C O - R E B E L

Traduzido do francês por Hildo Honório do Couto

Aceito: 20/01/2019.

Ecolinguística: Revista Brasileira de
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 5, n. 1, 2019.



ECOLOGIA LINGÜÍSTICA NO ECOSISTEMA CATALANÓFONO:

BREVE HISTÓRICO

Pere Comellas-Casanova (Universitat de Barcelona- Grup d'Estudi de Llengües Amenaçades)

Resumo: A ecolinguística emergiu na sociolinguística catalã bem cedo e experimentou um desenvolvimento considerável. O artigo reexamina brevemente a história desta esfera da linguística e as principais áreas de interesse que surgem dela. Essas áreas se baseiam em uma adaptação do modelo epistemológico da ecologia à sociolinguística, com a adoção de conceitos tais como *ecossistema* e *emergência*, com uma crítica das concepções mecânicas e analíticas, substituindo-as por uma perspectiva holística. Elas estão baseadas também na aceitação de algumas propostas da ecologia, como *conservação* e *diversofilia*. Por fim, outras áreas são mencionadas, como é o caso da analogia ecológica na análise de discurso.

Palavras-chave: Ecolinguística; ecossistema; diversidade; holismo.

Abstract: In Catalan sociolinguistics, ecolinguistics emerged early on and has recently undergone considerable development. The article briefly reexamines the history of this sphere of linguistics and the main areas of interest stemming from it. These areas are based on the adaptation of the epistemological model of ecology to sociolinguistics, with the adoption of concepts such as *ecosystem* or *emergency* and with a criticism of mechanical and analytical conceptions, being replaced by a holistic perspective. They are also based on the acceptance of certain proposals from ecology such as *conservation* and *diversophilia*. Finally, other areas are mentioned, such as ecological analogy in discourse analysis.

Keywords: Ecolinguistics; ecosystem; diversity; holism.

Resum (em catalão): L'orientació ecolingüística té en la sociolingüística en català una tradició ben primerenca i un desenvolupament recent notable. L'article repassa breument la tradició d'aquest enfocament i les principals línies actuals que la segueixen, basades tant en l'adaptació del model epistemològic de l'ecologia a la sociolingüística—amb l'adopció de conceptes com *ecossistema* o *emergència*, i amb la crítica a una concepció mecanicista i analítica, substituïda per un punt de vista holístic— com en l'assumpció de certes propostes de l'ecologisme com la *preservació* i la *diversofília*. Finalment, s'esmenten altres direccions, com ara l'analogia ecològica en l'anàlisi del discurs.

Paraules clau: Ecolingüística; ecossistema; diversitat; holisme.

1. Ecologia linguística e a tradição sociolinguística catalã

Se um dos princípios fundamentais do paradigma ecolinguístico é que “o pequeno é tão importante como o grande”,¹ como diz Alwin Fill (2002: 15), e que “a existência de entidades pequenas e grandes (neste caso, línguas) juntas garantem o intercâmbio dinâmico em um ambiente de diversidade”,² não é nada estranho que a sociolinguística catalã haja demonstrado interesse pelo tema. Fill afirma ainda que “se pode construir pontes entre as línguas sem destruir as diferenças”,³ o que convém bastante aos que vivem em uma dinâmica em que o contato linguístico é concebido frequentemente como um estado provisório que se resolve necessariamente com a homogeneização.

Além do mais, ecologia e sociolinguística têm intrinsecamente pontos em comum. Para Fill (2001: 45), “a linguística ecológica se opõe aos modelos estruturais, com os quais é possível investigar a língua em si mesma, não seu entorno”.⁴ Exatamente o mesmo se poderia dizer da sociolinguística. De fato, já no ano de 1993, Lluís Vicent Aracil, um dos pioneiros da sociologia da linguagem catalã, dizia: “Diversas pistas sugerem que a generalização do enfoque ecológico é, com efeito, uma importantíssima brecha epistemológica, aberta justamente quando a sociolinguística moderna tomava forma, vendo a língua a partir da sociedade, vale dizer, como parte de uma totalidade”.⁵ Afirmava também que estava “muito contente de haver trabalhado nesta linha que se relaciona com muitas pesquisas de vanguarda”⁶ (ARACIL, 1983: 177), ou seja, se situava de cheio neste enfoque. Fazia apenas onze anos que Haugen havia publicado *The ecology of language*, que se costuma considerar o texto fundador.

O fato é que parece que no âmbito linguístico catalão já tínhamos algum precedente ilustre neste sentido. Em uma monografia sobre o pensamento de Delfí Dalmau, Solé i Camardons (1998: 122) afirma que sua obra *Poliglotisme passiu* “pode ser considerada talvez como o primeiro ensaio em catalão com um enfoque sociolinguístico e ecoidiomático”.⁷ É claro que o termo “ecoidiomático” não é usado pelo próprio Dalmau, mas por Solé i Camardons (1998: 19) (“a ecoidiomática seria o ramo da sociolinguística que estuda as inter-relações dos falantes entre si e com seu meio ou contexto sociocultural”).⁸ Aqui, porém, nos concentraremos na trajetória recente da assim chamada *sociolinguística catalã*, na qual a relação entre linguística e ecologia se manifesta de modos bem diversos, como de fato se vê com muita frequência.

1 «Small is as important as large».

2 «Only the existence of small and large entities (in this case, languages) together guarantees a dynamic interchange within an environment of diversity».

3 «Between languages, bridges can be built without destroying differences».

4 «Ecological linguistics stands in contrast to structural models with which only a language itself, not its environment, can be investigated».

5 «Diverses pistes suggereixen que la generalització de l'enfocament ecològic és, en efecte, una importantíssima bretxa epistemològica, oberta justament quan prenía forma la sociolinguística moderna, que veu la llengua dins de la societat —és a dir: com a part d'una totalitat».

6 «Molt content d'haver treballat en aquesta línia, que enllaça amb moltes recerques d'avantguarda».

7 «Es pot considerar potser el primer assaig en català, amb un enfocament sociolinguístic i ecoidiomàtic».

8 «L'ecoidiomàtica seria la branca de la sociolinguística que estudia les interrelacions dels parlants entre ells i amb llur medi o context sociocultural».

Na verdade, não é nada fácil definir exatamente o que é a ecologia linguística ou ecolinguística, que, além disso, apresenta ramificações bastante divergentes (JUNYENT, 1998; FILL, 2001; PENNYCOOK, 2004; COUTO, 2007; COMAJUAN, 2009). Correndo o risco de simplificar demais, pensamos que no âmbito catalão a ecolinguística se constitui, por um lado, mediante a integração na linguística de algumas premissas epistemológicas e conceptualizações da ecologia (ecossistema, emergência, processo) e, por outro lado, mediante a adoção de alguns dos valores do ecologismo (diversificação, sustentabilidade, equilíbrio). No entanto, como assinala Pennycook (2004: 217), há ainda uma outra maneira de entender a ecologia linguística:

[...] cabe fazer uma distinção básica entre o uso da ecologia como metáfora e a referência a ecologias reais. Assim, podemos, por um lado, falar metaforicamente de línguas que têm relação ecológica uma com a outra e, por outro lado, pode interessar a maneira pela qual certas línguas descrevem o meio ambiente.⁹

Este ramo tem diversas ramificações: estudo de como língua e meio se configuram mutuamente; estudo do papel da categorização linguística na degradação do meio ambiente etc. Nós os agruparemos na última seção.

2. O modelo ecológico como referência epistemológica

No ano de 1989, M. Carme Junyent publica *Les llengües del món: Ecolinguística (As línguas do mundo: ecolinguística)*. O objetivo da autora era oferecer uma visão panorâmica da diversidade linguística mundial, inserida em parâmetros contextuais que punham em questão conceitos fundamentais da linguística como, por exemplo, o de *língua*. Junyent não parte da situação catalã concreta. Ao contrário, ela pretende situar a diversidade linguística em seu ecossistema (território, comunidade, cultura) de uma perspectiva global. Para isso precisa de um ponto de vista integrador apropriado ao que adota a ecologia: "Não sei se a ecologia humana poderia incluir 'uma' ecolinguística. [...] eu apenas quis criar uma forma analógica que correspondesse ao objeto daquele trabalho: falar das relações das línguas com outras línguas e com o entorno"¹⁰ (JUNYENT, 1989: 13-14).

Junyent se situa no primeiro dos princípios do enfoque ecológico, a contextualização dinâmica, uma vez que sua intenção é usar a ecologia como referência analógica. Em um livro posterior ela desenvolve um pouco mais sua proposta.

Uma vez que entendemos a ecolinguística como uma parte da ecologia cultural, é importante remetermo-nos à concepção dinâmica de cultura, inclusive a linguagem, que Frake propõe. De acordo com sua proposta, a

9 «There is a basic distinction to be made between the use of ecology as a metaphor and the reference to real ecologies. Thus, on the one hand, we may talk metaphorically about languages being in an ecological relationship with each other, while on the other we may be interested in how certain languages describe the natural environment».

10 «No sé si l'ecologia humana podria incloure "una" ecolinguística. [...] només he volgut crear una forma analògica que respongués a l'objecte d'aquest treball: parlar de les relacions de les llengües amb altres llengües i amb l'entorn».

linguagem constitui uma parte inseparável da rede de relações entre o homem, os outros organismos de sua comunidade e os constituintes de seu entorno físico (o sistema ecológico): por um lado, é o instrumento mais importante das relações interpessoais e, por outro, proporciona um modelo de referência para o entorno em que vive a comunidade¹¹ (JUNYENT, 1998: 127).

A diversidade linguística, portanto, seria então uma resposta adaptativa à diversidade de ecossistemas e, ao mesmo tempo, um ator relevante na conformação desses ecossistemas. O entorno é entendido como algo fundamentalmente dinâmico e a mudança (e, portanto, a diversificação) se mostra aí como uma força intrínseca. Para Junyent (1998: 128), a concepção dinâmica nos fornece "uma indicação sobre onde *deveriam* ir as propostas de planejamento linguístico: após suprimir a influência dos elementos estáticos (desde o estado à própria visão atomística da vida das línguas etc.) que abafam a função criadora do entorno das línguas".¹² Junyent centra boa parte de seus esforços não tanto na teorização como na transferência de conhecimento e no ativismo centrado na defesa da diversidade linguística, ou seja, no ecologismo linguístico, de que falaremos na próxima seção.

No entanto, quem trabalhou mais detalhadamente com uma teoria ecolinguística é sem dúvida Albert Bastardas, que dirige sua reflexão explicitamente na direção de um contexto epistemológico coerente para o desenvolvimento de uma sociolinguística crítica fundamentada em pressupostos da ecologia. Bastardas entende o enfoque ecolinguístico como consequência de uma mudança de paradigma mais global: crítica ao pensamento científico tradicional de cunho cartesiano (analítico, dicotômico, mecanicista) e a adoção de um marco teórico sintético, inclusivo e holístico. Muito mais do que as fontes classificadas como *ecolinguísticas*, a obra de Bastardas remete à teoria da complexidade e ao pensamento sistêmico. Assim, no ano de 1996 ele publica *Ecologia de les llengües*, livro em que muitas páginas são dedicadas à questão epistemológica, citando desde físicos como David Bohm e Fritjof Capra até pensadores como Edgar Morin, Gregory Bateson e Norbert Elias. Uma das principais ideias que manterá ao longo dos anos em trabalhos de diferentes índoles é a necessidade de ter sempre presente que “as diversas ordens e fenômenos da realidade configuram uma totalidade inter-relacionada, de modo que não existam interinfluências circulares entre variáveis, mas um conjunto de interações dinâmicas que formam a realidade de modo impenetrável”¹³ (BASTARDAS 1996: 22).

11 «Atès que entenem l'ecolinguística com una part de l'ecologia cultural, serà bo que ens remetem a la concepció dinàmica de la cultura —el llenguatge inclòs— que proposa Frake, segons la qual el llenguatge forma una part indestriable de la xarxa de relacions entre persones d'una comunitat (el sistema social) i de la xarxa de relacions entre l'home, els altres organismes de la seva comunitat i els constituents del seu entorn físic (el sistema ecològic): d'una banda és l'instrument més important de les relacions interpersonals i de l'altra proporciona un model de referència per a l'entorn on viu la comunitat».

12 «Una indicació de cap on haurien d'anar les propostes de planificació lingüística: cap a suprimir la influència d'aquells elements estàtics (des de l'estat a la mateixa visió atomística de la vida de les llengües, etc.) que ofeguen la funció creadora de l'entorn de les llengües».

13 «els distints ordres i fenòmens de la realitat configuren una totalitat interrelacionada, de manera que no existeixen només interinfluències circulars entre dues variables, sinó un conjunt d'interaccions dinàmiques que formen impenetrablement la realitat»

Para compreender uma situação complexa, não podemos decompô-la porque, ao fazê-lo, a desintegramos e suprimimos suas qualidades que emergem como um todo que não está presente fragmentariamente nas partes:

O enfoque ecológico porá ênfase no todo por cima das partes e nos fará tomar consciência clara da inter-relação dos fenômenos da realidade e da centralidade dessas interdependências no interior do ecossistema por cima dos próprios organismos, uma vez que na visão sistêmica -- que fundamenta a perspectiva ecológica -- os objetivos são prioritariamente redes de relações imersas em redes maiores¹⁴ (BASTARDAS, 2004: 18).

A metáfora do mundo-máquina é substituída pela do mundo-organismo vivo, e se tenta substituir a noção de estrutura pela de processo (as línguas não são objetos, mas atividades. Para Bastardas, em vez de língua deveríamos dizer *linguar*). Nesse modelo, as relações não são lineares, de causa-efeito, de modo que temos que conceber a realidade "a partir de uma ordem *implicada* de acordo com a metáfora holográfica 'o todo está dentro de tudo'. Assim, como no holograma, podemos conceber modelos em que cada uma de suas partes contenha informação sobre todo o objeto"¹⁵ (BASTARDAS, 1996: 31). Pois bem, sem perder a perspectiva holística, continua sendo-nos útil compartimentar a realidade, não em partes entendidas como fragmentos isolados, mas em planos intercomunicados ou concêntricos: a biosfera, a sociosfera, a psicofera, a noosfera... Os fenômenos sociais e linguísticos são altamente complexos a fim de participar de todos esses planos ao mesmo tempo. Isso complica também a problemática do observador: "Se a física deve levar o cérebro/mente em consideração, como podemos prescindir dele nas ciências do comportamento social e cultural, em que a mente intervém duplamente -- no indivíduo que investiga e nos indivíduos investigados?"¹⁶ (BASTARDAS, 1996: 28). Todas essas noções podem ser muito úteis para o estudo da linguagem. Ora bem, Bastardas acentua também que é importante não perder de vista os limites da metáfora ecológica: as línguas não são seres vivos, nem espécies. As relações e os processos que a sociolinguística estuda implicam indivíduos autônomos e conscientes. Os humanos operamos com significados. É por isso que, da perspectiva ecolinguística de Bastardas, as representações são fundamentais: "cabe não esquecer que, no plano dos comportamentos linguísticos, a manutenção das variedades linguísticas está em função, em primeira instância, dos usos que deles fazem os falantes. Esses usos se apresentam

14 «L'enfocament ecològic posarà l'accent en el tot per damunt de les parts, i ens farà prendre consciència clara de la interrelació dels fenòmens de la realitat i de la centralitat d'aquestes interdependències a l'interior de l'ecosistema per damunt dels mateixos organismes, ja que en la visió sistèmica —que fonamenta la perspectiva ecològica— els objectes són prioritàriament xarxes de relacions immerses en xarxes més grans».

15 «Des d'un ordre implicat a partir de la metàfora hologràfica "tot està plegat dins de tot". Així, com en l'holograma, podem concebre models en què cada una de les seves parts conté informació respecte de tot l'objecte».

16 «Si la física ha de prendre en consideració el cervell/ment, com en podem prescindir en els ciències del comportament social i cultural, on la ment intervé doblement —en l'individu que investiga i en els individus investigats?».

como convenções sociais que vão sendo adotadas no âmbito de uma determinada situação social, política e econômica e de determinadas representações cognitivas que racionalizam, 'explicam' e justificam as decisões comportamentais adotadas"¹⁷ (BASTARDAS, 2004: 29).

A perspectiva sistêmica leva Bastardas a centrar suas propostas de planejamento na distribuição de funções. A globalização generalizou um problema que até há pouco se pensava no âmbito intraestatal: a aparente contradição entre comunicação geral e preservação da diversidade linguística. Uma contradição, no entanto, que "radica, talvez, mais em nossa configuração da realidade do que na própria realidade. A dificuldade é de pensamento e de mudança conceitual, mais do que de impossibilidade de realização"¹⁸ (BASTARDAS, 2002: 4). Partindo do modelo de diglossia clássica (uma das configurações que parece tornar compatíveis os objetivos de intercomunicação e de preservação), propõe-se transladar ao âmbito do planejamento linguístico o princípio jurídico de subsidiariedade:

Tudo aquilo que uma língua 'local' puder fazer não deverá fazê-lo uma língua 'global'. Quer dizer, deveríamos permitir -- e impulsionar -- o conhecimento efetivo geral de outras línguas, mas reconhecendo sempre que devemos dar preeminência funcional à língua de cada grupo linguístico historicamente constituído¹⁹ (BASTARDAS, 2002: 8).

Bastardas sugere, portanto, promover uma mudança representacional a partir das instâncias político-administrativas segundo um modelo descentralizador que teoricamente já se aplica em entidades políticas como a União Europeia: "os poderes públicos deverão difundir uma ideologia claramente favorável à diversidade e à igualdade linguísticas, dando força à autodignidade dos grupos menos favorecidos e se opondo a representações populares tão difundidas como a 'ideologia do padrão' ou fenômenos como a autopercepção subordinada a 'grupos ou línguas de referência' exteriores, considerados como modelos aos quais se assimilar"²⁰ (BASTARDAS, 1997).

3. Ecologismo linguístico

17 «Cal no oblidar que, en el pla dels comportaments lingüístics, el manteniment de les varietats lingüístiques està en funció, en primera instància, dels usos que en facin els parlants. I aquests usos es presenten en tant que convencions socials que van essent adoptades en el marc d'una determinada situació social, política i econòmica i d'unes determinades representacions cognitives que racionalitzen, "expliquen" i justifiquen les decisions comportamentals adoptades».

18 «Rau, potser, més en la nostra configuració de la realitat que no pas en la realitat mateixa. La dificultat és de pensament i de canvi conceptual més que no pas d'impossibilitat de realització».

19 «Tot allò que pugui fer una llengua "local" no ho ha de fer una llengua més "global". És a dir, permetriem —i impulsariem— el coneixement efectiu i massiu d'altres llengües, però atorgant sempre que es pogués la preeminència funcional a la llengua de cada grup lingüístic històricament constituït».

20 «Els poders públics planetaris han de difondre una ideologia favorable clarament a la diversitat i a la igualtat lingüístiques, tot impulsant l'autodignitat dels grups menys afavorits i contrarestant representacions populars tan esteses com la "ideologia de l'estàndard" o fenòmens com l'autopercepció subordinada a "grups o llengües de referència" exteriors considerats com a models per assimilar-s'hi».

De fato, a preocupação generalizada com o futuro do catalão poderia ser considerada um sintoma de tendências conservacionistas no âmbito da língua juntamente com as ideias do ecologismo sobre o mundo natural. Nesse sentido, quase toda a sociolinguística catalã é ecologista. No entanto, nem todo mundo apoia o objetivo de preservar a língua em termos explicitamente ecológicos. Talvez se pudesse enfatizar a aplicação da ideia de sustentabilidade no âmbito linguístico (BASTARDAS, 2005). Muitos outros autores têm feito menção mais ou menos esporádica a isso, como Marí (2006: 27): "O que vem em primeiro lugar para cada cultura em seu espaço histórico é a condição da diversidade equitativa. Mas, não se trata tão somente de garantir a sobrevivência de cada 'espécie' cultural -- se queremos manter a referência à sustentabilidade ecológica das línguas e culturas --, mas de estabelecer um contexto intercultural equitativo que lhe assegure a sustentabilidade (um 'ecossistema' sustentável para a diversidade cultural)".²¹

Talvez a ideia mais fundamental seja a defesa da diversidade linguística. Nesse sentido, destacam as contribuições de M. Carme Junyent, sobretudo no âmbito do ensino, centradas no reconhecimento, na visualização e na valorização da diversidade (em escala global e local) e em uma desconfiança crítica nos mecanismos do planejamento baseados no poder do estado ("o estado, especialmente em sua concepção atual, tem sido a força que mais contribuiu para a homogeneização linguística"²² (1998: 67)). Segundo Junyent (1992: 10), "o futuro do catalão não pode ser desligado do futuro de todas as línguas, muito especialmente de todas as ameaçadas. A preservação do patrimônio linguístico deve ser global para que seja plausível".²³ É preciso forjar-se uma nova ordem linguística que supere o binômio um estado - uma língua.

Nesta mesma linha diversófila trabalha Jesús Tusón, igualmente com um claro objetivo de divulgação (especialmente TUSÓN, 2004), ou Comellas (2006). Também trabalhos como *Projecte ecolingüística*, de Bernat Joan, nesse caso orientado para as políticas europeias (Joan explora o paralelismo de línguas ameaçadas e espécies em perigo de extinção). É preciso lembrar que o ecologismo linguístico na vertente da ação cívica tem um longo percurso no âmbito catalão, como demonstram instituições como Ciemen (Centro Internacional Escarré para as Minorias Étnicas e Nacionais: <www.ciemen.cat>) ou Linguapax, uma organização com múltiplos contatos internacionais e uma intensa atividade em favor da diversidade linguística, a revitalização e a divulgação, com um ideário básico: o respeito à diversidade está estreitamente vinculado à paz (<www.linguapax.org>). Também no âmbito acadêmico instituições como a Càtedra UNESCO de Llengües i Educació (dirigida por Joan A. Argenter), a Càtedra de Multilingüisme Linguamón-UOC (dirigida por Isidor Marí) ou o Grup d'Estudis de

21 «La primacia de cada cultura en el seu espai històric és la condició de la diversitat equitativa. Però no es tracta tan sols de garantir la pervivència de cada "espècie" cultural —si volem mantenir la referència a la sostenibilitat ecològica de les llengües i cultures—, sinó d'establir un marc intercultural equitatiu que n'asseguri la sostenibilitat (un "ecosistema" sostenible per a la diversitat cultural)».

22 «L'estat, especialment en la seva concepció actual, ha estat la força que més ha jugat a favor de l'homogeneïtzació lingüística».

23 «El futur del català no es pot deslligar del futur de totes les llengües i molt especialment de totes les amenaçades. La preservació del patrimoni lingüístic ha de ser global perquè sigui plausible».

Llengües Amenaçades (GELA) (dirigido por M. Carme Junyent) concentram sua pesquisa sobre a diversidade.

4. Ecologia e discurso

No ano de 1982 Gabriel Janer Manila publica *Cultura popular i ecologia del llenguatge*. Nesse caso, a concepção ecológica parte da antropologia, mais que da sociolinguística: as línguas e as culturas são conformadas em um ecossistema, graças a uma estreita relação material e afetiva com ele, e cada comunidade vai conformando e transmitindo essa língua que alberga os conhecimentos e os sentimentos que permitem a plena maturação do indivíduo e da própria comunidade. Pois bem, a gestão contemporânea degrada o meio e, portanto, também as línguas, que não deixam de ser parte desse meio. Assim, "à degradação sistemática e persistente da língua gostaria de opor a alternativa ecológica"²⁴ (JANER, 1982: 14), que é "uma alternativa didática que gosto de qualificar como depuradora e recuperadora"²⁵ (JANER, 1982: 15). A colonização cultural, entendida como um elemento contaminador (equivalente à poluição da água ou do ar), empobrece os recursos expressivos, e "a pobreza expressiva é também consequência de um pensamento criativo medíocre e raquítico"²⁶ (JANER, 1982: 16). Trata-se de uma tendência ecolinguística que segundo Fill (2001) é considerada por certos autores como uma nova forma de purismo linguístico.

Também de cunho mais antropológico é o trabalho de Ricard Morant i Miquel Peñarroya, *Llenguatge i cultura: Per a una ecologia lingüística*. Nesse caso estudam-se mudanças culturais relacionadas com o meio que vivenciou a comunidade catalanofalante (fundamentalmente, neste caso, o País Valencià), mediante as mudanças linguísticas. No entanto, aqui não há avaliações de degradação, contaminação ou decadência (nem o contrário) da língua, mas constatação da coevolução de todos os elementos de um ecossistema e ao mesmo tempo de uma certa autonomia dos subsistemas (a língua contém anacronismos, por exemplo).

Finalmente, a partir da análise do discurso, Antoni Artigues i Rosa Calafat utilizam a metáfora ecológica para ilustrar um processo de aniquilação consciente do espaço cultural e linguístico catalão mediante métodos de aculturação que se equiparam à destruição dos ecossistemas naturais: "Assim como sabemos que as espécies animais e vegetais precisam de um ecossistema determinado para sobreviver, sabemos também que, no mundo atual, o ecossistema das línguas é a nação soberana"²⁷ (ARTIGUES I CALAFAT, 1998: 85). No entanto, essa proposta entende que a preservação da diversidade passa por um certo isolacionismo e considera que o estado é o único ecossistema que pode garantir a sobrevivência de uma língua: "Na Europa do século XX as normalizações bem-sucedidas

24 «A la degradació sistemàtica i persistent de la llengua voldria oposar-hi l'alternativa ecològica».

25 «Una alternativa didàctica que he gosat qualificar de depuradora i de recuperadora».

26 «La pobresa expressiva és també la conseqüència d'un pensament creatiu mediocre i raquíctic».

27 «Així com sabem que les espècies animals i vegetals necessiten un ecosistema determinat per sobreviure, sabem també que, en el món actual, l'ecosistema de les llengües és la nació sobirana».

têm sido consequência direta de um processo de independência [...]. Uma língua minorizada se recupera quando se deixa de lado o bilinguismo e se tende ao monolinguismo. O monolinguismo oficial permite que a língua continue necessária para viver em um país determinado"²⁸ (ARTIGUES I CALAFAT, 1998: 83).

5. O país das trezentas línguas

No ano 2005 o GELA (Grupo de Estudo de Línguas Ameaçadas) da Universidade de Barcelona organizou uma exposição intitulada «As línguas da Catalunha». Baseada num trabalho de campo extenso, apresentava o levantamento das línguas que nessa altura tinham falantes na Catalunha (não abrangia o resto de territórios onde também se fala catalão). Foi a onda de imigração internacional, que a partir do ano 2000 cresceu exponencialmente, o que impulsionou o interesse geral pela diversidade linguística, um interesse que o GELA, dirigido por M. Carme Junyent, tentara difundir desde seus inícios. A exposição marcou um certo ponto de inflexão na opinião pública sobre a situação linguística catalã, instalada até então num imaginário de bilinguismo que era claramente simplificador e muito dependente da oficialidade, como se a realidade linguística fosse só aquilo que é reconhecido pelo estado.

Até hoje, o GELA inventariou mais de trezentas línguas na Catalunha. Evidentemente, a maior parte delas contam só com falantes esparsos, mas também há comunidades linguísticas que têm dezenas de milhares, como o tamazigue, o árabe marroquino, o romeno, o galego ou o russo. Algo mais de um 10% da população catalã atual não tem como língua inicial nem o catalão nem o espanhol. Essa complexidade perfila um ecossistema linguístico que exige uma perspectiva ecológica. Paradoxalmente, ao mesmo tempo as adesões explícitas a um quadro teórico explicitamente chamado de ecolinguista não foram frequentes na última década. É claro que autores como Albert Bastardas (que seguiu trabalhando com a perspectiva da teoria da complexidade e portanto num quadro ecossistêmico) ou M. Carme Junyent (mais virada para o ecologismo linguístico e o ativismo pro-diversidade) continuaram sua linha de pesquisa. Mas em geral na sociologia da linguagem, a antropologia linguística e a sociolinguística catalã não se falou muito em ecolinguística. Na minha opinião, aconteceu até certo ponto como com o ecologismo meioambiental: alguns dos seus postulados simplesmente foram integrados no ponto de vista dos pesquisadores, que apesar de não declarar uma filiação ecolinguística, trabalham com muitas de suas bases: a ideia de que o método analítico não é explicativo para os fenômenos sociolinguísticos ou o ideograma da diversidade como fator de estabilidade. Até certo ponto, o quadro mental ecológico tornou-se quase um lugar comum. Será que se trata só de uma moda que exalta a diversidade e a diferença só superficialmente ou realmente houve uma mudança de mentalidade de fundo? Só o tempo o dirá.

28 «A l'Europa del segle XX les normalitzacions reeixides han estat conseqüència directa d'un procés d'independència [...] Una llengua minoritzada es recupera quan es deixa de banda el bilingüisme i hom es decanta cap al monolingüisme. El monolingüisme oficial permet que la llengua sigui necessària per a viure en un país determinat».

Referências

- ARACIL, Lluís Vicent. *Dir la realitat*. Barcelona: Països Catalans, 1983.
- ARTIGUES, Antoni; CALAFAT, Rosa. *Ecologia lingüística (per la vida de l'ecosistema català)*. Barcelona: La Busca, 1998.
- BASTARDAS, Albert. Llengua catalana i futur: notes des d'una perspectiva eco-sistèmica. *Revista de Llengua i Dret*, núm. 19, 1993, p. 81-93.
- _____. *Ecologia de les llengües: Medi, contactes i dinàmica sociolingüística*. Barcelona: Proa, 1996.
- _____. Contextos i representacions en els contactes lingüístics per decisió política: substitució *versus* diglòssia des de la perspectiva de la planetarització. *DiversCité Langues*, n II, 1997. Disponible em:
http://www.telug.quebec.ca/diverscite/SecArtic/Arts/97/0997ab0/esp/0997ab0e_ftxt.htm (acesso: 27/08/2009).
- _____. Política lingüística mundial a l'era de la globalització: diversitat i intercomunicació des de la perspectiva de la "complexitat". *Noves SL* 2002 (verão). Disponible em: <http://www.gencat.cat/llengua/noves> (acesso: 27/08/2009).
- _____. Diversitat biològica i diversitat lingüística: algunes pistes transdisciplinàries per a una socioecologia de les llengües. In: BASTARDAS, Albert (org.). *Diversitats: Llengües, espècies i ecologies*. Barcelona: Empúries, 2004.
- _____. *Cap a una sostenibilitat lingüística*. Barcelona: Centre d'Estudis de Temes Contemporanis: Angle, 2005.
- COMAJOAN, Llorenç. Què és l'ecolingüística i per a què serveix?. *Revista d'Igualada*, n. 31, 2009.
- COMELLAS, Pere. *Contra l'imperialisme lingüístic: A favor de la linguodiversitat*. Barcelona: La Campana, 2006.
- _____. Ecologia lingüística. *Treballs de Sociolingüística Catalana*, n. 21, 2011. p. 65-72.
- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolingüística: Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- FILL, Alwin. Ecolinguistics: state of the art 1998. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (orgs.). *The ecolinguistics reader: Language, ecology and environment*. Londres: Continuum, 2001, p. 43-53.
- _____. Tensional arches: language and ecology. In: FILL, Alwin; PENZ, Hermine; TRAMPE, Wilhelm (orgs.). *Colourful Green Ideas*. Berna: Peter Lang, 2002, p. 15-27.
- JANER MANILA, Gabriel. *Cultura popular i ecologia del llenguatge*. Barcelona: CEAC, 1982.
- JUNYENT, Maria Carme. *Les llengües del món: Ecolingüística*. Barcelona: Empúries, 1989.
- _____. *Vida i mort de les llengües*. Barcelona: Empúries, 1992.
- _____. *Contra la planificació: Una proposta ecolingüística*. Barcelona: Empúries, 1998.
- MARÍ, Isidor. Un projecte intercultural compartible per tothom. In: *Mundialització, interculturalitat i multilingüisme*. Palma: Lleonard Muntaner, 2006, p. 21-32.
- PENNYCOOK, Alastair. Language policy and the ecological turn. *Language Policy*, vol. 3, n. 3, 2004, p. 213-239.

ECO - REBEL

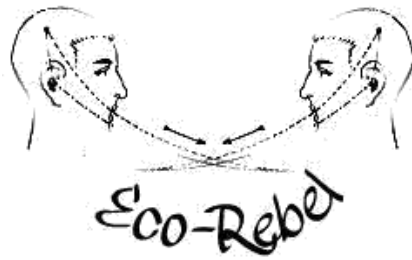
QUEROL, Ernest. Les catastrophes sont-elles écologiques? Un nouveau modèle pour l'étude de l'écologie des langues. In: BOUDREAU, Annette *et al.* *Colloque international sur l'écologie des langues*. Paris: L'Harmattan, 2003, p. 13-31.

SOLÉ I CAMARDONS, Jordi. *Poliglotisme i raó: El discurs ecoidiomàtic de Delfí Dalmau*. Lleida: Pagès, 1998.

TUSÓN, Jesús. *Patrimoni natural: Elogi i defensa de la diversitat lingüística*. Barcelona: Empúries, 2004.

Aceito: 20/01/2019.

Ecolinguística: Revista Brasileira de
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 5, n. 1, 2019.



LINGUÍSTICA AMBIENTAL

Hildo Honório do Couto (Universidade de Brasília)

Resumo: O objetivo principal deste artigo é mostrar que grande parte do que se faz sob o nome de “ecolinguística” na verdade é linguística ambiental, pois, normalmente trata de temas ambientais, antiambientais ou pseudoambientais e correlatos. Nesse sentido, textos que podem enquadrar-se na linguística ambiental já vinham sendo produzidos até antes do surgimento da ecolinguística. Qualquer ensaio que trate desse tipo de texto-discurso é linguístico-ambiental, contanto que seja feito por linguista ou por alguém de outras áreas das ciências humanas usando literatura linguística de qualquer orientação. Se o texto tratar dessa temática e for feito por um sociólogo, será um texto de sociologia ambiental; se por um psicólogo, psicologia ambiental, e assim por diante.

Palavras-chave: Ecolinguística; Linguística Ambiental; Linguística Eossistêmica.

Abstract: *Abstract:* The main objective of this article is to show that the majority of what is done under the name “ecolinguistics” is, in fact, environmental linguistics as defined here. This is because they deal with environmental, antienvironmental, pseudoenvironmental texts-discourses and similar subjects. In this case, essays that can be considered as belonging to “environmental linguistics” have been produced before the emergence of ecolinguistics itself, as can be seen in the three examples mentioned below. In other words, any essay dealing with environmental questions, using linguistic literature belong to environmental linguistics, even when the author is not a linguist. If the text dealing with environmental questions is written by a sociologist, it belongs to environmental sociology; if it is written by a psychologist, it is environmental psychology, and so on.

Keywords: Ecolinguistics; Environmental Linguistics; Ecosystemic Linguistics.

1. Introdução

A despeito do fato de a ecolinguística ainda ser uma disciplina bastante jovem, já apresenta muitas ramificações, o que, a meu ver, é indício de vitalidade, uma vez que elas são manifestação de um dos conceitos mais caros aos estudiosos de ecologia em geral, a diversidade. Entre os sub-ramos ou vertentes que se veem na literatura, poderíamos mencionar **ecolinguística crítica**, **linguística ecocrítica**, **linguística ecossistêmica** e seu sub-ramo **análise do discurso ecossistêmica/ ecológica (ADE)**. Tem-se falado também em **linguística ecológica** (*ökologische Linguistik*) e **ecologia linguística**

(*Sprachökologie*). Aliás, ecologia linguística é uma designação alternativa para linguística ecossistêmica. Em 2017 foi lançada uma revista pela editora John Benjamins, de Amsterdam, justamente com o nome de *Language Ecology*, sob a direção de Umberto Ansaldo e Lisa Lim, ambos da Universidade de Hong Kong¹. No site da International Ecolinguistics Association (IEA), existe uma outra revista, mais antiga, com um título parecido, *Language & Ecology*².

A esses sub-ramos da ecolinguística é preciso acrescentar a **linguística ambiental** (LA). Na verdade, veremos que grande parte do que fazem aqueles que se intitulam ecolinguistas é linguística ambiental, exceto, talvez, o que é produzido no âmbito da linguística ecossistêmica que, na verdade, não exclui temas ambientais. Na literatura tem-se falado também em **análise do discurso ambiental** (ADA). Seu objeto se interseccionaria com o da LA e o da ADE. A tese que pretendo defender neste artigo é a de que o que a maioria dos ecolinguistas fazem, sobretudo os europeus, é uma ecolinguística que só pode ser assim chamada devido ao objeto de que trata, que são questões ambientais. Ademais, o estudo deve ser feito de uma perspectiva linguística, usando modelos teóricos linguísticos, mesmo quando o ensaio é produzido por não linguistas. Por isso, ela deve ser chamada de “linguística ambiental”. Essa LA é apenas um ramo da ampla área da ecolinguística em geral, como acaba de ser assinalado. Eu não estou propondo nada novo. A ideia de que ensaios que se dedicam a estudar textos-discursos de cunho ambiental se enquadram na linguística ambiental já está *in nuce* em vários ensaios, posteriores e anteriores ao surgimento da própria ecolinguística no início da década de noventa do século passado. É interessante notar que este não é o rumo que a ecolinguística deveria tomar se tivesse seguido as ideias seminais do precursor Edward Sapir, em seu ensaio clássico "Language and environment" de 1911 (cf. SAPIR, 2015), nem o que defenderam posteriormente Voegelin & Voegelin (1964) e o pai da disciplina Einar Haugen em 1970-1972 (cf. HAUGEN, 2015). Sequer é o que se vê em um dos primeiros livros que traz o termo "ecolinguística" na capa (Makkai 1993) ou o que Trampe (1990) sugeriu. O que prevaleceu foi a proposta de Fill (1987, 1993), ou seja, uma espécie de análise do discurso aplicada a questões ecológicas, ambientais, de minorias, de defesa da diversidade em todos os níveis, do pequeno etc. Tudo isso é muito importante e bem-vindo, mas é preciso ir além, assumindo a **visão ecológica de mundo** (VEM), a partir da qual podemos seguir o dito de Roman Jakobson *Linguista sum: linguistici nihil a me alienum puto*, ou seja, "eu sou linguista: nada do que é linguístico me é estranho"³. Essa perspectiva envolve a categoria ecológica do holismo. Por isso, envolve o que se faz em linguística ecossistêmica, que olha para a língua tanto em sua **exoecologia** (exterioridade da língua) quanto em sua **endoecologia** (interioridade da língua, estruturas). Só assim se justifica o qualificativo de holística que lhe é atribuído. Tem-se falado muito sobre o fato de não haver consenso entre os estudiosos que se intitulam ecolinguistas, como se unanimidade fosse algo necessariamente bom. Segundo o dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues, "toda unanimidade é burra". Contrariamente ao que em geral se pensa, para a VEM o importante é a diversidade. Diversidade de perspectivas no movimento ecolinguístico indica dinamismo, vitalidade, riqueza. A unanimidade de perspectivas seria índice de pobreza, assim como paucidade de espécies no ecossistema biológico é índice de fragilidade.

2. As ciências ambientais

Deixando de lado a "teoria dos climas" de Montesquieu (1689-1755) que, infelizmente, não deixa de dar munção aos racistas, podemos começar pela antropogeografia do alemão Friedrich Ratzel (1844-1904) e sua discípula americana Ellen Semple. Embora não no sentido ecológico moderno, eles defendem a influência do meio físico no destino das sociedades de forma bastante convincente, sem o vezo racista existente por trás das ideias de Gobineau e Hitler. A proposta não é racista porque vê a conformação do meio não como determinante mecânico dos destinos da humanidade, mas apresentando alguns caminhos que a humanidade poderia trilhar de modo mais fácil. Em seu *Politische Geographie* (1923) Ratzel dizia que "os humanos seriam inconcebíveis sem a superfície terrestre, bem como a sua maior realização no mundo, o estado" (p. 2), pois "o estado precisa viver da terra" (p. 3). Para ele, "as propriedades do estado emergem das do povo e das do solo" (p. 4). Vê-se, assim, que ele já antevia os três componentes do ecossistema linguístico, o território (T), o povo (P) e sua organização social, o "estado", que pressupõe uma sociedade, uma cultura, uma língua (L). Ellen Semple é até mais incisiva e direta. Logo na primeira página de seu livro ela afirma que "o homem é um produto da superfície da terra. Isso significa não apenas que ele é filho da terra, poeira de sua poeira, mas que ela o amamentou, o alimentou, lhe atribuiu tarefas, direcionou seus pensamentos, lhe apresentou dificuldades que fortaleceram seu corpo e aguçou seu tirocínio, lhe apresentou problemas de navegação e irrigação e, ao mesmo tempo, lhe soprou nos ouvidos algumas sugestões de solução" (SEMPLÉ, 1911/1941). Ela acrescenta que "todo clã, estado ou nação inclui dois componentes: um povo e sua terra, sendo o primeiro impensável sem a segunda" (p. 51), o que, de novo e ainda que indiretamente, antecipa o tripé do ecossistema linguístico. Isso porque "as condições naturais determinam os canais pelos quais a corrente da humanidade flui mais facilmente, determinam até certo ponto a direção desse fluxo, a velocidade e o volume da corrente" (p. 6). A despeito de tudo isso, a autora acrescenta, "a maior parte dos sistemas de sociologia tratou do homem como se ele estivesse de alguma maneira fora da superfície terrestre; esses sistemas ignoraram a base terrena da sociedade" (p. 53). Em seguida à antropogeografia, uma das primeiras disciplinas a falar em influência do meio nos humanos talvez seja a psicologia. O psicólogo gestaltista Kurt Lewin afirmou que "em psicologia podemos começar a descrever a situação completa distinguindo aproximadamente a pessoa (P) e seu meio (M). Todo evento psicológico depende do estado da pessoa e, ao mesmo tempo do meio, embora a importância relativa de cada um deles varie em diferentes situações. Assim, podemos estabelecer a fórmula para qualquer evento psicológico como $C = f(PM)$ " (LEWIN, 1936, p. 12). Essa fórmula deve ser lida assim: o comportamento (C) é função (f) da pessoa (P) no seu meio (M). Aí temos mais um precursor do ecossistema linguístico, composto de povo (P), se comportando (L) no seu meio (M=T). A expressão "psicologia ambiental" surgiu mais tarde, talvez ao lado de "ecopsicologia". Um dos pioneiros da ecopsicologia é Rozsak (2001) desde a época dos *hippies*. Günther & Rozestraten (2005, p. 1) apresentam a "A definição de Psicologia Ambiental como o estudo das relações (recíprocas) entre os fenômenos psicológicos (comportamentos e estados subjetivos) e variáveis ambientais físicas" (ver também GÜNTHER, 2005). Tanto sob uma quanto sob outra designação há diversas correntes, como, por exemplo, as praticadas por Urie Bronfenbrenner e Mitchell Tomashow, para mencionar apenas mais dois autores.

A relação entre sociologia e meio ambiente recua pelo menos à década de 20 do século passado, com a Escola de Sociologia de Chicago, tendo à frente Robert E. Park e Ernest W. Burgess. Eles acreditavam que o entorno em que se localiza a comunidade, no caso a cidade de Chicago, tem uma forte influência sobre o comportamento humano. Partindo de conceitos da psicologia social, como o interacionismo simbólico, e da etnografia (ecologia) – George Mead e John Dewey defendiam a ideia de que terra, cultura e população formam um todo inseparável, exatamente como na linguística ecossistêmica – , eles demonstraram que muitos dos comportamentos anômicos tinham a ver com a grande aglomeração de pessoas em pouco espaço (PLUMMER, 1998). Mediante mapas, mostravam que alguns problemas se concentravam em determinadas regiões da cidade, que geralmente se expandia a partir do centro em círculos concêntricos, as chamadas zonas: a do comércio, no centro; a área de favelas, em torno da zona central; a da classe trabalhadora, depois da central; depois, vinha a zona residencial e, por fim, a zona da classe rica. Park, por exemplo, falava em ecologia humana. O fato é que essa escola foi uma das que mais influência tiveram no surgimento da sociologia nos Estados Unidos, formando muitos grandes nomes, mundialmente conhecidos. Mais de meio século mais tarde, Catton Jr. e Dunlap defenderam a sociologia ambiental (DUNLAP & CATTON 1979), que se enquadraria em um novo paradigma para as ciências, o "paradigma ecológico" (CATTON & DUNLAP 1980). Esse novo paradigma não concorda com o "paradigma do excepcionalismo humano", ao qual se contrapõe. Os "pesquisadores que focalizam o meio ambiente físico, construído ou natural, rechaçam o princípio de Durkheim de que fatos sociais podem ser explicados somente com outros fatos sociais (CATTON & DUNLAP 1980: 255). Segundo esses autores, "a característica fundamental da sociologia ambiental é a importância atribuída ao *meio ambiente* como um fator que pode influenciar o comportamento humano e ser influenciado por ele". Enfim, a "sociologia ambiental examina as inter-relações entre o meio ambiente físico e o complexo social" (p. 251, 252). Com isso, eles levam em consideração também o ecossistema. Como seria de se esperar, há uma grande diversidade de opiniões na área, que aparece inclusive sob a rubrica "ecossociologia". Existe também a antropologia ecológica, ou ecoantropologia, de que há um ótimo apanhado histórico em Neves (1996, p. 19-21). O autor apresenta três estágios sucessivos no desenvolvimento da disciplina. O primeiro "caracteriza-se pela retomada do evolucionismo na antropologia e pela demonstração de que o meio ambiente deve ser reconhecido como um fator gerador do processo cultural", como se pode ver na obra de Leslie White e Julian Steward, nas décadas de 40 e 50. No segundo período, década de 60, sobressaem-se os neofuncionalistas. Na obra de Roy Rappaport e Andrew Vayda, o conceito de ecossistema foi usado pela primeira vez. O terceiro período, a partir da década de 80, caracteriza-se por "uma crítica contundente aos modelos de equilíbrio homeostático defendidos pelos neofuncionalistas, ao incorporarem a visão ecossistêmica no estudo das populações humanas". É nesse momento que surge a ecologia humana. O termo "antropologia ambiental" tende a não ocorrer. Há outras ciências "eco-" e/ou "ambientais", tais como a ecoarquitetura, a ecofilosofia e outras. A ecofilosofia se tornou bastante popular quando o filósofo e ambientalista Arne Naess (1912-2009), sob o nome de ecosofia propôs a ecologia profunda (COUTO, 2012: 49-67). Esta última teve uma forte influência na versão da linguística conhecida como análise do discurso ecossistêmica/ecológica (ADE). Praticamente toda ciência humana

tem uma vertente ecológica. A linguística ao que parece foi uma das últimas disciplinas da área das ciências humanas a incluí-la em sua agenda. Como adiantado acima, é verdade que em 1911 tivemos o texto "Linguagem e meio ambiente" de Edward Sapir e que, em 1970, Einar Haugen falou em *ecology of language*. No entanto, foi só em 1993 que a ecolinguística começou a decolar, com Fill (1993), na Alemanha, e Makkai (1993), nos Estados Unidos. No Brasil ela começou com Couto (2007).

3. Linguística Ecosistêmica, Análise do Discurso Ecosistêmica/Ecológica e Análise do Discurso Ambiental

A fim de tentar esclarecer um pouco mais o aparente caos terminológico que domina a ecolinguística mundial, gostaria de expor nossa versão dela, a **linguística ecosistêmica** (LE) – assim chamada por razões óbvias –, e como ela se insere nesse complexo. Para entendê-la, é preciso aceitar a **visão ecológica de mundo** (VEM), principalmente como defendida por Capra (1998). O nome alternativo da LE é **ecologia linguística** (*Sprachökologie*), em que o substantivo é "ecologia" e "linguística" adjetivo, contrariamente à linguística ecológica (*ökologische Linguistik*), com "linguística" como substantivo e "ecológica" como adjetivo. Os autores em que a LE se baseia são Peter Finke, Wilhelm Trampe e Hans Strohner. A LE não usa conceitos da ecologia como meras metáforas, como faz a maioria dos ecolinguistas. Pelo contrário, ela é parte da ecologia geral (macroecologia), portanto, erige seu arcabouço epistemológico a partir de dentro da ecologia. Ela é uma disciplina da ecologia. Por ser parte da ecologia, seu conceito inicial é o de **ecossistema linguístico**, constituído de um povo (P), vivendo em seu território (T) e com seus membros interagindo entre si pelo modo tradicional de interagir localmente, sua linguagem (L). Esse é o **ecossistema integral da língua**. Ele pode ser encarado como **comunidade de língua e comunidade de fala**, expostas pormenorizadamente em Couto (2016).

Por perfilar a VEM, a LE encara seu objeto de modo holístico. Mas, como ninguém é onisciente, não consegue estudar tudo, o linguista ecosistêmico recorta um segmento do complexo fenômeno da linguagem que deseja pesquisar, usando o **método da focalização** (GARNER 2004) da **ecometodologia**, ou seja, escolhendo uma perspectiva. O refinamento da perspectiva começa no fato de se detectarem três outros ecossistemas linguísticos no interior do ecossistema integral da língua, o natural (1), o mental (2) e o social (3), representados na figura 1 (COUTO, 2015).

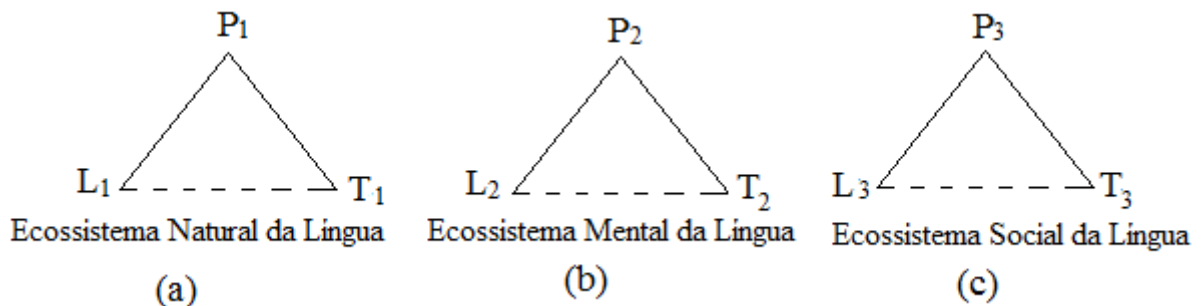


Figura 1

Pelo fato de a LE encarar seu objeto de modo abrangente, ela acabou desenvolvendo uma variante dedicada aos textos-discursos, a **análise do discurso ecossistêmica/ecológica** (ADE). A ADE pode analisar todo e qualquer tipo de discurso, não apenas aqueles que têm um cariz ideológico e de relações de poder, como se pode ver em Couto, Couto & Borges (2015) e em Couto & Couto (2015). No entanto, o que distingue a ADE das demais ADs é o foco na defesa da vida e a luta contra qualquer sofrimento evitável. Tanto a ADE quanto a LE em geral são ecológicas ontológica (pelo objeto de estudo), epistemológica (pela teoria) e metodologicamente (pelo método de abordagem dos fenômenos linguísticos). Elas não são ecológicas apenas pelo objeto, como em geral se faz (COUTO, 2018). Na LE e em seu sub-ramo ADE é possível estudar-se todo e qualquer fenômeno da linguagem. No entanto, se o investigador preferir, pode lançar mão de algumas de suas sub-ramificações, tais como linguística ambiental, análise do discurso ambiental, além das que foram mencionadas acima, na seção introdutória. Partindo da visão holística da linguística ecossistêmica, vejamos um quadro sinótico da ecolinguística e suas subdivisões, como se vê nas antologias publicadas e como foi sucintamente exposto acima. Primeiro, exponho a proposta de classificação de Couto (2012: 30): ecolinguística crítica, análise do discurso ecocrítica, linguística ambiental, ecolinguística dialética, linguística ecossistêmica, ecologia das línguas, etnoecologia linguística, ecologia da evolução linguística, ecologia da aquisição de língua. Não é uma boa classificação, mas a que se mostrou factível no momento. Pelo que já foi dito, e como está mostrado na sinopse abaixo, a linguística ecossistêmica pode englobar todas essas disciplinas, o que se justifica pelo fato de ela encarar seu objeto holisticamente. Com ela, o investigador pode se debruçar sobre todo e qualquer fenômeno linguístico e, o que é melhor, de uma perspectiva unificada, a visão ecológica de mundo. Trocado em miúdos, a linguística ecossistêmica poderia ser um ponto, uma perspectiva de unificação ecológica das ciências da linguagem, com o que sairíamos do aparente "caos" terminológico. Mas, se o investigador preferir, pode continuar usando qualquer uma das rubricas tradicionais, como, por exemplo, sintaxe gerativa, sociolinguística variacionista, linguística ambiental, tema deste artigo, e assim por diante, contanto que avalie o resultado da perspectiva da VEM.

O nome geral é Linguística Ecossistêmica, que contém em si a ADE que, por sua vez, pode ser encarada de pelo menos quatro perspectivas diferentes.

1. Linguística Ecossistêmica

1.1. Análise do Discurso Ecossistêmica / Análise do Discurso Ecológica (ADE)

1.1.1. Ecolinguística Crítica

1.1.2. Linguística Ecocrítica

1.1.3. Linguística Ambiental

1.1.4. Análise do Discurso Ambiental

etc.

Há muitas intersecções e sobreposições entre essas sub-áreas. Isso é inevitável, dada a divisão do trabalho na ciência existente nos dias atuais. Na verdade, há uma espécie de

competição darwiniana entre elas. De qualquer forma, essa classificação parece ser um bom caminho para "pôr ordem no caos terminológico". Talvez com alguns ajustes, como ADA vindo logo após ADE. Este assunto merece um tratamento mais pormenorizado, o que não pode ser feito aqui. Gostaria de salientar que a linguística ambiental só é ecológica pelo objeto de estudo. Muitos, se não todos, os demais ramos da ecolinguística, exceto a linguística ecossistêmica, são ecológicos em geral pelo objeto e pelo fato de às vezes pinçarem conceitos da ecologia geral (como sustentabilidade, diversidade etc.) e os transplantar para o estudo dos fenômenos da linguagem. A linguística ecossistêmica, por seu turno, é ecológica de qualquer perspectiva que a olhemos.

4. A emergência de uma linguística ambiental: breve histórico

Começemos por um breve esboço histórico. Na internet eu já encontrei os termos *environmental linguistics* (inglês), *linguistique environnementale* (francês) e *linguistica ambientale* (italiano). Um termo alemão que parece expressar o conceito que defendo no presente artigo seria *Umweltlinguistik* (linguística do meio ambiente/ambiental), mas ele não foi encontrado. Por outro lado, *Umweltpsychologie* e *Umweltsoziologie* apareceram. Em português, talvez o primeiro uso do termo "linguística ambiental" tenha sido feito em Couto (2007), exceto, talvez, usos esporádicos fora da linguística. A designação "linguística ambiental" aproximaria a disciplina de "sociologia ambiental", "psicologia ambiental" e "antropologia ambiental, entre outras, pelo menos nominalmente. Aparentemente, o primeiro linguista a utilizar a expressão "linguística ambiental" por escrito foi Maher (1995) – há versões anteriores desse texto –, embora não exatamente no sentido em que ela está sendo usada no presente contexto. Tratando da situação sociolinguística do Japão, ele salienta que a realidade está longe de ser tão uniforme e padronizada como em geral se pensa. À semelhança de diversos outros países, como a Alemanha, que inspirou o modelo japonês, o ideal é ter uma língua comum, uma língua nacional como um símbolo identificador do estado; linguístico-ecossistemicamente isso corresponde à **língua estatal**. Com isso, ignora-se a diversidade existente no arquipélago, como os dialetos *tohoku*, ininteligíveis a falantes de outros dialetos, os dialetos de Okinawa e até a obsoleta língua ainu de Hokkaido. Ignora-se também a linguagem dos *burakumin*, uma espécie de intocáveis, de párias do passado. Isso para não falar nas diversas línguas de imigrantes. Enfim, Maher está preocupado com a ecologia das línguas e dialetos. Não é por acaso que o livro em que seu ensaio aparece se intitule justamente *Diversity in Japanese culture and language*, de que ele é um dos organizadores (MAHER & MACDONALD, 1995). O segundo uso do termo aparece em Harré, Brockmeier & Mühlhäusler (1999), que serão retomados logo abaixo. O terceiro uso do termo que encontrei é o feito por Francesco Grande. Ele considera sua "linguística ambientale" uma tradução do inglês *ecolinguistics*. Acrescenta que "o uso linguístico de uma comunidade é influenciado pela estrutura ambiental (ingl. *ecological structure*) e, conseqüentemente, que um sistema de vida nômade produz uma fragmentação da comunidade que se reflete na multiplicidade linguística". Por fim, "se a estrutura ambiental se modifica, o uso linguístico também se modifica: quando o nomadismo passa ao sedentarismo, a multiplicidade linguística será normativizada pelo poder central". Ele disse tudo isso a propósito do árabe, que está longe de ser uma língua homogênea. Pelo contrário, algumas de suas variedades parecem mais línguas diferentes

do que dialetos (GRANDE, 2006/2007: 55, 56). Enfim, para Grande "linguística ambiental" é aproximadamente o que Haugen dizia de *ecology of language*, ou seja, a ecologia das línguas. As ideias de Grande lembram as de Ratzel e Semple vistas acima. O termo "linguística ambiental" tem sido usado em sentidos que nada têm a ver com linguística. É o caso de *Environmental Linguistics: A Typology of Visual Factors in Shopping Malls* de John D. Woods & Edward H. Sewell Jr. In: Roberts Braden et al. [orgs.] 1993. *Art, Science and Visual Literacy I*. Blacksburg, VA: The International Visual Literacy Association, Inc.). Para os autores, "o meio ambiente deve ser considerado uma forma de comunicação, com a linguística ambiental como uma nova disciplina". Nesse caso, o meio ambiente construído é tratado como um tipo de linguagem. No contexto de um curso de comunicação visual, os autores entrevistaram 64 estudantes. O objetivo era comercial, embora tenham acrescentado que "já é tempo de aprendermos a linguagem do meio ambiente e promover o letramento espacial" (p. 185ss.).

Como já mencionado acima, é em Harré, Brockmeier & Mühlhäusler (1999) que "linguística ambiental" é usada na acepção mais próxima da que eu lhe atribuo. Eles usam a expressão apenas de passagem no começo, mas todo o livro pode ser usado em um curso de linguística ambiental. Tanto que na primeira linha do Prefácio (p. vii), eles dizem que "o tópico deste livro é o discurso do ambientalismo", acrescentando logo em seguida que esse discurso inclui tanto os que são "a favor da preservação do status quo quanto os trabalhos dos críticos e reformadores". O nome dado por eles a esse objeto de estudo é *greenspeak*, que tenho traduzido por **verdilingua**, que se apresentaria sob a forma de vários dialetos.

No capítulo I, os autores falam dos **discursos ambientais**, que são o objeto da linguística ambiental. No II, apresentam os fundamentos linguísticos para esse tipo de estudo, passando ao "uso retórico da ciência" no III. O capítulo IV fala das "narrativas ambientais". No V exploram o poder das metáforas, muito valorizadas na linguística por Mühlhäusler. Os capítulos VI e VII são dedicados à dimensão temporal e à etno-ecologia, respectivamente. Um capítulo central na proposta do livro é o VIII, chamado de "Linguistics as environmentalism", um tanto inapropriadamente a meu ver. Por fim, o capítulo IX fala dos domínios moral e estético do ambientalismo. Trata-se de uma longa enumeração, mas que se justifica pelo fato de se tratar de uma espécie de "Manual de Linguística Ambiental".

Tanto na Inglaterra quanto, posteriormente, na Austrália (Adelaide), Peter Mühlhäusler ministrou cursos e orientou pesquisas de alunos no contexto da linguística ambiental, fato confessado por ele logo no capítulo I do livro. Antes de se aposentar, ele teve uma intensa atividade nesse sentido, incluindo questões como morte de língua, minorias linguísticas, diversidade linguística e seu valor para a pujança da cultura de um povo e a questão do desenvolvimento e suas consequências no meio ambiente, tarefa a que Luisa Maffi se dedica com afinco (cf. www.terralingua.org). Uma de suas fontes confessas é Halliday (2001). Em Mühlhäusler (2003), o assunto "linguística ambiental" é retomado, embora sob a rubrica de "ecolinguística". Enfim, o termo "linguística ambiental" tem aparecido em lugares e tempos diferentes, com acepções as mais diversas. Por exemplo, em seu texto "Ecolinguistics: state of the art 1998" da coletânea ecolinguística *The ecolinguistics reader*, Alwin Fill menciona a expressão "linguística ambiental" para questões ecológicas e ambientais, mas prefere

"language ecology" e "linguistic ecology" (FILL, 2001: 46). É uma pena, pois a acepção que ele recusou é aproximadamente a que eu atribuo ao termo. Ocorreu também no texto de Nadège Lechevrel "Intertwined histories of ecolinguistics and ecological approaches of language(s): Historical and theoretical aspects of a research paradigm" (2009), embora *en passant*. Entre os cinco modelos que ela acha que podem ser identificados na ecolinguística atualmente, figura "eco-critical discourse analysis in discourse analysis", que considera uma designação alternativa para "environmental linguistics". Infelizmente, a autora não fez nenhum comentário sobre a expressão. De qualquer forma, isso mostra que o conceito que ela expressa estava pairando no ar.

5. O que é linguística ambiental?

Vimos acima que a linguística ambiental foi mencionada pela primeira vez no Brasil em Couto (2007: 337). Couto (2012: 31) apresenta uma das primeiras tentativas de conceituá-la. De acordo com o autor, "a chamada **linguística ambiental** também tem muitos representantes, quando não por ser muito afim à ecolinguística crítica. Um dos praticantes mais famosos é Peter Mühlhäusler. Mas, em português mesmo temos pelo menos dois, quais sejam, Rui Ramos (da Universidade do Minho, Portugal) e Adelaide Ferreira (da Universidade de Coimbra). A **análise do discurso ecocrítica** vai na mesma direção". Pouco depois, Couto (2013) salientou que um equívoco em relação à ecolinguística é confundi-la com "estudo do ambientalismo, das questões ambientais, da crítica à devastação e poluição do nosso meio vital". O texto acrescenta que "realmente existe um ramo da disciplina que poderia ser chamado de linguística ambiental, como o que faz Mühlhäusler, juntamente com outros autores" (cf. HARRÉ, BROCKMEIER & MÜHLHÄUSLER, 1999). Lê-se ainda que "apesar de lembrar a 'sociologia ambiental' de Catton e Dunlap, a linguística ambiental é aproximadamente o mesmo domínio a que se dedica a ecolinguística crítica ou linguística ecocrítica". A conclusão é que todas essas vertentes "podem ser acolhidas no seio da ecolinguística, inclusive porque ela tem uma visão abrangente, holística, dos fenômenos da linguagem" (COUTO, 2013: 281-282). Minha proposta é de que a **linguística ambiental** seja o estudo, a análise, a crítica de textos-discursos que falam de temas ambientais, quer sejam eles ambientalmente corretos, quer tratem de acontecimentos antiambientais ou pseudoambientais. O importante é que o objeto desse texto-discurso tenha a ver com ambientalismo e o estudo tenha sido feito por um linguista, de qualquer orientação, ou por não linguistas usando algum modelo teórico linguístico, como as diversas versões da análise do discurso. É justamente por isso que ela tem o nome que tem, linguística ambiental. Vimos que para Harré, Brockmeier & Mühlhäusler (1999) ela pode tratar também de outras questões, como as que se veem em Halliday (2001). Basicamente, porém, LA é o estudo de questões que tenham a ver com o ambientalismo.

Na expressão "linguística ambiental", o substantivo é "linguística", ao passo que "ambiental" é o adjetivo, vale dizer, o modelo teórico é a linguística, enquanto que seu objeto são as questões ambientais, o ambientalismo. Do mesmo modo, na linguística ecossistêmica se tem chamado a atenção para o fato de que seu nome alternativo é ecologia linguística, em que o substantivo é "ecologia", e "linguística" o adjetivo, o que implica que se trata de uma ciência ecológica que se debruça sobre os fenômenos da linguagem. Contrariamente à grande maioria dos ecolinguistas europeus e,

frequentemente, não europeus, a linguística ecossistêmica (ecologia linguística) não pinça conceitos da ecologia e os transplanta para o domínio da linguística. Pelo contrário, o linguista ecossistêmico está dentro da ecologia geral (macroecologia), a partir de onde estuda fenômenos linguísticos.

A LA pode se dedicar a textos-discursos que falem de toda e qualquer questão ambiental, usando ou não um modelo teórico de cunho ecológico. O que faz dela "ambiental" é basicamente o objeto, não necessariamente a teoria, nem a metodologia, como acontece na psicologia ambiental. O que há de "ecológico" na própria linguagem que usam são expressões como "eco-", "natural", "orgânico", "ambientalmente correto", "amigo do meio ambiente" etc. Às vezes toma-se posição contra ideologias como antropocentrismo, etnocentrismo, androcentrismo/machismo etc. Pode acontecer de se usarem conceitos ecológicos, mas declaradamente como metáforas, posição adotada por Harré, Brockmeier & Mühlhäusler (1999) e Mühlhäusler (2003). Acontece que isso pode ser feito de pontos de vistas teóricos os mais variados, como veremos mais pormenorizadamente na seção 6. Enfatizemos, um ensaio é considerado como inserto no âmbito da LA se, no mínimo, lidar com textos-discursos ambientais e for escrito por um linguista. Disse "no mínimo" porque ele pode ainda conter metáforas ecológicas, como faz grande parte dos ecolinguistas europeus, e/ou usar diversos conceitos ecológicos ou relacionados com ecologia. Enfim, qualquer ensaio produzido por um linguista, sobretudo se ele se considera ecolinguista, e tratar de temas ambientais será um ensaio em LA. Portanto, ela é uma subárea bastante abrangente da ecolinguística, que por si só já é abrangente. Porém, nem tudo que tratar de temas ambientais é linguística ambiental. Por exemplo, se um sociólogo, um psicólogo ou um antropólogo se debruçar sobre esses temas sem usar teorias linguísticas, o que teremos é sociologia ambiental, psicologia ambiental, e assim sucessivamente, mesmo que diga aproximadamente a mesma coisa e da mesma maneira que um linguista diria. A LA é definida basicamente por ter como objeto um tópico ambiental, quando tratado por um linguista ou, pelo menos, quando se parte da perspectiva linguística, por exemplo, baseando-se em algum modelo teórico linguístico. Ela é um dos ramos da ecolinguística em geral. Quem a pratica é ecolinguista, mas no sentido de que se dedica ao estudo de textos-discursos sobre questões ambientais, independentemente do modelo teórico utilizado. Do mesmo modo, a linguística ecossistêmica também é ecolinguística, porém, com mais razão, pois, como vimos, ela é ecológica pelo objeto de estudo, pela teoria e pela metodologia (COUTO, 2018). Vejamos uma evidência de que o que estou chamando LA é o que a maioria dos ecolinguistas faz. Em cinco coletâneas publicadas desde 1996, eu contei um total de 75 textos. Desses 49 se dedicam a temas ambientais e, uns poucos, a questões de minorias. Os 26 restantes tratam de teoria. A estatística a favor das questões ambientais e de minorias é maior ainda nos textos publicados em *Language and ecology*, órgão da International Ecolinguistics Association, disponível em www.ecoling.net. Devo ressaltar que há autores que não aceitam a ideia de que a ecolinguística deveria se dedicar apenas à defesa do meio ambiente e à defesa das minorias, tarefa nobilíssima, a que a própria linguística ecossistêmica pode se dedicar, e se dedica, também. O único problema é que essa defesa não deve ser a única finalidade de nossa disciplina, como defendem alguns autores de renome. Um deles é Salikoko Mufwene que, embora não se intitule ecolinguista, o que ele faz está perfeitamente em consonância com os princípios linguístico-ecossistêmicos. Na Alemanha, temos os ecolinguistas Peter Finke, Wilhelm

Trampe e Hans Strohner. Finke foi um dos primeiros a sugerir o uso do conceito de ecossistema. Trampe deu seguimento a suas propostas. Strohner, por fim, não só fez o mesmo como foi o primeiro autor usar a expressão "linguística ecossistêmica" por escrito. Na Austrália, temos Joshua Nash e seu ex-orientador, Peter Mühlhäusler. Acabamos de ver que Mühlhäusler trata de temas ambientais também, mas não só. Ele é conhecido também como crioulista. Recentemente o Editor de Resenhas da publicação *Language and ecology*, da **International Ecological Linguistics Association**, enviou um convite a potenciais resenhadores de 11 livros de "ecolinguística e assuntos relacionados". Nenhum deles, porém, porta sequer a palavra "linguística" na capa. Dois deles eram de ecocrítica (*ecocriticism*), um da área da psicologia, sendo que nenhum dos demais era escrito por algum dos ecolinguistas internacionalmente conhecidos. Por fim, nos congressos ecolinguísticos internacionais, as questões ambientais, de minorias, de línguas ameaçadas e assuntos assemelhados dominam avassaladoramente. Por exemplo, em um deles, os eixos temáticos foram: (1) Diversidade linguística e biológica; (2) Língua e problemas ambientais; (3) Como temas ambientais aparecem em textos?; (4) Como o sistema linguístico transporta ideias ecológicas e antiecológicas?; (5) Sistemas linguísticos mundiais como eco-sistemas. Só o último deles não tem a ver diretamente com o objeto da linguística ambiental.

6. Alguns ensaios de linguística ambiental mesmo que *avant la lettre*

Estudos que se enquadram na linguística ambiental como aqui proposta antecedem de muito o próprio surgimento da ecolinguística como disciplina. O que é mais, nesse caso incluem-se tanto os que foram feitos no âmbito da ecolinguística (ver comentário sobre as coletâneas feito acima), portanto, de 1990 em diante, quanto ensaios anteriores, cujos autores provavelmente nunca ouviram falar em ecolinguística. O fato é que grande parte dos textos que se intitulam ecolinguísticos só o são por tratarem de temas ambientais, antiambientais, pseudoambientais, enfim, por criticarem textos-discursos que querem se passar por ambientalmente corretos sem o serem, por terem sido produzidos de alguma perspectiva linguística. Muitos desses ensaios ecolinguísticos usam o arcabouço teórico da análise do discurso crítica de Fairclough ou outro modelo teórico. A única coisa que eles têm de ecológico é o objeto de estudo. No entanto, preenchem as duas exigências básicas para se qualificarem como sendo de linguística ambiental: tratam de temas ambientais e são produzidos da perspectiva linguística, inclusive da linguística ecossistêmica, sobretudo de sua variante Análise do discurso Ecossistêmica/ecológica. A seguir, apresento três exemplos brasileiros. O primeiro é Carvalho (1989), produzido quatro anos antes do surgimento da ecolinguística com Fill (1993). Vejamos como a própria autora resume o conteúdo de sua dissertação de mestrado (p. VI):

Destacamos duas matrizes discursivas que interpretam o acontecimento ecológico: o discurso ecológico oficial e o discurso ecológico alternativo. O primeiro é aquele enunciado pelas instituições governamentais e intergovernamentais. Opera dentro dos limites do pensamento liberal, propondo estratégias ecológicas compatíveis com o desenvolvimento industrial capitalista. O segundo está ligado aos setores do movimento

ecológico que empreendem uma crítica radical ao modo de produção capitalista, à cultura urbano-industrial, e à razão ocidental. Aponta soluções baseadas em modos não predatórios de produção, bem como numa outra ética das relações entre os homens. Constitui-se no contexto dos chamados novos movimentos sociais e produz, através de uma prática política diferenciada, novos valores e novos sujeitos sociais. Esses discursos lutam, de seus lugares antagônicos, por territórios de significação, disputando a hegemonia da interpretação do acontecimento ecológico.

A dissertação foi produzida por uma especialista em educação ambiental e defendida no Departamento de Psicologia da Educação da Fundação Getúlio Vargas. Vale dizer, nem a especialidade da autora nem a instituição têm algo a ver com estudos da linguagem. É bem verdade que ela cita Fritjof Capra, Foucault e a especialista em análise do discurso francesa pêuchetiana Eni Orlandi. Ela fala de "discurso ecológico oficial" e "discurso ecológico alternativo" de modo genérico, extralinguístico. Mesmo assim, se alguém tirasse a data do texto e dissesse que se trata de um ensaio "ecolinguístico", ninguém acharia estranho. Tanto que alhures eu a chamei de uma dissertação ecolinguística *avant la lettre*. O importante no presente contexto é que ela pode perfeitamente ser qualificada como uma dissertação em linguística ambiental, quando não porque cita uma linguista e um filósofo da linguagem para falar de dois tipos de discurso ambiental. O segundo trabalho é Csillag (1999). Trata-se de uma dissertação de mestrado, também da Fundação Getúlio Vargas. Eis o resumo:

O trabalho utiliza algumas ferramentas da Semiótica para realizar uma análise do discurso ambiental das empresas. Assim, analisa os pormenores que se encontram por trás do discurso oficial das empresas, chegando ao discurso real, ou que está nas entrelinhas do que é oficialmente divulgado. Na análise do discurso, também é feita uma análise do papel ético e da responsabilidade social das empresas na sociedade. Uma vez encontrado o discurso real, o trabalho apresenta uma orientação para a formulação de futuros discursos empresariais ambientais.

Essa dissertação emergiu no âmbito da administração de empresas, utilizando "ferramentas da semiótica". Mesmo assim, ela já é bem mais "linguística" do que a dissertação de Carvalho, mesmo porque foi orientada pelo conhecido linguista Izidoro Blikstein. Como cita também muitos ecologistas e ambientalistas, pode perfeitamente ser enquadrada no âmbito da LA. O resumo está aí para confirmar essa conclusão. Com efeito, para ser qualificado de linguística ambiental, repitamos, basta tratar de questões ambientais e ser feito por linguista ou, pelo menos, apoiar-se em trabalhos de linguistas. A dissertação foi escrita apenas seis anos após a publicação dos dois primeiros textos ecolinguísticos seminais mencionados acima.

A dissertação de Menezes (2008) foi produzida um ano após a publicação do primeiro livro de ecolinguística no Brasil (COUTO, 2007). Vejamos seu resumo:

*Este trabalho busca analisar a composição discursiva sobre questões ambientais presentes no jornalismo impresso em dois jornais de Minas Gerais. O estudo envolveu a leitura e análise de matérias jornalísticas do **Estado de Minas** e do **Hoje em Dia** no período entre maio e junho de 2007, marcado pela temática aquecimento global e o Dia*

*Mundial do Meio Ambiente. Para a operacionalização da análise foi usada a metodologia da análise do discurso francesa, proposta por Maingueneau, Brandão e Orlandi. A importância de analisar tal composição discursiva está no fato de que, hoje, os processos de comunicação acontecem em redes, e mudanças profundas e irreversíveis nos processos de produção e intercâmbios simbólicos estão presentes na sociedade contemporânea, afetando, como nunca se viu antes, a vida das pessoas. A abordagem do tema ambiental permite interpretar a essência de uma interface global midiática. Por conseguinte, a análise da mídia permite detectar o papel importante que ela tem na divulgação de políticas públicas nacionais e internacionais desta área. Com certeza, isso evidencia seu caráter de formadora de opinião. Diante dessas abordagens que se instituem, como a mídia tem apresentado as questões ambientais e por que são assim expostas? Para tanto se faz necessário discutir como as matérias jornalísticas se fazem. A pesquisa tem por objetivo analisar o discurso ambiental presente nos jornais **Estado de Minas** e **Hoje em Dia**, através dos gêneros informativos e opinativos; identificar as ações nas quais as questões ambientais estão presentes e caracterizar as estratégias discursivas presentes nos jornais. A interpretação dos dados analisados permitiu evidenciar, entre outros resultados, que o discurso ambiental presente nos jornais mineiros remete a outros discursos como a predominância das fontes oficiais e o destaque à racionalidade econômica associada aos pressupostos do desenvolvimento sustentável.*

A despeito do fato de a dissertação ter sido produzida em um mestrado em Extensão Rural, não resta a menor dúvida de que se trata de um trabalho de LA. A autora analisa o discurso ambiental de dois jornais mineiros com objetivos claramente ambientalistas. As fontes teóricas utilizadas são de linguistas, além de diversos outros autores. Os dois motivos básicos que justificam sua inclusão na LA é o ter tratado de tema ambiental e usado obras linguísticas como base teórica. Das três monografias acadêmicas, a de Menezes é, ironicamente, a que foi produzida no âmbito do curso mais distante da área de letras. É altamente provável que Carvalho, Csillag e Menezes nunca tenham ouvido falar em ecolinguística. No entanto, vimos que seus ensaios se adéquam perfeitamente ao arcabouço da LA. Isso mostra a abrangência desse ramo da ecolinguística, já bastante abrangente. Repetimos pela enésima vez, para determinado ensaio ser considerado um estudo em linguística ambiental basta atender dois requisitos: tratar de assunto ambiental e ser feito a partir de algum modelo teórico linguístico, quer o autor seja linguista, quer não.

Há outras teses e dissertações muito semelhantes às três que acabam de ser comentadas. Por exemplo, a dissertação de mestrado de Cristina Zanella Rodrigues, *“As mudas romperam o silêncio”*: discurso ecológico e movimento campesino, foi defendida na Universidade Católica de Pelotas (RS), em 2009, na área de Letras. Por ter sido escrita por uma linguista e sobre questão ambiental, pode ser considerada como uma monografia de linguística ambiental. A tese de doutorado de Cristina Pontes Bonfiglioli, *Discurso ecológico: a palavra e a fotografia no Protocolo de Kyoto*, 2008, mesmo que com menos razão, também pode ser uma tese de linguística ambiental, mesmo tendo sido defendida na Escola de Comunicações e Artes da USP, ou seja, na área de comunicação. A autora fala da questão ambiental e usa pelo menos Foucault como base teórica.

7. Observações finais

Diante da tese que defendo, pode parecer que eu seria contra o ambientalismo ou contra quem se dedica a ele. Pelo contrário. Os praticantes de linguística ecossistêmica têm se dedicado ao ativismo ambiental, sem deixar de lado as diversas facetas da linguagem. Isso se dá, entre outras razões, porque defendem os ecossistemas. A única diferença em relação à LA e ao que fazem muitos ecolinguistas é que, ao fazê-lo, o fazem a partir de seu sub-ramo análise do discurso ecossistêmica/ecológica (ADE). Isso se deve ao fato de ela ser parte do ramo da ecolinguística chamado linguística ecossistêmica, que seria um ponto de convergência, um ponto de união das diversas tendências existentes no interior da ecolinguística. Se se dispensasse o termo "ecolinguística" e se adotasse a linguística ecossistêmica, todas as questões mencionadas acima teriam guarida em algum de seus ramos e sub-ramos. Ensaio feito por sociólogos sobre questões ambientais, sem usar literatura linguística, em princípio pertencem à sociologia ambiental; os feitos por psicólogos, à psicologia ambiental, e assim sucessivamente. Do mesmo modo, os ensaios sobre assuntos ambientais feitos da perspectiva linguística pertencem à linguística ambiental. Concluindo, teremos um ensaio de linguística ambiental sempre que o tema tratado for uma questão ambiental analisada por um linguista ou por alguém que utilize pelo menos parcialmente fontes linguísticas.

Notas

1. Ela está resenhada em ECO-REBEL v. 3, n. 2, 2017, disponível aqui: <http://periodicos.unb.br/ojs311/index.php/erbel/article/view/9683/8551> (acesso: 14/11/18).
2. No *site* da International Ecolinguistics Association (IEA), existe uma outra revista até mais antiga com um título parecido, ou seja, *Language & Ecology*, disponível em <http://ecolinguistics-association.org/journal/4563035324> (acesso: 14/11/18).
3. No logotipo dos Encontros Brasileiros de Ecolinguística (EBE) isso está parafraseado como *Ecolinguista sum: linguistici nihil a me alienum puto*. Ver www.ecoling.unb.br (acesso: 14/11/1018).

Referências

- CAPRA, Fritjof. *Pertencendo ao universo*. São Paulo: Cultrix, 1998, 10ed.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura. *Territorialidades em luta: uma análise dos discursos ecológicos*. Fundação Getúlio Vargas, dissertação de mestrado em Psicologia da Educação, 1989.
- CATTON Jr., William R.; Riley D. DUNLAP. A new ecological paradigm for post-exuberant sociology. *American behavioral scientist* v. 24, n. 1, 1980, p. 15-47.
- COUTO, Elza Kioko N. N. do. *Ecolinguística e imaginário*. Brasília: Thesaurus, 2012.
- COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- _____. *O tao de linguagem*. Campinas: Pontes, 2012.
- _____. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de linguagem e sociedade* v. 14, n. 1, 2013, p. 275-313.

- _____. Linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 1, n. 1, 2015, p. 39-62. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/15135/10836> (acesso: 09/02/17).
- _____. Comunidade de fala revisitada. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 2, n. 2, 2016, p. 47-72. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/20035/14225> (acesso: 24/03/2017).
- _____. 2018. Ecosystemic linguistics. In: FILL, Alwin & PENZ, Hermine (orgs.). *Routledge handbook of ecolinguistics*. Londres: Routledge, p. 149-161.
- _____; COUTO, Elza. Por uma análise do discurso ecológica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 1, n. 1, 2015, p. 63-80. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/15136/10837> (acesso 24/03/1017).
- COUTO, Hildo; COUTO, Elza; BORGES, Lorena. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes, 2015.
- CSILLAG, Paula. *A semiótica aplicada às organizações: Uma análise do discurso ambiental das empresas*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, dissertação de mestrado em Administração de Empresas, 1999.
- DUNLAP, Riley E.; CATTON JR., William. Environmental sociology. *Annual review of sociology* v. 5, 1979, p. 243-273.
- FILL, Alwin. *Wörter zu Pflugscharen: Versuch einer Ökologie der Sprache*. Viena: Böhlau, 1987.
- _____. *Ökologuistik: Eine Einführung*. Tübingen: Gunter Narr, 1993.
- GARNER, Mark. *Language: an ecological view*. Berna: Peter Lang, 2004.
- GRANDE, Francesco. Diglossia araba tra passato e futuro: cause, contesti, prospettive. *Kervan - Rivista internazionale di studi afroasiatici* n. 4/5, 2006/2007, p. 41-70. Disponível em: <http://www.ojs.unito.it/index.php/kervan/article/view/972/793> (acesso: 07/02/2017).
- GÜNTHER, Hartmut. A psicologia ambiental no campo interdisciplinar de conhecimento. *Psicologia USP* v. 16, n. 1/2, 2005, p. 179-183.
- _____; ROZESTRATEN, Reinier J. A. Psicologia ambiental: algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino. *Laboratório de psicologia ambiental; Série Textos de Psicologia Ambiental* n. 10, 2005. Disponível em: <http://www.psi-ambiental.net/pdf/10PsiAmbiental.pdf> (acesso: 07/02/2017).
- HALLIDEY, Michael. New ways of meaning: The challenge do applied linguistics. In: Fill, Alwin & Peter Mühlhäusler (orgs.). *The ecolinguistics reader*. Londres: Continuum, 2001, p. 175-202.
- HARRÉ, Rom; BROCKMEIER, Jens; MÜHLHÄUSLER, Peter. *A study of environmental discourse*. Thousand Oaks, Cal.: Sage Publications, 1999.
- LEWIN, Kurt. *Principles of topological psychology*. New York: McGraw-Hill, 1936.
- MAHER, John Christopher. The right stuff: towards an environmental linguistics. In: MAHER, J.; GAYNOR, Marilyn MacDonald (orgs.). *Diversity in Japanese culture and language*. Londres: Routledge, 1995, p. 95-117.
- MAKKAI, Adam. *Ecolinguistics: ¿Toward a new **paradigm** for the science of language?* Londres: Pinter Publishers, 1993.
- MENEZES, Flávia Pereira Dias. *Mídia e questões ambientais: análise do discurso*

- ambiental nos jornais mineiros*. Universidade Federal de Viçosa: Dissertação de Mestrado em Extensão Rural, 2008.
- MÜHLHÄUSLER, Peter. *Language of environment, environment of language: a course in ecolinguistics*. Londres: Battlebridge, 2003.
- NEVES, Walter. *Antropologia ecológica*. São Paulo: Cortez, 1996.
- ROSZAK, Theodore. *The voice of the Earth: An exploration of ecopsychology*. Grand Rapids, MI: Phanes Press, 2001, 2ed.
- PLUMMER, Ken (org). *The Chicago School: Critical assessments*. Londres: Routledge, 1998.
- SEMPLE, Ellen Churchill. *Influences of geographic environment on the basis of Ratzel's system of anthropogeography*. New York: Henry Holt & Company, 1941 (1911).
- TRAMPE, Wilhelm. *Ökologische Linguistik: Grundlagen einer ökologischen Wissenschafts- und Sprachtheorie*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1990.
- Voegelin, C. F.; Voegelin, F. M. Languages of the world: Native America Fascicle one. *Anthropological linguistics* v. 6, n. 6, 1964, p. 1-149.

* * * * *

APÊNDICE

NOTA: Sugestão de programa para um curso de Linguística Ambiental de um semestre. Trata-se de mera sugestão. O programa pode ser ampliado, aumentado, diminuído, parcial ou totalmente, enfim, adaptado às necessidades do professor e dos alunos. Os números entre parênteses na **Bibliografia** remetem ao item do programa no qual ele pode ser utilizado.

LINGUÍSTICA AMBIENTAL

(Proposta de programa para um curso de Linguística Ambiental)

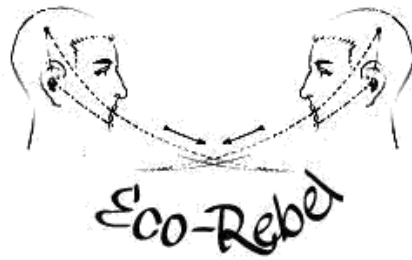
1. Ecolinguística
2. Linguística Ambiental e seu lugar na Ecolinguística
3. Outras disciplinas ambientais: Psicologia Ambiental, Sociologia Ambiental etc.
4. O ambientalismo: caracterização e pequeno histórico
5. Teoria linguística a ser utilizada
6. Estudo de alguns ensaios que se enquadram no âmbito da Linguística Ambiental
7. Análise de textos-discursos sobre catástrofes naturais
8. O tratamento dado pela mídia impressa e televisiva sobre a devastação do meio ambiente
9. A educação ambiental
10. A verdade para os ambientalistas e para os desenvolvimentistas
11. Um estudo de caso (sugestão: Ramos 2013).

Bibliografia [ver também as **Referências** do artigo].

- ALEXANDER, Richard. 2015. Sobre a necessidade de submeter o discurso ambiental contemporâneo à investigação reflexiva. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 1, n. 2, p. 30-52 (5-8). <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/16524/11767> (acesso: 22/03/2017)
- COUTO, Hildo Honório do. 2007. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus. Seção VI (caps. 2, 3, 4, 5); seção VII (caps. 2, 3, 4, 5); seção VIII (cap. 3).
 _____; COUTO, Elza; ARAÚJO, Gilberto; ALBUQUERQUE, Davi. (orgs.). 2016. *O paradigma ecológico nas ciências da linguagem: Ensaio ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora da UFG (nesta coletânea há textos sobre todos os tópicos do programa).
- FILL, Alwin. 1993. *Ökologuistik: Eine Einführung*. Tübingen: Narr.
- _____. 2015. Ecolinguística: a história de uma ideia verde para o estudo da linguagem. *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, p. 7-18 (5-8). <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/15123/10834> (acesso: 22/03/2017).
 _____; MÜLHLHÄUSLER, Peter (orgs.). *The ecolinguistics reader*. Londres: Continuum (1).
- HARRÉ, Rom; BROCKMEIER, Jens; MÜLHLHÄUSLER, Peter. 1999. *A study of environmental discourse*. Thousand Oaks, Cal.: Sage Publications (2).
- Mühlhäusler, Peter. 2003. *Language of environment, environment of language: a course in ecolinguistics*. Londres: Battlebridge (obre itens de 1 a 8).
- RAMOS, Rui. 2009. *O discurso do ambiente na imprensa e na escola: Uma abordagem linguística*. Lisboa: fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia (7, 8, 9).
- _____. 2013. O rei de Espanha foi caçar elefantes: A construção discursiva do evento nos *media* portugueses. *Cadernos de linguagem e sociedade* v. 14, n. 1, p. 17-40 (7, 8, 10).
- _____. 2015. O ambiente como argumento final na imprensa brasileira. *ECO-REBEL* v. 1, 1, p. 95-106. Disponível em:
<http://periodicos.unb.br/ojs311/index.php/erbel/article/view/9970/8803> (acesso: 27/12/2018).

Aceito: 19/12/2018.

Ecolinguística: Revista Brasileira de
 Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 5, n. 1, 2019.



**PARA COMPREENDER O MEIO AMBIENTE MENTAL:
ANOTAÇÕES DE UM ECOLINGUISTA SOBRE O CÉREBRO**

Genis Frederico Schmaltz Neto

Resumo: O objetivo deste texto é apresentar algumas reflexões a respeito de um dos meios ambientes da linguística ecossistêmica, o meio ambiente mental da língua. É natural que uma postura linguística se preocupe com a memória e com os processos cognitivos ao se abordar a mente humana, no entanto as tentativas de análise se concentrarão em se inserir nos aspectos biológicos e anatômicos desse ambiente, uma vez que referir-se à materialidade do que é produzido pelo cérebro não quer dizer trabalhá-lo em si. A partir de leituras de Hickey (1997), Dangelo (1995) e Couto (2012, 2013, 2015), o que se tem é um mapa de funcionamentos aspectuais das regras de interação na ecologia da interação comunicativa a partir de uma perspectiva de redes de atuação do sistema nervoso e suas subdivisões neurais interconectadas.

Palavras-chave: meio ambiente mental; regras interacionais; cérebro.

Abstract: The objective of this article is to present some reflections on one of the environments of Ecosystemic Linguistics, i.e., the mental environment of language. It is evident that a study of language cares about memory and the cognitive processes when studying human mind. However, the tentative analyses will deal especially with the biological and anatomic aspects of this environment. After all, to deal with the material side of the brain is not to study it in its entirety. Following Hickey (1997), Dangelo (1995) and Couto (2012, 2013, 2015), what we have is a map of the functioning of the interactional rules that underlie the ecology of communicative interaction, from the perspective of the neural network of connections of the brain and its subdivisions.

Keywords: Ecolinguistics; ecosystem; diversity; holism.

1. Uma introdução à ecolinguística

É comum, àqueles que estudam língua e linguagem, debruçar-se sobre textos veiculados em gêneros infinitos, gravações extensas da realização de vocábulos, amostras de diálogos entre pessoas em suas comunidades ou mesmo comparações atemporais do que se diz e o que se queria dizer. Trata-se do manuseio da matéria bruta e o que com ela se faz ao assumir-se *continuador* dos postulados de Saussure.

Mesmo reconhecendo-se que hoje não se deve colocar essa matéria em uma perspectiva imanente como aconteceu no início do século XIX, considerá-la uma realidade histórica

ou ocupar-se de estabelecer correlações sistemáticas a partir de comparações gramaticais, Hermann Osthoff e Karl Brugmann já assumiam, em 1878, que para estudá-la era preciso, sobretudo, preocupar-se com o falante. Seria priorizar não apenas a engrenagem da estrutura linguística, mas a maneira como era manuseada e os respectivos efeitos no lugar onde estava sendo consolidada; compreender de que maneira seu girar afeta(va) o todo onde estava inserido. Posteriormente Whitney e Humboldt já reforçariam a linguagem como uma instituição social e não natural, também como um sistema autônomo, determinado por relações imanentes.

Esse processo de reconsiderações e novas asserções sobre o que se entende como matéria bruta da linguística ainda não cessou. No berço dos estudos do século XXI, Couto (2014) emergiu defendendo que, diferente de seus antecessores, *a língua não é uma coisa*, um mero instrumento de comunicação que os falantes optam por utilizar em situações interativas somente porque estão imersos em contexto sócio-histórico. Antes, a língua é a própria interação. A língua é interação. *A língua é motraive*¹.

Essa proposta consolida o paradigma que tem se disseminado no Brasil no contexto de em uma visão multimetodológica de mundo que junta postulados biológicos aos linguísticos² à semelhança de uma casa cujas janelas, sobrepostas, estão interligadas por uma escada por dentro e por fora. Ao observador cabe descê-las ou subi-las, desde que se vislumbre o todo sem se acomodar apenas em uma delas; eis a Ecolinguística.

Pautada nos postulados basilares de Haugen, em flertes com a física filosófica de Capra e mesmo em um paralelismo contravencional a Chomsky, trata-se de uma ciência linguística sistêmica, holística e preferencialmente ecológica³ dos processos de interação. Daí o uso do prefixo –eco; não se trata de *fashionismo* científico que busca uma plataforma metafórica para se misturarem metodologias, mas de uma epistemologia que visa compreender o mundo em sua complexidade por um *modus* ecológico (HAECKEL, 1870).

¹ Cf. COUTO, Hildo Honório do. A língua não é uma coisa, é motraive. 23 de julho de 2013. <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com/2013/07/a-lingua-nao-e-uma-coisa-e-motraive.html>

² Tal feito contempla o que Bloomfield bem mencionara em seu artigo *Language*, em 1950: a ajuda de teorias biológicas nos estudos da linguagem poderia compensar um novo entendimento pelo viés linguístico de nossa humanidade.

³ Holismo é diferente de ecologia. A visão ecológica é holística, mas também muito mais do que isso. Não se trata de olhar apenas a totalidade, mas “como” ela está embutida em valores maiores (Capra, 1991 p. 71).

Em outras palavras, não basta para análise da língua ter em mãos o produto de seus falantes. Tampouco saber que estes estão em um contexto. É preciso distanciar-se mais ao mesmo tempo em que se aproxima, em um movimento dialógico, quase dialético. É preciso *ecologizar-se*.

Podemos estudar um fonema sem nos esquecer de que ele compõe uma sílaba, que é parte de um morfema, que integra uma palavra, que é parte de uma frase e, conseqüentemente, de uma língua, que é parte de uma comunidade que dela faz uso, que integra outras comunidades constituintes do mundo que, por sua vez, constitui conjuntos sistemáticos de usos e convenções.

Dessa forma, o falante é visto como um ser humano que reside em um espaço territorial demarcado em uma região maior politicamente geografizada, em um planeta azul que depende do Sol como tantos outros, em outras galáxias. Por outro lado, este planeta, que tem esse país, que possui essa cidade e bairro onde se encontra o falante é marcado porque esse falante é constituído de um corpo físico e um corpo social.

Percebe-se que a Ecolinguística propõe uma abertura para encarar os fenômenos da linguagem por meio de uma visão interacionista que busca na sociedade que fala uma língua, um **meio ambiente** da língua, isto é, as inter-relações verbais que se dão entre falantes que habitam em um mesmo território culminam no chamado **ecossistema linguístico** (COUTO 2013, p. 16).

Esse ecossistema – também chamado de **ecossistema integral**, formado por uma língua (L) que só existe e subsiste se houver uma população (P) que a tenha formado e que a use, convivendo em determinado território (T) – se desdobra em três: ecossistema mental, ecossistema social e ecossistema natural da língua. Todos dizem respeito a uma face para qual se olha, porém todos estão entrelaçados.

Como se pôde ver, quando falamos em meio ambiente [...] tudo depende da pergunta que o investigador fizer. Se ele perguntar se a língua é uma realidade genérica, específica do ser humano, a resposta é sim. [...] Ele pode ainda querer saber se ela é algo natural, mental ou social. Se indagar se ela é um fenômeno natural, a resposta será afirmativa, uma vez que ela se manifesta concretamente como ondas sonoras, é usada por seres de natureza física (biológica), para se relacionarem entre si e com o mundo natural etc. Se perguntar se ela é um fenômeno mental, como faz Chomsky, obterá uma resposta também afirmativa. Por fim, se quiser saber se ela é social, ficará sabendo que ela o é. Vale dizer,

ecolinguisticamente a língua é tudo isso ao mesmo tempo. Ela é um fenômeno ‘biopsicossocial’, termo frequente na área da saúde, mas não muito comum nos estudos linguísticos (COUTO, 2015, p. 44).

Já que estão entrelaçados, apesar de dimensionais, cada ambiente pode ser estudado de modo individual. Jøgen Døør e Jørgen Christian Bang e mesmo Hildo Couto já nos apresentaram com análises que ilustram essa possibilidade. O que precisa estar claro, no entanto, é: a língua é uma teia sistemática de inter-relações (NENOKI COUTO, 2013, p. 82) e esse preceito subsistirá a qualquer recorte e/ou observação.

O objetivo deste texto, a partir dessas afirmações, é fazer algumas reflexões a respeito de um dos meios ambientes, o meio ambiente mental da língua. É natural que uma postura linguística se preocupe com a memória, talvez com os processos cognitivos. Porém, a tentativa dos próximos tópicos será inserir-se nos aspectos biológicos, anatômicos desse ambiente. Referir-se à materialidade do que é produzido pelo cérebro não quer dizer trabalhá-lo em si, mas, por exemplo, suas interconexões.

Couto (2015, p. 45), por exemplo, já afirmara que as inter-relações da língua no interior do cérebro “se dão nas conexões entre neurônios, mais especificamente, nas sinapses entre dendritos e axônios”. Logo, “essas interações são o cérebro em funcionamento, e o cérebro em funcionamento é a mente”. Entretanto, pouco se disse após isso, além de uma reflexão em 2017 sobre a maneira como sua memória geográfica se comportava ao se distanciar de uma cidade por um período de tempo – produzindo mapas mentais – e como essa percepção de si mesmo representaria um movimento do sistema cognitivo (COUTO, 2017).

Não há um estudo de uma perspectiva ecolinguística que se desprenda de afirmações a respeito do que pode ser o cérebro e se apegue ao funcionamento do cérebro em si. Seria possível, diante de manuais anatômicos, buscar no cérebro *in loco* uma janela para observar a língua, a interação, do ponto de vista biológico? Esse é o objetivo deste texto. No tópico dois, faço considerações a respeito do cérebro enquanto órgão humano e suas especificidades. Depois de descrevê-lo de modo em relative detalhe, exponho de maneira objetiva no tópico três alguns princípios ecolinguísticos que serão retomados no tópico quatro, visando uma análise relacional. No tópico cinco, por fim, apresento as considerações finais.

2. Anotações sobre o cérebro

De acordo com Hickey (1997), médico responsável pelo manual *Clinical practice of neurologic and neurosurgical nursing*, o cérebro é o órgão que ocupa aproximadamente 2% do peso corporal humano, e tem por função primordial **gerar comportamentos**. Seja na ativação de músculos ou secretando substâncias químicas, as funções orgânicas e a integração de um ser no meio ambiente estão na dependência dele. O cérebro controla, subjacentemente, o comportamento do Homem.

Diferente da sabedoria popular que o trata como uma massa cinzenta possante abrigada por uma caixa craniana, o “cérebro” é o conjunto total de estruturas nervosas decorrentes de aproximadamente 86 bilhões de neurônios ligados por mais de 10.000 conexões sinápticas⁴ cada. Somadas, essas estruturas – que poderiam ser melhor nomeadas como *conjunto de redes* – constituem o **sistema nervoso central**.

Os neurônios, por sua vez, apesar de serem fundacionais para a estrutura, dependem de neurotransmissores para se articularem uns aos outros, uma espécie de partículas mensageiras. Ciclicamente, ambos se interpelam a fim de manter uma teia de significação funcional coerente, seja sobre a coluna vertebral e o crânio humano e então temos o o sistema nervoso central (SNC), seja sobre terminações nervosas e nervos em geral, então estamos diante do sistema nervoso periférico (SNP).



Figura 1. Exemplo isolado de neurônio.

O que nos apetece, de modo oportuno, é verificar que além de controlar e coordenar todo o funcionamento do organismo humano em um construto teiado, o sistema nervoso de modo geral recebe, interpreta e desencadeia reações no organismo. Esses dois verbos são recorrentes: ele **controla** porque há muitas ações que realizamos feitas sem nossa plena consciência (batimentos do coração, por exemplo), enquanto outras dependem da

4. Sinapse é o ponto de comunicação entre os neurônios; região de contato entre as terminações de dois neurônios adjacentes, onde o impulso nervoso é transmitido de um neurônio ao outro (Dicionário Médico, 2014).

nossa vontade (pegar um objeto) e por isso ele **coordena** (DANGELO; FATTINI, 1995 p. 52).

Cada um dos comportamentos controlados e coordenados é proveniente de estruturas neurológicas relacionadas, porém de transmissores distintos. Por isso não se atribui ao cérebro a função de macroestrutura total, mas, antes, de parte basilar de uma inter-relação. Inter porque a relação só é possível e se manifesta devido a uma tríade: cérebro, tronco encefálico e cerebelo. Este dirige a coordenação dos movimentos, enquanto aquele os conecta.

O cérebro, que constitui a maior parte do sistema nervoso central, se divide em hemisférios cujas formações se dão pela reunião de pares de lobos⁵, cada qual direcionando ações específicas, segundo as estruturas em que inervam (SMELTZER; BARE, 2002, p. 59). Ao todo são quatro. Localizado na região da frente, o lobo frontal é responsável pelo controle do pensamento abstrato tal qual a memória. Participa ativamente na formulação de palavras, coordenando a personalidade e as inibições do indivíduo, o julgamento e o afeto.

Já o lobo parietal, situado na parte superior central da cabeça, atua predominantemente com informações sensoriais, sendo responsável pela consciência corporal em dado espaço. O lobo temporal, localizado nas regiões laterais da cabeça, é responsável excepcionalmente por conter a área interpretativa, integrando o visual e o auditivo, enquanto o lobo occipital coordena exclusivamente a área visual primária, estando na região da nuca.

Comum a estes três últimos lobos se encontra uma área convergente chamada zona de Wernicke⁶: é a parte responsável pelo conhecimento, interpretação e associação das informações, mais especificamente a compreensão da linguagem. Em outras palavras, trata-se de uma área que atua diretamente na produção do discurso, permitindo compreender o que os outros dizem e possibilitando que organizemos as palavras segundo a sintaxe de nossa língua. Segundo essa estrutura, ao se deparar com um signo linguístico, recupera-se imediatamente seu significado na memória e, de maneira específica, seu contexto particular.

⁵ Lobo é o termo que designa uma parte de órgão ou víscera, separado por fendas (Dicionário Médico, 2014).

⁶ Essa zona cerebral que abrange os lobos occipital, temporal e parietal foi descoberta e postulada pelo neuropsiquiatra alemão Carl Wernicke, em 1874; daí o nome.

Dessa forma, ao ouvir alguém ou ao ler uma palavra, o léxico mental se articula às demais regiões do cérebro e permite que se controlem os músculos faciais para pronunciá-la. Tal sensação de controle está diretamente ligada ao funcionamento do sistema nervoso periférico (SNP). Isso porque nele encontra-se o chamado sistema nervoso autônomo, responsável em grande parte pela manutenção do equilíbrio interno do corpo. Trata-se de um sistema regulador e/ou controlador dos órgãos e reações a estímulos externos humanos. Está separado em dois: o SNA simpático e o SNA parassimpático.

O sistema simpático diz respeito às funções corporais que independem da vontade do indivíduo: o sangue correndo pelas veias, dilatação das pupilas, sudorese, movimentos peristálticos, produção de urina, em suma, procedimentos às vezes imperceptíveis responsáveis por manter um ser vivo. Por outro lado, o sistema parassimpático funciona como um controle limitado que o indivíduo exerce sobre ações desencadeadas pelo sistema simpático. Por exemplo, o controle dos esfíncteres e da bexiga.

Linguisticamente falando, cabe ao SS a vibração das pregas vocais, o armazenamento vocabular, a saliva durante o uso da boca para o ato de fala, o piscar dos olhos, a respiração durante a interação, o equilíbrio corporal do falante em um ambiente, a passagem de ar que permite a realização dos sons. Já ao SP, cabe a decisão de falar ou não, o uso das palavras armazenadas, a entonação vocal e o direcionamento dos olhos, do corpo e dos gestos.

Diante dessas afirmações, percebe-se que o SNA é uma estrutura que funciona de modo dicotômico: estímulo-reação. O fogo de um palito de fósforo é um estímulo que provoca na mão a reação de retirá-la rapidamente. Às vezes, inclui-se no binômio um terceiro elemento: estímulo-interpretação-reação. O estímulo de um ambiente abafado causa sensação de calor e leva o indivíduo a interpretar que se trata de um local quente, sendo desnecessário um agasalho. Logo se tem a reação de retirá-lo.

Um falante inicia um fluxo interacional quando se sente estimulado, seja por motivação individual ou por provocação do outro, e a fala em si pode ser considerada, portanto, uma reação a esse pontapé. Da mesma forma, a resposta de quem ouve é uma reação à fala inicial que só acontece porque o estímulo proveniente da primeira solicitação de conversa existe. Ambos precisam interpretar os estímulos e escolher a reação específica adequada.

Na ecolinguística, existem dois tipos de interação: do organismo com o mundo (significação) e do organismo com o outro (comunicação). Ambas se dão a partir das experiências pessoais, sensoriais, sociais, mentais. Quando duas pessoas interagem, elas têm um assunto; o fluxo interacional, portanto, se dá entre duas pessoas localizadas em um cenário e seu diálogo acontece em níveis de intensidade interacional – ora se é falante, ora ouvinte. Todo esse processo recebe o nome de ecologia da comunicação interativa (ECI).

O falante, comumente grafado como F, equivale ao EU; o ouvinte, grafado como O, ao TU. Aquele que se encontra ao lado de F é o ELE₁; já o aquele do lado de O é ELE₂. Estes últimos, juntos, constituem o ELES. Por meio de atos de comunicação interativa, F e O se alternam, sem qualquer previsão de qual deles encerrará o assunto ou o transgredirá. Couto (2012, 2013, 2015) tem utilizado um exemplo padrão para ilustrar esse conceito:

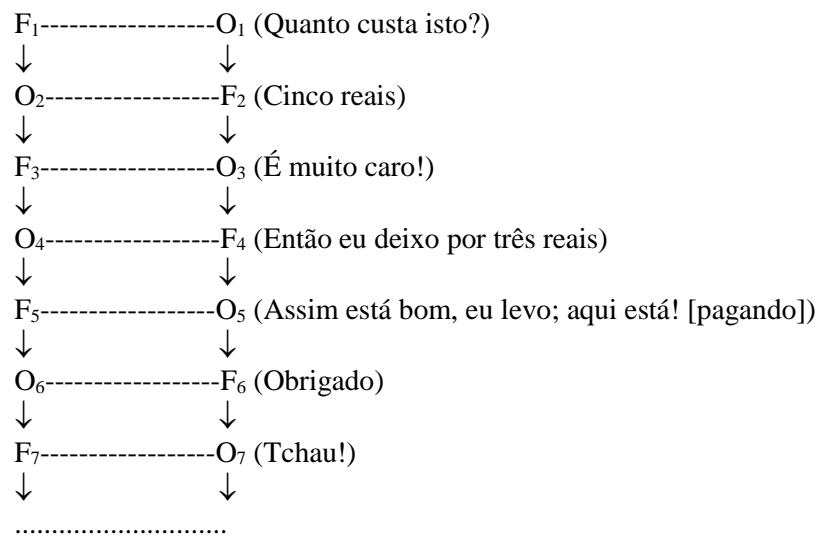


Figura 3. Exemplo padrão de fluxo interlocucional utilizado por Couto.

Nota-se que esse diálogo é prototípico. Se O₁, por exemplo, não atender a solicitação de F₁, haverá um provável sentimento de ofensa ou desprezo; da mesma forma, O₃ poderia agredir F₃ devido ao desgosto do preço e virar-se, dirigindo-se a outro F. Percebe-se que, dessa forma, a interação se dá entre falantes que, estando em comunidade ou não, entram em comunhão visando um objetivo específico – que pode resultar de uma situação humana aleatória ou planejada. Para sua identificação, Couto (2013) listou um

conjunto de doze regras interacionais que, apesar de bastante descritivas⁷, poderiam ser assim sintetizadas:

1. Proximidade	6. Tonalidade	11. Interesse
2. Visibilidade	7. Política	12. Bom senso
3. Foco	8. Tolerância	13. Discernimento
4. Altura	9. Percepção	14. Cordialidade
5. Responsividade	10. Atenção	15. Consciência linguística

Figura 4. Quadro demonstrativo das regras interacionais (SCHMALTZ NETO, 2017).

Esse conjunto de regras – como todas – pode sofrer alterações: ora, um F pode não estar próximo o suficiente de seu O, por exemplo, mas a intensidade de determinada distância não prejudica a comunicação; haja vista um cenário familiar em dias de domingo quando um permanece sentado à mesa enquanto outro circula pelos cômodos arrumando-o. Do mesmo modo, um F pode ignorar a regra XI e, mesmo diante do descaso de seu O, prosseguir com o assunto, provocando-o.

Assim, observamos que a interação no caso prototípico de Couto se inicia assim que o cumprimento das regras internacionais I e II, movidas respectivamente pelo lobo frontal (julgamento de que o O está próximo o suficiente do F) e o lobo parietal (gera o julgamento de que está num local correto suficientemente posicionado para se continuar com a interação). Ora, o F₁ diante do F₂ sente a necessidade de interação e, para que o fluxo interlocucional se inicie, o cérebro gera o comportamento de se comunicar

Por conseguinte, independente do cenário, o cérebro executa a função de coordenação: emitir o enunciado “Quanto custa isto?”, por exemplo. O sistema nervoso simpático

⁷ Regras interacionais: 1) F e O ficam próximos um do outro, aproximadamente um metro; 2) F e O ficam de frente um para o outro; 3) F e O devem olhar para o rosto um do outro, se possível para os olhos; 4) a uma solicitação deve corresponder uma satisfação; 5) tanto solicitação quanto satisfação devem ser formuladas em um tom cooperativo, harmonioso, solidário, com delicadeza; 6) a solicitação deve ser precedida de algum tipo de pré-solicitação; 7) a tomada de turno: enquanto um fala, o outro ouve; 8) se o assunto da interação for sério, F e O devem aparentar um ar de seriedade, sem ser sisudo, carrancudo; se for leve, um ar de leveza, com expressão facial de simpatia (leve sorriso, se possível); a inversão dessas aparências pode parecer antipática, não receptiva etc; 9) F e O devem manter-se atentos, "ligados" durante a interação, sem distrações, olhares para os lados; 10) durante a interação, F e O de vez em quando devem sinalizar que estão atentos, sobretudo na interação telefônica, que ainda “estão na linha”; 11) o encerramento da interação comunicativa não deve ser feito bruscamente, mas com algum tipo de preparação; quem desejar encerrá-la deve sinalizar essa intenção (tá bom, tá, é isso etc.); 12) em geral, é quem iniciou a interação que toma a iniciativa de encerrá-la; o contrário pode ser tido como não cooperativo, não harmonioso; 13) Regras sistêmicas (inclui toda a ‘gramática’).

disponibiliza a F a prosódia, vocábulos familiares, variação linguística e execução de sons que combinados constituem vocábulos. Já o sistema parassimpático dá a esse F a possibilidade de interagir com O, movido pelas regras I e II, segundo o cenário em que se encontram. Aqui a escolha variacional consciente se estabelece.

Dessa forma, entende-se que, na interação, ambos sistemas coexistem, mas há uma tendência maior de atuação do sistema simpático – uma vez que o assunto e a não vigilância cooperem para que a memória e a execução do tempo presente dialoguem. A cinésica, aqui, adicionaria um número maior de detalhes: a compradora pode tocar, remexer ou simplesmente mexer em seu celular enquanto interage. Essa última ação, inclusive, não alteraria o fluxo interlocucional nem as RI V e IX.

O lobo temporal de O o tornaria F Logo que seu cérebro gerasse o comportamento de responder, integrando a regra interacional III e XIII, já que seu objetivo é vender o produto que F estava procurando. Conseqüentemente, após apresentado o preço, dá-se pelo sistema nervoso periférico a reação da F₂; O₁ tentaria controlar a interação de modo que F₁ saísse com o produto. Assim, haveria um padrão estímulo (proveniente do assunto) – reação (adequada ao cenário) – interpretação (reação consciente e inconsciente do que é dito, procedimento responsivo ao ouvinte).

Interessante seria observar em uma comunidade a predominância sobre a interação maior do sistema nervoso autônomo simpático, por exemplo, em cenários em que os falantes são íntimos ou situações em que o assunto leva ao constrangimento, e mal-entendidos acontecem. Situações formais, nesse mesmo raciocínio, têm como basilares uma maior atuação do sistema nervoso parassimpático. Assim, teríamos o Quadro 5.

I) proximidade s	IV) tonalidade sp	VII) vocatividade p	X) atenção p
II) visibilidade s	V) responsividade p	VIII) respeito p	XI) interesse p
III) foco p	VI) cooperação p	IX) percepção p	XII) adaptação mútua sp
XIII) cordialidade p			

Figura 5. Correlação entre regras interacionais e Sistema simpático/parassimpático.

Poderíamos resumir o cérebro e suas funções no seguinte esquema:

Rede cerebral	Verbos	Função
SNC	Controlar e coordenar	Espacial, mental, visual

SNP	Ler e interpretar	Reagir a estímulos
-----	-------------------	--------------------

Figura 6. Quadro demonstrativo de funcionalidade do cérebro.

4. Para compreender o meio ambiente mental

Após expor as funcionalidades do cérebro e comentar a respeito da ecologia da interação comunicativa, podemos vislumbrar, do ponto de vista da ecolinguística, o meio ambiente mental. Prudente é retomar o conceito de ecossistema linguístico para lembrar que o meio ambiente mental coexiste com o meio ambiente social e o meio ambiente natural. Juntos, formam o meio ambiente integral da língua no contexto do ecossistema integral da língua – o conjunto entre língua-povo-território.

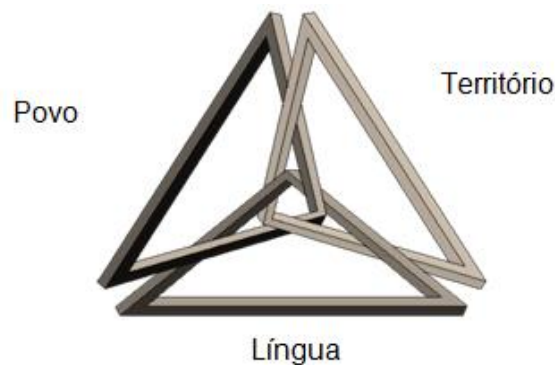


Figura 7. A tríade ecossistêmica (SCHMALTZ NETO, 2015).

Falar sobre o meio ambiente mental é, segundo Couto (2015, p. 45) dissertar sobre os processos do território mental (cérebro), inter-relacionados ao indivíduo por si mesmo (representativo do povo) mais uma língua (língua como fenômeno mental). Um dos seguidores de Couto, Albuquerque (2014), interessado nas ciências cognitivas, propôs uma organização do ecossistema mental a partir de traços do connexionismo, levando em consideração, segundo ele, aspectos anatômicos, fisiológicos e funcionais do cérebro e dos neurônios.

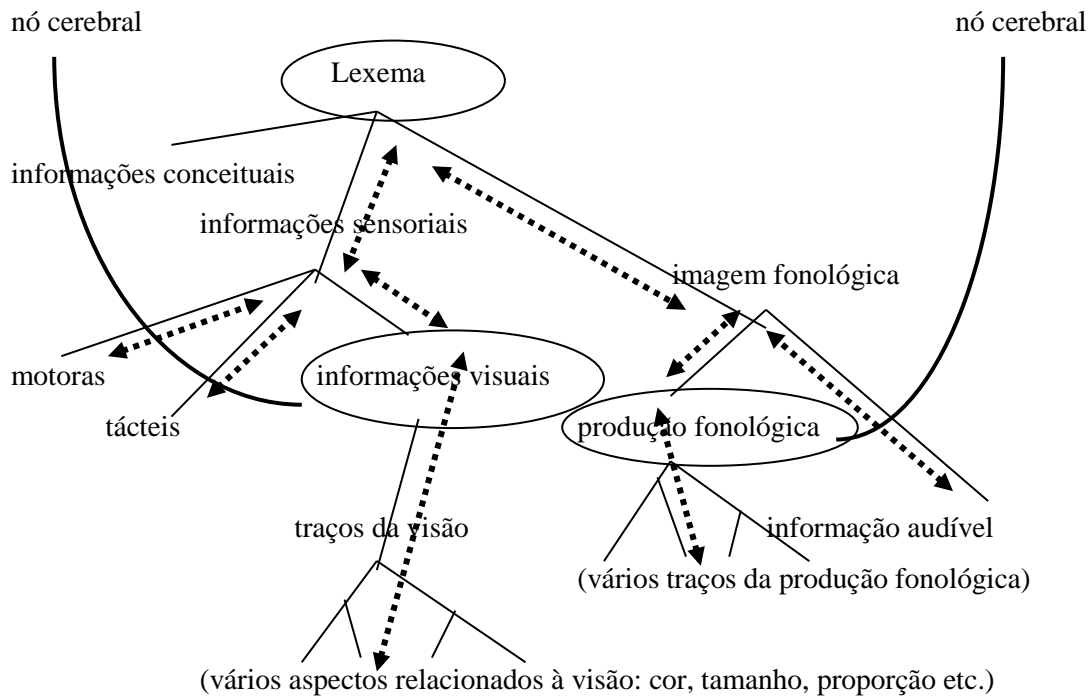


Figura 8. Demonstração de Albuquerque (2014).

No entanto, ao observar seu esquema de organização mental a partir da produção fonológica, ainda retornamos ao ranço de nos prendermos à materialidade do cérebro e não ao cérebro em sua integralidade. O que se tem são constatações do que se produz a partir do biologismo, constatações alegóricas do que se passa no meio ambiente mental. Estudar o cérebro e as funções cerebrais, diante de todas essas colocações, é um projeto multidisciplinar. Para além do biológico e aquém da psicologia, abordagens cognitivas, filosóficas e linguísticas são essenciais para compreendê-lo como órgão que é: responsável por garantir a eficiência de nossa interação, logo responsável por nos fazer humanos.

A maior parte das questões que rondam o cérebro ainda não foi completamente solucionada. Até agora, por exemplo, não existem evidências de que exista um local onde se encontra a consciência, o que leva à crença de que ela é verdadeiramente um esforço neural coletivo. Também se diz que não usamos nem 10% de sua capacidade – o que é uma enorme asneira intelectual repetida ferozmente no decorrer dos anos.

O que nos interessa diante da magnitude do sistema nervoso, central e periférico, é observar que em situações interativas o falante repete um padrão que outrora já acontecera em sua rede neural: há um estímulo, há uma leitura, há uma reação e há um re-estímulo sucessivo, aos modos do ciclo vital da natureza: nascer, crescer, gerar, morrer, nascer, crescer. A imagem de uma matrioshka bem poderia ilustrar tal conceito. Obviamente, aqui se expôs uma porcentagem ínfima do que se pode acompanhar das relações neurais quando há um falante em comunhão interagindo. Esse seria o pontapé inicial de uma observação sobre o meio ambiente mental que se expandiria com os escritos de Jung, Lacan e demais pensadores anatômicos da mente humana.

Posteriormente, também se expandiria para o sistema linguístico político e descentralizado a fim de verificar os fonemas, morfemas e demais aspectos que agora, para o objetivo deste ecolinguista, não cabe discutir. É disso que se trata: ecologizar-se, continuar alternando entre as janelas, sem jamais se atrapalhar com as persianas. E, principalmente, arrancar as travas.

Referências

ALBUQUERQUE, Davi Borges de. A língua portuguesa em Timor-Leste: uma abordagem ecolinguística. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, 2014.

AMARAL, J. R.; OLIVEIRA, J. M. Sistema límbico: o centro de emoções. *Revista cérebro e mente* v. 6, 2000.

BLOOMFIELD, L. Linguistics as a Science. *Studies in Philology* v. 27, n. 4, p. 553-557. Published by: University of North Carolina Press Article Stable.

BOYD, R. Do People Only Use 10 Percent Of Their Brains? *Scientific American*. 7 de fevereiro de 2008.

COUTO, H. Mapa Mental. *Ecolinguística: Revista Brasileira De Ecologia E Linguagem* v. 3, n. 1, 2017. p. 206-227. Disponível em:
<http://periodicos.unb.br/ojs311/index.php/erbel/article/view/10482>

_____. Linguística Ecológica. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem*, v. 1, n. 1, p. 47-81, 10 maio 2015.

_____. *Ecolinguística: um diálogo com Hildo Honório do Couto*. Campinas: Pontes, 2013.

_____. *Ecolinguística: estudos das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

DANGELO, J. G; FATTINI, C. A. *Anatomia humana sistêmica e segmentar: para o estudante de medicina*. Belo Horizonte: Atheneu, 1995.

GATTASS, R. et al. *O pensamento: mapeamento de imagens por ressonância magnética nuclear funcional*. *Revista Cérebro e mente*, v. 9, 2000.

HICKEY, J. *Clinical practice of neurologic and neurosurgical nursing*. Filadélfia: Lippincott-Raven, 1997.

NENOKI DO COUTO, E. K. N. *Ecolinguística e Imaginário*. Brasília: Thesaurus, 2012.

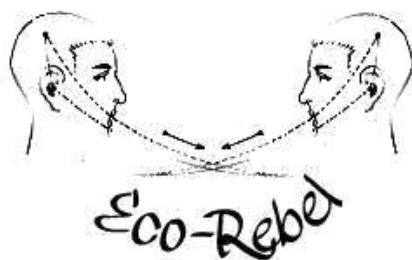
SCHMALTZ NETO, Genis Frederico. Interfaces entre ecolinguística e sociolinguística interacional. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, (ECO-REBEL v. 3, n. 1, 2017, p. 192-205.

_____. O princípio de Borromeu e o ecossistema linguístico triádico. In: *Via Litterae*. Anápolis. v. 7, n. 1, p. 21-29. Jan./jun. 2015

SMELTZER, S.C; BARE, B. G. *Brunner & Suddarth: tratado de enfermagem médico cirúrgica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

Aceito em 19/01/2019.

Ecolinguística: Revista Brasileira de
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 5, n. 1, 2019.



RESENHA

Shapiro, Paul. (2018). *Clean meat: How growing meat without animals will revolutionize dinner and the world*. New York, NY: Gallery Books.

George Jacobs (James Cook University, Cingapura)

Abstract: Human consumption of meat causes grave problems for the environment and makes life a living hell for farmed animals, such as cows, chickens, and pigs. Yet, worldwide meat consumption continues to rise. Despite the availability of vegetarian 'meat,' made from plants, such as soy and peas, even well-educated, well-informed people with middle class (or above) incomes continue to eat animals. Their reasons? Taste, convenience, and habit.

But, what if these people could eat real meat that was easily available at prices at or below the current price of meat from slaughtered animals? The book, *Clean Meat: How growing meat without animals will revolutionize dinner and the world* by Paul Shapiro of Humane Society International, explains how well-financed companies supported by top academic minds and breakthrough technology are hard at work growing meat, leather, milk, other animal based products without animals. Now, these scientists are working in laboratories, but the visionary leaders of these companies promise that in a few years (or sooner) their products will be produced in factories and sold in the meat section of grocery stores and in restaurants such as McDonald's.

How does this meat-growing technology work? Scientists take just one cell, perhaps from a discarded chicken feather, and use that cell to grow chicken meat, such as chicken wings, just as today, scientists can grow human skin for use in skin grafts. This is not science fiction, although obstacles still exist, as documented in *Clean Meat*, real progress is being made. Furthermore, Shapiro introduces readers to the people behind these companies, such as Uma Valeti, a former meat eater, whose compassion for farmed animals led him to give up a very successful career in cardiology to set up a clean meat company which now enjoys financial support from traditional meat companies and venture capitalists.

Resumo: O consumo humano de carne causa sérios problemas ao meio ambiente e pode privar a vida de animais como vacas, galinhas e porcos. Apesar disso, é crescente o consumo de carne. Em que pese a disponibilidade da carne "vegetariana", originária de plantas como soja e ervilhas, mesmo pessoas da classe média, esclarecidas e bem-educadas continuam a comer carne de animal. Por que razões? Gosto, conveniência e hábito.

E, se essas pessoas pudessem comer carne verdadeira, à venda por preços iguais ou inferiores, em açougues etc ? O livro *Clean Meat (Carne Pura)* de Paul Shapiro, membro da Humane Society International (Sociedade Internacional Protetora de Animais), explica

de que modo empresas bem financiadas, que dispõem de mentes acadêmicas brilhantes e de tecnologia de ponta, continuam a realizar um trabalho inovador: produzir carne, couro, leite e outros derivados de animais sem que estes sejam privados do direito à vida. Por ora, esses cientistas ainda estão atuando em laboratórios, mas o líderes visionários nessas empresas prometem que, daqui a alguns anos (ou antes mesmo), seus produtos serão feitos em indústrias e vendidos no açougue ou na seção de carnes de supermercados e também em restaurantes do tipo MacDonald`s.

Como funciona essa nova tecnologia de produção de carne? Os cientistas selecionam uma célula – talvez extraída de uma pena de galinha – usando-a para produzir carne de frango, do mesmo modo que, atualmente, os cientistas criam pele humana para uso em enxertos. Não se trata de ficção científica, apesar dos obstáculos existentes, e como documentado em *Clean Meat*, está havendo progresso. Além disso, Shapiro apresenta seus leitores a pessoas exemplares nessas empresas, como, por exemplo Ume Valeti, um ex-consumidor de carne que interrompeu uma bem-sucedida prática cardiológica para criar uma empresa de Carne Pura que, atualmente, recebe financiamento de empresas tradicionais do ramo de carnes – frigoríficos – bem como de investidores capitalistas.

[Resumo traduzido do inglês por Francisco Gomes de Matos, Professor Emérito da UFPE e Presidente do Conselho da ABA Global Education, Recife].

The review / A resenha

Linguists know that language varies and changes, and that language reflects society, impacts society, and is an area of contention in society. Part of the excitement of being linguists involves seeking to observe, understand, and impact the variation, change, and areas of contention in language. The book being reviewed here can prepare linguists to better understand an ongoing area of language variation, change, and contention. That is whether or not and how humans consume foods created by nonhuman animals.

In particular, this book talks about clean meat, i.e., meat created not from raising and slaughtering animals, but meat that is manufactured outside of animals. This clean meat, as well as similar products such as clean leather and clean milk, is not made from plants or chemicals but uses emerging technology to create meat without animals. Companies making clean meat have financing from some of the big names in the financial world, and even from some of the big names in traditional meat production. Clean meat companies promise to have their products in stores within the next few years. Thus, society is going to change. What about the concomitant language changes?

Meat and other animal based products present many areas of contention in society and language. While the evidence for moving away from animal based products continues to grow, whether it's new research on the health benefits of plant based foods, or new studies linking animal based foods and the worsening effects of climate change, or new reports on how our fellow animals have more capacity than we ever realised to feel emotions and think in a wide variety of ways. But, in the face of this developing body of knowledge, is society really changing? Despite all the exciting knowledge, the large majority of people continue to eat meat. In fact, global meat consumption continues to increase.

Paul Shapiro, a long time animal activist, wrote this book to explain and advocate for a new approach by animals activists, an approach that could produce better results than what we activists have been doing. That approach is rather than convincing people to give up meat or to eat plant based meat, we should provide people with real meat grown

ECO-REBEL

without any harm to animals. The new meat will be exactly the same as the current meat except safer, healthier, and cheaper, not to mention greener and so much more humane. Shapiro illustrates why it is much more effective to give humans a better version of what they want instead of convincing them to change their consumption habits to be kinder to our fellow animals. His first example concerns whales. In the 19th century, whales were killed because oil from their bodies was used to lubricate machines and to light oil lamps. Whaling was estimated to be the fifth largest industry in the U.S. Fast forward to now--the whaling industry is dead; the only ships hunting whales are ships full of tourists shooting whales with cameras, not with harpoons. What killed the whaling industry in the U.S. and most other countries? Was it a whale-sized animal rights campaign on behalf of these giant cetaceans, such as a letter published in a Honolulu newspaper and signed by a “whale”? The letter read in part:

I write on behalf of my butchered and dying species. I appeal to the friends of the whole race of whales. Must we all be murdered ...? Must our race become extinct? Will no friends and allies arise and revenge our wrongs?

No, protests didn't save the whales. What ended the slaughter of whales for their oil was the commercialisation of kerosene in 1854 by Abraham Gesner, an entrepreneur. Kerosene was not only cheaper than whale oil, it was also easier to use and more abundant than whale oil.

Something similar to what saved whales happened to save horses from their role as beasts of burden in human transportation. Back in 1866, the American Society for the Prevention of Cruelty to Animals was founded and proposed many reforms to enhance the horses' welfare, such as a fixed number of rest hours, a weekly day off, and more opportunities to drink water. In addition to animal welfare concern, the use of horses for transport also raised environmental concerns, in particular due to the fact that each day, the typical working horse produced more than 10 kgs of manure and 3.75 litres of urine. That sounds a bit like the pollution caused by the bodily waste of the tens of billions of farmed animals trapped on today's factory farms.

Again, the saviours of the animals were not the animal activists but the inventors, people such as Henry Ford who produced the cars that were so much more convenient and comfortable than riding horses. Yet, was the public hankering for cars? No, according to Ford, the public didn't see the future, “If I had asked people what they wanted, they would have said ‘faster horses’” [It should be noted that the validity of this quote has been questioned: <https://www.entrepreneur.com/article/290410>]. The legacy of the use of horses for transport remains in the use of the term *horsepower* to measure the power of cars.

Shapiro's book chronicles the efforts of contemporary inventors who are developing a variety of ways that humans can still have meat and other animal based products, such as leather, but in forms that are less expensive, safer, greener, easier, and quicker to produce, and, of course, more humane. This is not talking about meat substitutes, such as those by the companies Beyond Meat and Impossible Burger which produce burgers, etc. from plants via high tech processes, in order to mimic the taste, texture, smell, and appearance of meat and other products of animal origin. *Clean Meat* is talking about real meat but grown without animals.

ECO-REBEL

Shapiro quotes Winston Churchill, the famous British WWII leader, who in a 1931 essay looked 50 years into the future and predicted, “We shall escape the absurdity of growing a whole chicken in order to eat the breast or wing, by growing these parts separately under a suitable medium” (p. 8). In a somewhat similar spirit, a clean meat pioneer, Andras Forgas, stated that, “We don’t have to industrialize sentient beings” (p. 11).

Does this seem Frankenstein-ishly shocking? It shouldn’t. Human tissue is already grown in labs on a regular basis, such as for skin transplants. Cells from human patients’ skin is cultured to grow new skin for those patients. Furthermore, foods, such as yogurt and tempe, have long been produced via culturing processes. While today *clean meat* seems to be the popular choice for these new real-meat-without-animals products, many other terms have also been proposed, including *cultured meat*, *lab meat*, *cellular meat*, *in vitro meat*, *synthesized meat*, and even *meat without feet*.

Marketing plays an important role in the acceptance of new products. Thus, it comes as no surprise that companies spent a long time before deciding to use *clean meat*, and the issue may still not be completely decided. Shapiro reports that the name *clean meat* was chosen based in part based on research into people’s responses to various names. Also, the word *clean* resonates because just like clean energy, clean meat will greatly decrease pollution and people’s carbon and water footprints. Additionally, clean meat should help protect people from food borne infections, such as salmonella, and food borne diseases, such as swine flu. However, the clean meat industry may not be able to use the name they choose. For instance, some legislators in France object to the use of ‘meat’ to describe products manufactured to resemble meat products (BOYD, 2018). Would clean meat escape their objections?

After explaining the foundation of the clean meat movement in the book’s first two chapters, Shapiro uses the next five chapters to tell stories of some of the pioneers of clean meat and other products the aim of which is to free animals from the hell of factory farms and slaughterhouses. Chapter 3 tells the story of the famous \$300,000 burger, developed by Dutch scientists led by Mark Post and financed by Google co-founder Sergey Brin. It’s an exciting story including how in 2013, after years of research, Post’s team produced two burger patties in their lab and transported them in a cardboard box to London where a press conference was to be held for the international media. The patties’ first journey was a bike ride from Post’s university to his house where Post put the box in his family’s refrigerator with a sign reading, “Not for Human Use”. “*Next to a carton of orange juice and above a drawer of greens sat what was almost certain to become the most important project of his life. Thankfully his kids didn’t raid the fridge that night*” (p. 69).

The journey to London was made by train. At a tv studio, designed to look like that of a cooking show, Richard McGeown, a famous chef, added sunflower oil to the already heated pan, and “*placed the product of years of hopes and labor into the heat. It sizzled just like a conventional burger would, and pretty soon, ... the aroma of cooking meat filled the air*” (p. 72) in the room filled with VIPs and 100 international journalists. Then, two tasters sampled the burger and declared it close but not the same as the real thing. The tasters had only sampled half the burger, but when journalists asked if they could try the other half, Post replied that he had promised it to his kids.

Chapter 3 also reports that some conventional meat companies including Tyson (the world’s largest ‘dirty’ meat producer) and Soglowek (Israel’s largest producer of processed meat) are showing great interest in clean meat. However, this attitude is not

universal among the conventional meat industry. For instance, Shapiro quotes a National Cattlemen's Beef Association spokesperson as saying in response to Post's event, "*We feel confident that consumers will continue to trust and prefer traditionally raised (not lab-engineered) beef. No laboratory product will ever be able to take the place of cattlemen and women or the dedication they have to the customer ... or to rural America*" (p. 77).

Chapter 4 looks at clean leather and other wearables. Shapiro estimates that humans have been wearing the outsides of other animals, such as their skin and their fur, for at least tens of thousands of years, and today the global market just for leather is worth more than \$100 billion. And, just like meat, leather not only causes tremendous death and suffering to animals, but also creates pollution for the general public and workplace health dangers for employees.

Shapiro wonders if "wearing lab-grown leather [will] make us more likely to eat similarly produced meat" (p. 95). He tells the story of Andras Forgas, a pioneer in clean leather. Forgas was working in China on using 3-D bioprinting to produce human tissues for use in drug testing, when he met the CEO of a leather company who said to Forgas, "*Since you can grow human skin, could you also grow a cow's skin. Think how much money I could save on shoes if you could just grow me the leather. ... Why grow the whole cow when all I want is the skin*" (p. 96). Another firm in the same space, Bolt Threads, is already marketing products made from clean spider silk. (BTW, Post and Forgas are just two of the pioneers in clean meat, clean leather, etc. who are not even lacto ovo vegetarians.)

Chapter 5 tells the story of Memphis Meats, a leader in the clean meat space. Its founder, Uma Valeti, was born a meat eater in India, but an incident when he was 12 years old planted the seeds that blossomed into Memphis Meats after Valeti, whose grandfather was a colleague of Gandhi in India's independence struggle, had launched a career and become a leading cardiologist in the U.S. The young Uma was attending a neighbour's birthday party when he decided to temporarily move away from the merriment being enjoyed by his young peers, "*and venture to the back of the house. ... As children just yards away were having the time of their lives, the animals who would soon be feeding those children were terrified for theirs. ... Over the cries of the doomed beasts, Valeti could hear the cheerful families in the front singing 'Happy Birthday.' 'That's when it really struck me,' Valeti recalls. 'There was a birthday and then there was a death-day— all in the same place and time'*" (p. 112).

After graduating from the Mayo Clinic in the U.S., launching an academic career at the University of Minnesota, becoming a leader of the American College of Cardiology and the American Heart Association, Valeti wanted to give all that up to work full time on clean meat. But, what about his wife and two young children? When Valeti asked his wife, she gave him a very bright green light, "*Look, Uma. We've been wanting to do this forever. I don't ever want us to look back on why we didn't have the courage to work on an idea that could make this world kinder and better for our children and their generation*" (p. 118).

Chapter 5 addresses a major concern with clean meat, the so-called 'yuck' factor: will people be willing to eat meat developed in a lab. Shapiro offers several responses. First, all or almost all processed food is developed in laboratories, even corn flakes. Traditional food companies boast large R&D departments. Second, just like the corn flakes we might

buy at the supermarket, the clean meat that will be on the shelves of the same supermarket will come, not from a lab, but from a factory. Third, take the case of raw fish that today is popular in sushi restaurants in many countries. However, it took time and clever marketing to overcome many people's aversion to eating raw animal flesh. Shapiro recounts how, in a good example of the power of language, sushi marketers called one of their products a *California roll* in order to Americanize it. *Fourth*, Shapiro cites Kristopher Gasteroatos, founder of the Cellular Agriculture Society, who believes that as the Earth's environment continues to deteriorate, people will see the necessity of turning to clean meat, unless they want to give up meat entirely.

In Chapter 6, Shapiro looks at one of clean meat's potential competitors, not meat from farmed animals but plant based meat already being produced via high tech processes and already approaching the taste, look, smell, and texture of "real" meat. Michele Simon, executive director of the Plant Based Foods Association is quoted as saying, "[C]onsidering just how meat-like and milk-like some of the plant proteins have become, do we really need cultured animal products? It's completely possible that by the time clean meats hit the market at affordable prices, the plant-based products may be already sufficient to offer carnivores the taste and texture they're craving" (pp. 150-151).

In the debate between clean meat and plant based meat, Shapiro points out that, "Yes, plant-based meats involve food technology, but nothing on the order of tissue engineering, synthetic serum, and other biotech innovations clean meats companies are borrowing from the medical world" (p. 151). On the other hand, clean meat advocates express concern that plant based meats will never satisfy hard core meat eaters. Additionally, those who want their food to be "natural" may resist the processed nature of plant based meats. There is, Shapiro states, a compromise position: products can be a blend of plant based foods and those foods produced by clean meat/milk/egg processes. What about a term that encompasses both clean meat and plant based meat? In other words, we need a neologism. When I wrote to Shapiro for his suggestions, he sent the following: "Right now, it seems like people are using either alt-meat, alt-protein, or in some cases clean protein. (The latter confuses clean meat and PB meat, so it's not as popular.) Most of the time, I just see 'PB meats and clean meats.'"

Chapter 6's focus is the use of clean meat technology to grow the meat of chickens and other birds. The number of chickens whose lives are mangled by modern factory farm madness dwarfs the number of mammals, such as pigs, cows, and sheep. Yet, the numbers of fishes and other marine animals eaten annually is many times yet larger. Fortunately, a company, Finless Food, is hard at work growing clean fish.

Chapter 7 of this comprehensive book examines a third source of alternatives to foods from farmed animals, not plant-based foods, not clean meat (cellular agriculture), but foods from acellular agriculture. Shapiro explains:

Cellular ag is best known for generating living cells (like muscle and skin cells) that can proliferate and become food or clothing. Acellular ag entails coaxing living, microscopic organisms, like yeast, bacteria, algae, or fungi, to produce specific organic molecules such as fats and proteins that aren't actually alive themselves. In acellular ag, since you're starting with just yeast or some other microorganism as opposed to a biopsy from an actual animal, there's no animal involved in the making of these animal products. At the same time, despite no animal

ECO-REBEL

being involved, the proteins these companies are creating are the same exact proteins found in the animal products they're seeking to replace.

After explaining the science behind acellular ag, the chapter goes on to chronicle the founding and development of three companies that use that science. Perfect Day makes cow's milk, Clara Foods makes egg whites, and Geltor makes gelatine, all from microorganisms. Quorn, which I don't recall seeing in the book, is another, older company (founded 1985) working in the same realm. According to Wikipedia, "All Quorn foods contain mycoprotein as an ingredient, which is derived from the Fusarium venenatum fungus and is grown by fermentation using a process that its manufacturer has described as similar to the production of beer or yogurt." Most Quorn products contain egg, although there are vegan versions.

What about the yuck factor with eating foods from this source? Shapiro's response is to compare foods from non-animal sources with gelatine, milk, and egg whites from animal sources:

"In the case of gelatin, how many people really want to eat hydrolysed collagen from an animal's skin and bones that has marinated in an acid bath for a month? Or milk from a cow who was pumped full of hormones and antibiotics? Or eggs from a bird confined in a cage so small she never spread her wings" (p. 210).

Conclusion

Clean Meat's final chapter, #8, explores some of the philosophical issues, such as whether by eating meat without animals are we depriving farmed animals the chance to live, no matter how short and miserable their life might be. Then, Shapiro turns to the activists' frustration mentioned in this review's first paragraph.

Humans are great at many things, and one of them is rationalizing our conduct so we don't feel mental conflict about our behaviour. ... [W]e almost always adjust our beliefs to comport with the behaviors we want to engage in. And one of those behaviors humans seem very intent to continue is eating meat. It turns out that the maxim is true: it's easier to act your way into a new way of thinking than to think your way into a new way of acting. Once we start acting in a different way—avoiding meat from slaughtered animals—it becomes much easier to start thinking about animals in a different way, too (p. 233).

And, that is the hope of this book, that clean meat and its plant based and acellular cousins will provide alternatives that will lead people to abandon slaughtered meat, just as many people in the 19th century abandoned whale oil, and many people in the 20th century largely abandoned the use of animals for transport. Shapiro is to be thanked for crafting a comprehensive, readable, understandable, and compelling book about an important, big idea, an idea that can go far to reduce animal activists' frustrations by doing so much to lessen the suffering of our fellow animals. My only request for a possible second edition of *Clean Meat* is to add an index. For more from Paul Shapiro, you can read an interview with him by The Vegan Strategist, Tobias Leenaert at

<https://veganstrategist.org/2018/01/15/clean-meat-animals-best-hope-interview-paul-shapiro>

In conclusion, these are exciting times for ecolinguists with the recent launch of the International Ecolinguistics Association (<http://ecolinguistics-association.org>), with new ideas on how to do ecolinguistics analysis (e.g., STIBBE, 2015), and with growth in the number of academic journals publishing articles on ecolinguistics. The development in the food space chronicled in the book *Clean Meat* offers many opportunities for linguistic analysis, e.g., Jacobs et al. (2017) used various Google tools to look at the diachronic and synchronic variation in the use of the terms *vegetarian*, *vegan* and *plant based*. Before we can analyse, we must first understand, and Shapiro's book helps us do that.

References

BOYD, P. J. I want to eat a 'veggie sausage', not a 'mycoproteinous food tube'. *The Guardian*. 2018. Retrieved from

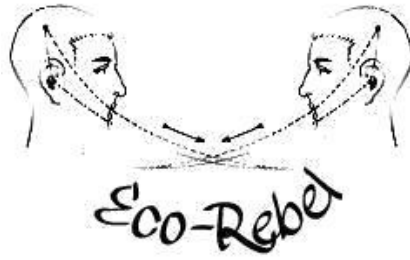
<https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/apr/23/veggie-sausage-food-france-ban>

JACOBS, G. M.; JEYAVELU, S.; GRELICHE, N. How should you label? An analysis of different 'vegetarian' terms. *Asia Pacific Food Industry*. 2017. Retrieved from <http://apfoodonline.com/industry/how-should-you-label-an-analysis-of-different-vegetarian-terms>

STIBBE, A. *Ecolinguistics: Language, ecology, and the stories we live by*. Abingdon, United Kingdom: Routledge, 2015.

Aceito: 25/11/2018.

Ecolinguística: Revista Brasileira de
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 5, n. 1, 2019.



MINIRRESENHAS

Os Organizadores

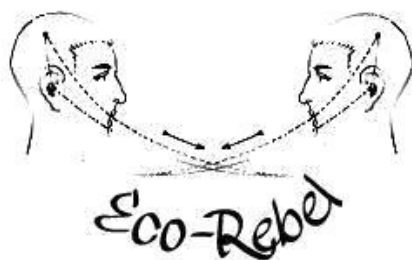
Carme Junyent. *Contra la planificació: una proposta ecolingüística*. Barcelona: Editorial Empúries, 1998, 187p.

No número anterior de *ECO-REBEL* (v. 4, n. 2, 2018) já havíamos minirresenhado *Contra l'imperialisme lingüístic: a favor de la linguodiversitat*, do catalão Pere Comellas-Casanova (Barcelona: La Campana, 2006). Oito anos antes, no entanto, a também catalã Carme Junyent já tratava aproximadamente da questão do planejamento linguístico desigual de uma perspectiva ecolinguística. Desigual porque visa à implantação da língua estatal, deixando os falantes de línguas "minoritárias" sem outra alternativa que não seja aprendê-la. Daí o título "Contra o planejamento", já que seu objetivo é planejar o recuo das línguas "minoritárias", "regionais" etc. É no subtítulo que vem o desiderato maior, "uma proposta ecolinguística". Esta sim, é de cunho inteiramente ecolinguístico, pois visa a planejar a diversidade linguística, não o predomínio absoluto da "língua dominante". Trata-se de um livro de cunho claramente ecolinguístico, talvez até mesmo ecossistêmico, e isso já a década de noventa do século passado. Ele é ecolinguístico não apenas como declaração de intenção, mas na prática. Isso pode ser visto sobretudo nos capítulos 5 a 8. Para se ter uma visão geral do livro, eis o seu Sumário (*Índex*):

Índex

Introducció

- 1. Entre la maledicció de Babel i el do de llengües*
- 2. Els motors de la substitució*
- 3. Els mites*
- 4. Les actituds lingüístiques*
- 5. El pensament ecològic*
- 6. L'ecologia del llenguatge*
- 7. L'ecologia lingüística*
- 8. Bases per a una planificació ecolingüística.*



ENTREVISTA COM ECOLINGUISTAS

Francisco Cardoso Gomes de Matos (UFPE)

BREVE APRESENTAÇÃO / BRIEF PRESENTATION

O professor Francisco Gomes de Matos obteve o título de mestre em Letras pela Universidade de Michigan (1960) e o de doutor em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas pela PUC-SP (1973). Foi docente nesta universidade e na UFPE, entre outras. Lecionou no Museu Antropológico do México, na Universidade de Ottawa e na Universidade de Georgia (Athens). De 1966 a 1979, foi Diretor do Centro de Linguística Aplicada e Diretor Pedagógico do Instituto de Idiomas Yázigí. Já em 1975 associava ensino de inglês com abordagem ecológica. É cofundador da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). Integrou sua primeira diretoria, como secretário, além de ter sido seu presidente no biênio 1981-1983. Lutou muito pelos direitos linguísticos das pessoas, tendo publicado o artigo “Por uma Declaração de Direitos Linguísticos Individuais”, na *Revista Cultura Vozes*, 1978. Tem atuado em prol de uma “linguística da paz” e uma “paz comunicativa”. Autor de apelo pioneiro em favor de uma Declaração Universal de Direitos Linguísticos (1984). Conferencista de abertura do Congresso Mundial de Linguística Aplicada (AILA), Bruxelas, 1984. No que tange à ecolinguística especificamente, publicou “A case for an ecolinguistic identity” no *Boletim da FIPLV*, disponível em www.fiplv.org/news42htm (1998), com o que ele foi um dos primeiros a usar a palavra “ecolinguística” no Brasil. Esse texto saiu em tradução portuguesa em *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, 2015. Em 1996, ele já publicara o livro *Pedagogia da positividade: comunicação construtiva em português* (Recife: EdEPE). Na seção “Linguística e Educação Ambiental”, do livro *Comunicar para o bem: Rumo à paz comunicativa* (São Paulo: Editora Ave-Maria, 2002), associa língua e meio ambiente explicitamente e chega a conceituar ecolinguística. Cofundador de PILEI (Programa Interamericano de Lingüística y Enseñanza de Idiomas), ABRALIN, ALAB, World Dignity University Initiative e ABA Global Education (Recife). Atualmente, é Professor Emérito da Universidade Federal de Pernambuco. A famosa conferência de Halliday, “New ways of meaning: The challenge to applied linguistics”, proferida no encontro da AILA em Tessalônica em 1990 (reproduzida como artigo e diversos capítulos de livros) começa mencionando o nome de Gomes de Matos.

-ECO-REBEL: Professor Francisco, embora o senhor seja mais conhecido como estudioso de linguística aplicada e professor de língua inglesa, temos notado que há muitas incursões suas no que hoje se chama de ecolinguística. O senhor é um dos primeiros, se não o primeiro, a tocar nesse assunto no Brasil. Isso tem a ver com sua profissão de professor de língua inglesa e especialista em linguística aplicada?

-Francisco Gomes de Matos: Tem, sim. Foi graças a minha dupla missão profissional, de professor de inglês e linguista aplicado, que tive excelentes oportunidades de crescimento interdisciplinar. Assim, em 1955, quando estava concluindo meu Bacharelado em Letras Anglo-Germânicas na então Universidade do Recife (atualmente UFPE), recebi uma bolsa do Institute of International Education para fazer um estágio na University of Michigan (Ann Arbor). Ali, fui ouvinte no curso dado pelo eminente e inspirador estruturalista Charles C. Fries. A referida disciplina intitulava-se Introduction to Linguistic Science. Uma coisa me impressionou nas aulas desse pioneiro da Linguística Aplicada: ele tinha feito uma pesquisa sobre o inglês usado por militares americanos em sua correspondência com familiares. Dessa investigação resultou a *American English Grammar*, precursora do que muitas décadas mais tarde viria a ser Análise do Discurso. Esse foco nos dados linguísticos me fez ver como era importante considerar-se o contexto de uso linguístico. Poderia dizer que foi uma antevisão ecolinguística que tive: uma boa amostra de como descreverem-se usos de um idioma em um contexto bem específico e relacionarem-se os resultados à educação linguística (no caso, uma nova maneira de produzirem-se gramáticas, com atenção primacial às opções de uso feita pelos usuários, no caso, militares).

- EC: Temos informação de que o senhor já associava "língua" (ou ensino de língua) com "ecologia" muito tempo atrás. Quando começou isso?

- FGM: Devo ter associado língua com ecologia ao ler a seção "Man`s place in Nature", no livro *A Course in Modern Linguistics*, do linguista-antropólogo Charles F. Hockett, publicado pela Macmillan em 1958. Relacionar ensino de línguas à ecologia foi algo que ocorreu em minha experiência de mestrando na University of Michigan, 1959-1960. Ali, tive o imenso privilégio-benefício de aprender com Robert Lado, autor do pioneiríssimo *Linguistics across cultures: Applied Linguistics for Language Teachers*, publicado pela University of Michigan Press, em 1957 (só traduzido no Brasil em 1974, sob o título, incompleto, de *Introdução à Linguística Aplicada*). O enfoque intercultural adotado por Lado em suas aulas e em sua gestão como Diretor do English Language Institute na referida universidade tinha, implícito, um componente ECOlinguístico, principalmente quando ele desafiava os leitores de seu livro a comparar aspectos de duas culturas. Em que pesem essas percepções iniciais da interação língua-ecologia, só comecei a imaginar possibilidades aplicativas educacionais a partir de 1973 quando li *The Ecology of Language* de Einar Haugen, publicado em 1972, pela Stanford University Press. Haugen afirmava haver um forte componente linguístico na linguística ecológica e sustentava que o verdadeiro meio ambiente de uma língua é a comunidade de seus usuários. Naquela época eu já estava residindo em São Paulo, onde fui assumir a direção do Centro de Linguística Aplicada Yázigi (a partir de março de 1966).

- EC: Nós nos lembramos de pesquisas suas da década de 70/80 do século passado falando em "português positivo". Vimos inclusive a associação de ecologia com ensino de línguas. O senhor poderia falar um pouco sobre isso?

- **FGM:** Um dos primeiros textos meus em que abordo a positividade linguística foi "Português Positivo", publicado pela *Revista Internacional de Língua Portuguesa* (Lisboa), em meados dos anos oitenta, salvo engano. Meu interesse por uma cosmovisão positiva me fez publicar uma série de artigos na *Revista Ave Maria* (SP), de que resultaria o livro *Pedagogia da Positividade. Comunicação construtiva em Português*, publicado pela Editora da UFPE em 1996. Foi, entretanto, em 2002, em meu livro *Comunicar para o Bem: Rumo à Paz comunicativa* (São Paulo: Editora Ave Maria) que explicitarei minhas ideias de cunho ecolinguístico. Assim, na terceira parte do livro - Cidadania, Educação e Trabalho - há uma seção sobre "Linguagem e Educação Ambiental". Ali, digo aos leitores "Somos não apenas seres ecológicos, mas também ecolinguísticos. Por meio das línguas que usamos, representamos nossas percepções dos seres e das coisas existentes no ecossistema em que convivemos" (p. 66). Informo também que "um novo campo interdisciplinar, chamado Ecolinguística, já foi incluído nos Congressos da AILA, desde 1996. Na seção "Nosso Português e os Animais", indago "Até que ponto somos merecedores de uma avaliação favorável, como seres ecológicos se, para caracterizar o comportamento agressivo de alguém, a essa pessoa nos referimos como um ANIMAL?" (p. 67).

- **EC:** Acabamos de ver que o senhor foi diretor do Instituto de Idiomas Yazigi durante alguns anos. Foi possível conciliar essa posição com uma postura ecológica?

- **FGM:** Você pergunta sobre minha gestão no Yázigi. Ali, de 1966-1979, fui Diretor do Centro de Linguística Aplicada (por recomendação do PILEI, Programa Interamericano de Linguística y Enseñanza de Idiomas) e Diretor Pedagógico do Instituto de Idiomas Yázigi. O ambiente Yázigiano foi muito propício à adoção de uma postura ecolinguística. Assim, pude colaborar com Catherine Young Silva na iniciativa pioneira de publicação de Junior English Program, um conjunto pedagógico destinado principalmente à sensibilização ecolinguística de pré-adolescentes brasileiros que estudavam inglês na rede do referido Instituto. Em 1975, no Congresso Mundial da AILA, em Stuttgart, apresentei uma comunicação intitulada "A pedagogical-ecological approach to English for Brazilian preadolescents". O pioneirismo Yazigiano foi reconhecido, inclusive pela UNESCO.

- **EC:** Como o senhor definiria a ecolinguística?

- **FGM:** Definiria ecolinguística como o estudo da interação entre língua(gem) e seus usuários em meio ambientes diversos. Opto por uma percepção representacional da ecolinguística, focando questões do tipo: Como nos referimos aos seres, às coisas na natureza? (RE)tratamos os animais com dignidade comunicativa? Sabemos integrar expressões ecolinguísticas em nossa comunicação cotidiana ou mesmo na prosa acadêmica? Como? Sabemos honrar nossa identidade ecolinguística? Como?

- **EC:** O que o senhor acha de se aplicar a proposta de Fritjof Capra da "visão ecológica do mundo (VEM)" ao estudo dos fenômenos da linguagem?

- **FGM:** Por desconhecer a proposta de Capra, não respondo à pergunta.

- **EC:** O senhor excluiria os fenômenos "estruturais" do objeto de estudo da ecolinguística?

ECO-REBEL

- **FGM:** Não, porque toda língua é integração de significados+formas(estruturas)+usos em contexto(s), cognitivamente CRIativos por usuários. Não isolaria a dimensão estrutural das outras duas. Opto por uma visão holística.

- **EC:** O senhor acha que a ecolinguística deve se restringir ao estudo de discursos que tenham a ver com questões ambientais, de minorias, de crescimento (*growthism*) e assemelhadas?

- **FGM:** Sou propenso a ver a ecolinguística mais abrangentemente, sem restringir-se discursivamente. Priorizaria uma compreensão da ecolinguística mais humanizadora, dignificante das interações entre seres humanos e meio ambiente, aproximando os fazeres ecolinguísticos aos da linguística da paz, da linguística do não matar (*Nonkilling Linguistics*).

- **EC:** Se sim, o senhor não acha que isso poderia ser perfeitamente estudado pela sociologia, pela filosofia, pela teoria literária etc., caso em que a ecolinguística seria desnecessária?

- **FGM:** Não, porque a descrição ecolinguística engloba questões-chave inspiradoramente enunciadas ou implícitas no pensamento haugeniano: Quem são os usuários? Em que ambientes atuam/interagem? Como? Quais suas atitudes perante outros usuários /outros seres no meio ambiente? Como os usuários se adaptam ao meio ambiente, comunicativamente? Como os usuários exercem seus direitos /suas responsabilidades ecolinguísticas?

- **EC:** Por exemplo, quem usar uma das diversas versões da análise do discurso para analisar textos ambientalistas estará fazendo ecolinguística?

- **FGM:** O prefixo ECO é muito produtivo, gerador de conceitos derivados. Assim, precisaria aprofundar meus conhecimentos para responder à desafiadora questão.

- **EC:** Por começar pelo prefixo "eco-", a ecolinguística pode usar categorias da ecologia biológica em suas análises? Se sim, todas elas ou apenas algumas? Quais, por exemplo?

- **FGM:** A ecolinguística precisa ter independência/autonomia conceitual-terminológica, podendo tomar emprestados conceitos-chave e também fornecê-los a áreas afins ou mesmo aparentemente distantes.

- **EC:** O senhor vê diferença entre "ecologia linguística", em que o substantivo é "ecologia", e "linguística ecológica", em que o substantivo é "linguística"?

- **FGM:** Em ecologia linguística, faz-se ecologia com um componente linguístico. Em linguística ecológica, faz-se linguística com um componente ecológico.

- **EC:** Que futuro o senhor vê para a ecolinguística no mundo?

ECO-REBEL

FGM: Um futuro desafiadoramente sustentável: o de ajudar a preparar cidadã(o)s ECOLinguisticamente corresponsáveis. Usuários que sejam ECODignificadores das interações entre seres e meio ambiente.

- **EC:** E para países como Brasil, Indonésia e China, em que ela está despontando com bastante força?

- **FGM:** MUITÍSSIMO relevante pode ser a ecolinguística em países em desenvolvimento. Principalmente se essa intercência/arte ajudar a educar crianças/jovens para um mundo ECOLinguisticamente justo, fraterno, pacífico

- **EC:** Por que a ecolinguística nasceu e tem florescido na Europa, não nos Estados Unidos?

- **FGM:** Uma questão de saber fazer-se o *marketing* da ecolinguística no contexto americano. Dentre as medidas: incrementar-se a oferta de cursos (graduação/pós-graduação) em que a ecolinguística seja uma das áreas constituintes. Em eventos ecolinguísticos, bem poder-se-ia discutir essa questão e buscar-se soluções adequadas

- **EC:** O senhor gostaria de acrescentar alguma coisa, algo que não foi contemplado nas perguntas supra?

- **FGM:** Agradecer oceanicamente por essa oportunidade. Que a ecolinguística continue a florescer entre nós e em outros *LANGscapes**, para tomar emprestado essa cunhagem. Quem sabe, muito breve, teremos também uma ecolinguística antecipadora/ imaginativa?

- **EC:** Muito obrigado, professor Francisco!

*Nota dos organizadores: *Langscape* é o nome da Newsletter da ONG Terralingua, dirigida por Luisa Maffi: <http://www.terralinguaubuntu.org/Landscape/home.htm> (acesso: 30/08/2017).

Ecolinguística: Revista Brasileira de
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 5, n. 1, 2019.